

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA

*“O pouso da esperança”
Lima Barreto e sua formação
literária e intelectual*

Keila Vieira de Sousa

Fortaleza
2007

Keila Vieira de Sousa

*“O pouso da esperança”
Líma Barreto e sua formação
literária e intelectual*

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em Letras –
Mestrado em Literatura Brasileira da
Universidade Federal do Ceará.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Odalice de Castro Silva

Fortaleza
2007

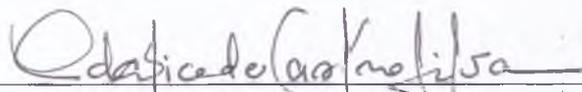
Keila Vieira de Sousa

“O pouso da esperança”

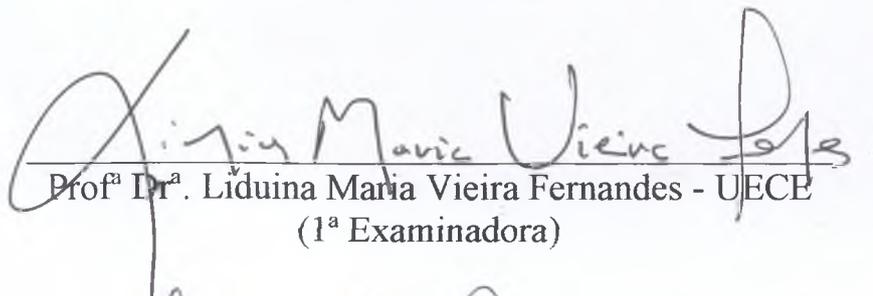
Lima Barreto e sua formação literária e intelectual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará para Defesa.

Banca de Defesa de Dissertação:



Prof^a. Dr^a. Odalice de Castro Silva – UFC
(Orientadora)



Prof^a Dr^a. Liduina Maria Vieira Fernandes - UECE
(1^a Examinadora)



Prof^a Dr^a. Ana Maria César Pompeu - UFC
(2^a Examinadora)

DEDICATÓRIAS

Ao Marcelo, pela paciência e por tudo que o sentimento traduz;

À Prof^a Odalice de Castro Silva, pelo incentivo e amizade;

À Prof^a Liduina Maria Vieira Fernandes, pela disponibilidade;

À Prof^a Ana Maria César Pompeu, por ter aceito, prontamente, participar da análise deste trabalho.

À Yasmine de Castro, pelas risadas, aqui e em Salvador; e, principalmente, pela esperança;

À Iracy Inagaki e Valdivino Serra Azul, por tudo que as palavras não podem dizer;

À Jack Brito, July Brito e Rodrigo Filho por entenderem as férias distantes;

À Lidu, pela amizade e ligações de coragem e fé;

À Varele Gama, pelas loucuras e apoio na reta final;

À Carin Thies, pelo inverno, os pampas, o Érico;

Ao Ricardo Dantas, por uma tarde na Barra e por um dia de sol em Salvador.

À Cida e Sérgio, pelo conforto e pela saudade.

Ao Nem, por todas as risadas que suspendemos...

Ao Marcelo, Meire e Gilson, pelo “E o trabalho, já terminou?”

A meus irmãos, pela “doce chatice” de serem irmãos.

Ao meu Pai e a minha Mãe, pois sem eles “o agora” seria apenas um sonho...

À Maria e ao José, pela ajuda celestial.

Enfim, a todos que eu esqueci de mencionar.

AGRADECIMENTO

À Profª Odalice de Castro Silva,

Para quem faria um poema se soubesse fazê-lo. No entanto, deixo registrada minha imensa admiração pela maneira como trata com seriedade e respeito seus alunos e sua profissão.

Lamento as enormes injustiças sofridas pela professora ao longo da coordenação deste curso de pós-graduação, entre 2002-2006, confirmando, na minha concepção, a falta de solidariedade e de amor que se instalam nas humanidades.

Creio que sem a esperança e a força que emanavam e emanam de suas doces palavras, não teria sido possível, também para mim, escrever este trabalho.

Assim, agradeço, mais uma vez e sempre, por ter me ajudado a acreditar na vitória, mesmo que renascida, da verdade e da justiça.

Este é um trabalho de e sobre “esperança”, e de como ela pode erguer as pessoas.

À senhora, professora,

pois em mim “uma esperança pousou”.

Obrigada.

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo, a tua vara e o teu cajado me consolam.

(Salmos, 23:4)

RESUMO

Este trabalho, fruto dos estudos empreendidos a partir do Grupo de Pesquisa “Espaços de Leitura: Cânones e Bibliotecas” - registrado no CNPq, e do Projeto de Pesquisa “Histórias de Leituras: Bibliotecas Pessoais”, ambos coordenados pela Prof.^a Dr.^a Odalice de Castro Silva, procura investigar o campo literário e a formação intelectual de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) a partir da leitura de *Diário Íntimo*, escrito entre 1900 e 1922. A primeira parte desta dissertação intitula-se “CAMPO LITERÁRIO” e retoma as idéias de Pierre Bourdieu, em *As regras da arte*, e Dominique Maingueneau, em *O Contexto da obra literária*, sobre a relação que o escritor mantém com seu espaço de criação, neste caso, o Rio de Janeiro, e as forças nele atuantes: a casa, o emprego, os conflitos sociais e econômicos, por exemplo. No primeiro momento, discute-se a importância do campo literário e de algumas categorias, como a interação texto-leitor, que teve como suporte teórico Hans Robert Jauss, em *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária* e Wolfgang Iser, com o ensaio “A interação do texto com o leitor”; a noção de intelectual, a partir das conferências de Edward Said, em *Representações do intelectual*, e de Jean-Paul Satre, em *O que é a Literatura*; e de estilo e escritura em *O grau zero da escritura*, de Roland Barthes. As angústias e as esperanças descritas no *Diário Íntimo* permitiram, no segundo momento, apresentar alguns retratos do campo histórico e social do final do século XIX e início do século XX e, quando possível, compará-los às imagens apresentadas pelos historiadores sociais como Brito Broca, a partir de *A vida literária no Brasil - 1900*. A segunda parte, “FORMAÇÃO INTELECTUAL”, pauta-se na busca de Lima Barreto por um “espaço possível” para a sua escritura, a partir da relação necessária e conflituosa entre formação ⇔ libertação da palavra. Discute-se, então, a categoria leitor, tendo, como suporte, teóricos já citados, como Dominique Maingueneau, e de outros estudiosos sobre o assunto e/ou o escritor: Maria Helena Martins, Augusto Meyer, Roger Chartier, Marcel Proust, Lúcia Miguel-Pereira, Antonio Arnoni Prado, Sônia Brayner, Cavalcanti Proença. Em seguida, a sugestão da imagem de Lima Barreto-leitor, que registra em *Diário Íntimo* suas impressões de leitura, é adicionada às idéias de Phillipe Lejune, em *Les brouillons de soi*, ao dizer que “Muitos escritores mantiveram diários, que foram as matrizes, os reservatórios, os ateliês de suas obras”, para mostrar o campo intelectual daquele, dentro de dois aspectos: o primeiro, “Matrizes” e “Reservatórios”, em que se comenta aspectos da periodização e se analisa, através de recortes de leituras, a relação de Lima Barreto com a tradição e escritores pertencentes ao cânones da época; os argumentos partiram, principalmente, de *Introdução à Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho e dos ensaios de Ricardo Piglia, “Memoria y Tradición” e de Roberto Reis, “Cânon”. O último momento, desta segunda parte, designa-se “Ateliê” e nele foram apresentados alguns esboços de linguagem e de escritura delineados no *Diário Íntimo*. Para a escrita, serviu de referência a leitura do ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”, de Antonio Candido. Assim, através do campo literário e da formação intelectual estudados em *Diário íntimo*, buscar-se-á compreender os motivos que levaram o escritor e intelectual Lima Barreto a colocar sua obra a serviço da sociedade, denunciando e desvelando as relações humanas, a fim de possibilitar ao homem/leitor liberdade de expressão e consciência crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto, Campo Literário, Campo Intelectual.

ABSTRACT

This work, as a result of some studies developed by the research group “Espaços de Leitura: Cânones e Bibliotecas” – enrolled in CNPq system and by the research project “Histórias de Leituras: Bibliotecas Pessoais”, both studies coordinated by the teacher Dra. Odalice de Castro Silva, intends to investigate the literary field and intellectual background of Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), taking as source of this analysis the book *Diário Íntimo*, Barreto’s piece written among 1900-1922. The first part of this work, titled “**CAMPO LITERÁRIO**”, takes Pierre Bourdieu and Dominique Maingueneau’s ideas, respectively found in *As regras da arte* and *Le contexte de l’oeuvre*. These authors discuss the relationship between the writer’s space of creation, in this case, Rio de Janeiro and the forces in process in this space such as: home, social and economic conflicts. At the first moment, it is pointed out the importance of the literary field and the relevance of some categories: the link text-reader that was supported by Hans Robert Jauss’s and Wolfgang Iser’s thought in *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft* and “A interação do texto com o leitor”, respectively, the notion of intellectuality coming from Edward Said’s lectures in *Representations of the intellectual* and Jean-Paul Sartre’s ideas in *Qu’est-ce que la littérature?*, and, at last, the matter of style and writing based on Roland Barthes’s view in *O grau zero da escritura*. At the second moment, sorrows and hopes described in *Diário Íntimo* let us to picture some historical and social portraits of the end of XIX century and the beginning of XX century, at this very moment a parallelism between the portraits and the real historical setting of that time is established, taking into consideration the social and historical analysis conducted by Brito Broca in *A vida literária no Brasil-1900*. The second part “**FORMAÇÃO INTELECTUAL**” focus Lima Barreto’s quest for a ‘space of the possibility’ in which he can firm his writing, taking into consideration the demanding and conflictuous relationship between formation of ⇔ liberty from the word. Now, it is discussed the reader category based on the previous cited authors, for example Dominique Maingueneau and other names as the writers: Maria Helena Martins, Augusto Meyer, Roger Chartier, Marcel Proust, Lúcia Miguel-Pereira, Antônio Arnoni Prado, Sônia Brayner, Cavalcanti Proença. The next topic deals with the perception of the reader Lima Barreto’s image, who writes down in the diary his reading impressions, this image is related to Phillipe Lejeune’s ideas in *Les brouillons de soi*, book in which Lejeune comments “Many writers had diaries which were the roots, the reservatories, the art office of their books”. This comment will be used to show Lima Barreto’s literary field into two aspects: first point, ‘Roots’ and ‘Reservatories’, in this section it will be questioned time aspects and it will be touched, throughout reading fragments, the relationship among Lima Barreto, tradition and writers, at that time, accepted as canonic authors. All this matter will be based on the arguments extracted mainly from *Introdução à Literatura no Brasil* by Afrânio Coutinho’s and from Ricardo Piglia’s and Roberto Reis’s essays respectively in “Memoria y Tradición” and “Cânon”. The last moment of this second part is named ‘Art Office’, in which some language and writing tentatives found in *Diário Íntimo* are exposed. Now Barreto’s writing was studied following the essay “Os olhos, a barca e o espelho”, by Antonio Candido. So, throughout the literary field and intellectual background analysed in *Diário Íntimo*, we will try to comprehend the motivation that conducts Barreto to put out his masterpiece for society appreciation, masterpiece which denounces and uncovers human behavior, that is, literature that tries to offer to the man-reader a freer voice and a more critic conscience.

KEYS-WORDS : Lima Barreto, Literary Field, Intellectual Field.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
“Uma quase cena de leitura”	14
1ª PARTE: O CAMPO LITERÁRIO	
1 Os caminhos do escritor	17
1.2 A importância do campo literário	20
2 A escrita de um diário	35
2.1 Imagens e conflitos para um esboço do campo literário	38
2.1.1 Retratos em <i>Diário Íntimo</i>	42
2ª PARTE: A FORMAÇÃO INTELECTUAL	
1 O campo intelectual	60
2 Representação do leitor no <i>Diário Íntimo</i>	68
2.1 “Matrizes” e “Reservatórios”: tradição e cânone nos recortes de leitura	76
2.2 “Ateliê”: os esboços	91
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS	106
ANEXO 01 (Inventário de Lima Barreto)	
ANEXO 02 (Sinopse cronológica da vida de Lima Barreto)	
ANEXO 03 (Pintura de Jean-Baptiste-Siméon Chardin, “Le Philosophe lisant”)	
ANEXO 04 (Nota de <i>Diário Íntimo</i> , de 1908, e conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis)	

INTRODUÇÃO

“No princípio criou Deus os céus e a terra.”

“E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom. E foi a tarde e a manhã o dia sexto.”

(Gênesis 1:1, 31)

Da Idéia e Origem

O (re)encontro gratificante com Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e sua obra se deu na disciplina “Estudos Interculturais”, ministrada em dezembro de 2001, pela Profª Drª Odalice de Castro Silva, no Curso de Especialização em Estudos Literários e Culturais, da Universidade Federal do Ceará, do qual ela era coordenadora.

Até então, a obra do escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* era, para nós, apenas um retrato dos problemas pessoais que o assombraram durante toda a vida. Foram as possibilidades de leitura orientadas pela Profª Drª Odalice de Castro Silva, na disciplina já citada e em outros momentos, que transformaram o escritor carioca em “capricho” literário, à medida, que lê-lo tornou-se um desafio, não de linguagem, mas de idéias, de reflexão sobre o mundo.

Como o jogo metafórico do esconde X revela, quase dois anos após o “(re)encontro”, o escritor se fez presente, em 2003, na monografia final do curso de Especialização, “A função crítico-social da literatura em alguns contos de Lima Barreto”, orientada pela Profª Odalice de Castro Silva; e entre 2005-2006, em artigos e comunicações apresentados em congressos e seminários.

Imaginar-se-á, então, que não houve dificuldades nem novidades para o pesquisador, ao se debruçar sob a obra de Lima Barreto. Ao contrário. Esta dissertação só veio a acrescentar informações e discussões aos estudos iniciados em 2001, pois aquela se configura como resultado de uma outra leitura e de um outro olhar orientados pelo projeto de pesquisa

“Histórias de Leituras: Bibliotecas Pessoais” e pelo Grupo de Pesquisa, registrado no CNPq, “Espaços de Leitura: Cânones e Bibliotecas”, ambos coordenados pela Prof^a Dr^a. Odalice de Castro e Silva, uma vez que se buscou compreender o espaço, as forças e as leituras que motivaram a fortuna poética de Lima Barreto e que o levaram a ocupar um lugar no sistema literário, mesmo que em sua época, à margem.

Dos Motivos e Criação

A epígrafe inicial, “No princípio criou Deus os céus e a terra”, que nos remete à criação do mundo, dentro do pensamento cristão, leva-nos a imaginar como o mundo era antes de se constituir “mundo” e como se processou a “transformação” que o tornou habitável e, até o momento, único. Provavelmente, estas sejam questões que inquietem os cientistas desde há muito tempo.

Mas se a idéia inicial, “de criação do mundo”, for transposta para o universo ficcional e alguém perguntar: “Como esse ou aquele indivíduo chegou a ser escritor”? “Que caminhos o escritor trilhou para produzir esse ou aquele texto”? Não seria, para os estudiosos de literatura, também, inquietante?

Quando se lê ⇔ pensa um texto de natureza literária, tende-se a colocar o escritor à distância de sua criação, isto é, como se o objeto (mundo/obra) não fizesse parte de quem o idealizou (Deus/escritor). Mas, tem-se, ainda, um problema ainda maior: como ele (o escritor) construiu algo “bom”?

No caso de Lima Barreto, como pôde conceber uma fortuna poética, relativamente extensa (dezessete volumes) e diversificada (romances, contos, crônicas, sátiras, artigos e

correspondências), vivendo em uma sociedade (o Rio de Janeiro), do final do século XIX e início do século XX, marcada por profundas transformações sociais, políticas e econômicas?

Para responder a esta indagação, mesmo que parcialmente, este trabalho, comparativo-argumentativo, intitulado “**O pouso da esperança** - Lima Barreto e sua formação literária e intelectual”, procura investigar a formação de Lima Barreto, a partir da “História de Leitura” do *Diário Íntimo*.

A primeira parte desta dissertação intitula-se “**CAMPO LITERÁRIO**” e retoma as idéias de Pierre Bourdieu, em *As regras da arte*, e Dominique Maingueneau, em *O Contexto da obra literária*, sobre a relação que o escritor mantém com seu espaço de criação, neste caso, o Rio de Janeiro, e as forças nele atuantes: a casa, o emprego, os conflitos sociais e econômicos, por exemplo.

No primeiro momento, discute-se a importância do campo literário e de algumas categorias, como a interação texto-leitor, que teve como suporte teórico o estudo de Hans Robert Jauss, em *A Estética da Recepção* e Wolfgang Iser, com o ensaio “A interação do texto como leitor”; a noção de intelectual, a partir das conferências de Edward Said, em *Representações do intelectual*, e de Jean-Paul Sartre, em *O que é Literatura*, e de estilo e escritura em *O grau zero da escritura*, de Roland Barthes.

As angústias e as esperanças descritas no *Diário Íntimo* permitiram, no segundo momento, apresentar alguns retratos do campo histórico e social do final do século XIX e início do século XX e, quando possível, compará-los às imagens apresentadas pelos historiadores sociais como Brito Broca, a partir de *A vida literária no Brasil - 1900*.

A segunda parte, “**FORMAÇÃO INTELECTUAL**”, pauta-se na busca de Lima Barreto por um “espaço possível” para a sua escritura, a partir da relação necessária e conflituosa entre formação ⇔ libertação da palavra.

Discute-se, então, a categoria leitor, tendo, como suporte, teóricos já citados, como Dominique Maingueneau, e de outros estudiosos sobre o assunto e/ou o escritor: Maria Helena Martins, Augusto Meyer, Roger Chartier, Marcel Proust, Lúcia Miguel-Pereira, Antonio Arnoni Prado, Sônia Brayner, Cavalcanti Proença.

Em seguida, a sugestão da imagem de Lima Barreto-leitor, que registra em *Diário Íntimo* suas impressões de leitura, é adicionada às idéias de Phillipe Lejune, em *Les brouillons de soi*, ao dizer que “Muitos escritores mantiveram diários, que foram as matrizes, os reservatórios, os ateliês de suas obras”, para mostrar o campo intelectual daquele, dentro de dois aspectos: o primeiro, “Matrizes” e “Reservatórios”, em que se comenta aspectos da periodização e se analisa, através de recortes de leituras, a relação de Lima Barreto com a tradição e escritores pertencentes ao cânone da época; os argumentos partiram, principalmente, de *Introdução à Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho e dos ensaios de Ricardo Piglia, “Memoria y Tradición” e de Roberto Reis, “Cânon”.

O último momento, desta segunda parte, designa-se “Ateliê” e nele foram apresentados alguns esboços de linguagem e de escritura delineados no *Diário Íntimo*. Para a escrita, serviu de referência a leitura do ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”, de Antonio Candido.

Assim, vítima de um “pacto de silêncio” dos veículos de comunicação da época, Lima Barreto não se ausentou de seu campo, pronunciando-se sobre ele sempre que possível, mesmo não solicitado. Entendia que não podia se calar diante dos acontecimentos, era uma “consciência” de seu tempo. Para isso, o autor superou todos os contratempos de sua história pessoal, da vontade frustrada de ter título de acadêmico e doutor, para colocar sua obra a serviço da sociedade, denunciando e desmascarando as relações humanas através de sua escritura e para possibilitar ao homem/leitor liberdade de expressão e consciência crítica.

“Uma quase cena de leitura”

Contemplando as velhas paredes do seu quarto, a biblioteca por ser organizada, um jovem sonha e fixa o olhar em um velho volume. Lembra-se de que o comprara a muito custo, trabalhando horas a fio. Agora surrado, lido e relido, parece-lhe que o volume tem mais valor que outrora, que os personagens estão ali a ver-lhe a miséria e a dizer-lhe, a todo o momento, que a sociedade não é justa e jamais o será.

Do outro lado da parede, ouve gritos, talvez seja o seu velho pai agonizando, a dizer frases desconexas, a sonhar que o filho é doutor. Que horas serão? Perdera a noção do tempo. Provavelmente, atrasar-se-á para o subemprego. Observar a vida e os transeuntes sempre lhe fora mais convidativo.

Mas eis que o seu volume predileto parece encantado, como se dissesse “leia-me”. Tomado de um profundo desejo, o jovem esquece que o mundo está a esperá-lo e decide ler, mais uma vez, aquela história. Transporta-se para um quarto pequenino, para uma dor que não cessa de dizer-lhe muito de seu estado, de um país distante, de um jovem que se trai pela consciência, de um crime a ser desvendado, de um amor a ser revelado, tudo afinal tão real que parece ser ele também parte do mesmo livro.

Entrega-se ao destino e abre uma página à sorte. Não adianta. Tudo nesse livro é sedutor. Como o autor pôde construir uma história tão instigante? Por que essa história teima em viver em nós e consumir-nos, agonizar-nos, aterrorizar-nos, desafiar-nos? Não, uma página jamais será suficiente para saciá-lo.

Para esse desiludido jovem real, as respostas da vida são colocadas nas folhas de papel, nas histórias que os homens de qualquer tempo e lugar escrevem. É nessas histórias que se tem a coragem de enfrentar seu tirano, seu ditador, mas para encontrar tais respostas há de

se debruçar sobre o infinito mistério que há por trás de serem, aparentemente, papéis marcados de tinta.

Influenciado por uma escrita longínqua, esse jovem leitor tenta, tenta no seu triste quarto, às vezes inconscientemente, construir uma história que seja tão profunda como sobre a que se debruça todas as manhãs em desvendar, enquanto o mundo lá fora grita desesperadamente por ele: - “Que foi que aconteceu? Afonso morreu?”¹

¹ Segundo Francisco de Assis Barbosa, biógrafo de Lima Barreto, no dia posterior à morte do escritor. João Henrique, seu pai, pronunciara essa frase à filha Evangelina de Lima Barreto. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: UNESP, 1988, p.277-8.



1º PARTE

O CAMPO LITERÁRIO

Compreender a obra de arte seria compreender a visão do mundo própria do grupo social a partir ou na intenção da qual o artista teria composto sua obra...

(Pierre Bourdieu. *As regras da arte*. p. 230)

1 Os caminhos do escritor

A imagem ficcional construída em “Uma quase cena de leitura” nos levar a pensar nas condições e no esforço de um leitor que tenta, dentro de suas dificuldades e possibilidades, abstrair da obra literária algo além do enredo, das intrigas tecidas pelas categorias narrativas. Um leitor que compreende que as suas certezas não são absolutas, pois se encontra diante de um texto que, a cada leitura, proporciona-lhe novas descobertas, pois o fio que tece a trama varia conforme a luz que caia sobre ele.

O leitor que observamos é Lima Barreto ou Afonso Henriques de Lima Barreto, como se apresenta em uma das páginas de seu *Diário Íntimo*: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos, sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica.”² O escritor nasceu no dia 13 de maio de 1881 e faleceu no dia 01 de novembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, palco dos inúmeros percalços de sua dolorosa existência, como a morte da mãe, Amália Augusta, em 1887, que haverá de ser “como uma sombra no coração do filho”³; o enlouquecimento do pai, João Henriques, em 1902 e, em contrapartida, o desligamento da Escola Politécnica, “Fui aluno da Escola Politécnica”⁴. É nessa cidade, o Rio de Janeiro, que Lima Barreto fez da Literatura o sentido maior de sua existência, pois, para o escritor, a Literatura só poderia ocupar um único lugar: o lugar de um amor. Para a crítica, a fragilidade de sua escrita encontra-se exatamente nessa entrega, nessa aproximação suscitada entre ficção e realidade, isto é, nos traços fortemente memorialísticos ou mesmo autobiográficos de sua obra,

² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: *Obra Seleta*. Org. Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Editora Aguillar, 2001, p.1213.

³ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.32.

⁴ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1213

Em Recordações do Escrivão Isaías Caminha, há uma nota autobiográfica ilhada e exasperada nos primeiros capítulos; mas tende a diluir-se à medida que o romance progride (...)

Triste Fim de Policarpo Quaresma é um romance em terceira pessoa, em que se nota maior esforço de construção e acabamento formal. Lima Barreto nele conseguiu criar uma personagem que não fosse mera projeção de amarguras pessoais (...) nem um tipo pré-formado.⁵

No entanto, apesar dessas objeções da crítica, não se pode negar que o escritor se dedicou com tal empenho à sua vocação, ao seu ideal de Literatura, que fez da leitura o ponto de partida para a construção do seu projeto literário, “Lendo avidamente literatura de ficção européia do século XIX, Lima Barreto familiarizou-se com a melhor tradição realista e social”⁶, mesmo que outrora soem na sua produção romanesca notas de um homem desiludido e angustiado. É como se posiciona, também, Cavalcanti Proença ao comentar o estilo barretiano:

Dentro desses contrastes sobressaem nítidas algumas linhas estéticas e de pensamento, inseparáveis da obra de Lima Barreto. Em algumas, identificaremos o escritor, o artifice da palavra, (...) Em outras, estará presente o homem de vida atribulada (...) Em todas, o intelectual consciente da responsabilidade do ofício, sincero, honesto, fidelíssimo às próprias convicções, ao próprio dever social.⁷

Então, para um escritor que fez da leitura, como bem demonstra sua extensa biblioteca⁸, chamada de “Limana”, o motivo do desvendamento das relações humanas, a formação de uma consciência social para si e para o outro perfazem o próprio sentido de seu

⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001, p.319.

⁶ BOSI, Alfredo. *Idem*. p.316.

⁷ PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p.68.

⁸ Sobre os livros constantes da biblioteca de Lima Barreto, v. anexo 01.

fazer literário e irão circundar cada palavra que compõe sua fortuna literária. Entender como essa consciência se formou, como se estabeleceu entre o escritor e sua escrita essa responsabilidade de criar para desalienar, provavelmente, seja o primeiro passo para entender a própria existência da obra de Lima Barreto.

Mas que percurso será preciso percorrer? Que itinerário deverá seguir quem se propõe a compreender a escrita e os motivos da literatura barretiana? Entender seu campo literário seja, talvez, o melhor caminho. O campo literário visto dentro de um sistema mais amplo do que o simples esboço do contexto histórico da época, pois, para Dominique Maingueneau, em *O contexto da obra literária*, o campo literário não se restringe à sociedade, mas compreende todos os lugares que fizeram parte do momento de um escritor, que contribuíram para sua formação literária e intelectual. E, no tocante a Lima Barreto, esse campo literário não se reduz apenas às ruas ou aos bares, como imaginaria um leitor leigo, persuadido por notas biográficas que informam sobre o estado nada sóbrio do autor.

O campo literário de Lima Barreto compreenderá a cidade do Rio de Janeiro, a cidade com todas as mazelas e belezas, a casa, o trabalho, a família, os amigos e inimigos, os sonhos, os desejos indizíveis, todos e tudo constituirão o grande centro ou motivo da escrita barretiana e, ratificando o pensamento de Maingueneau, por mais que tenha tentado, Lima Barreto não conseguiu se desvencilhar de seu campo literário.

Afinal, o lugar que o escritor ocupou e/ou ocupa dentro do sistema literário, resultado das lutas empreendidas no campo literário e intelectual para firmar seu posicionamento literário e ideológico, seria compreendido por outros moldes que não o das angústias, submissões e superações, presenciadas ou vivenciadas por ele? Haveria outro caminho para compreender o processo escritural de Lima Barreto?

Segundo Pierre Bourdieu, o escritor não é um “gênio criador” ou um mágico capaz de dar forma à matéria produzida no vácuo, isto é, conceber uma obra fruto tão somente da

subjetividade, porque se correria o risco de imaginar e interpretar a obra apenas pelos fatores biográficos. O escritor, nesta visão, estaria isolado de seu tempo, preso unicamente ao seu reflexo, assumindo uma atitude narcisista de arte: produtor e produto.

Para o autor de *As regras da arte*, embora “a unicidade e a singularidade façam parte das propriedades do ‘criador’”, para que esse encantamento do escritor=gênio possa ser quebrado, é preciso considerar que “cada vida é um todo, um conjunto coerente e orientado, e que só pode ser apreendida como a expressão unitária de uma intenção, subjetiva e objetiva, que se anuncia em todas as experiências.”⁹

Portanto, ao se percorrer as anotações de *Diário Íntimo* e confrontá-las com a escrita ficcional, com a crítica e a própria vida de Lima Barreto, percebe-se o fio coerente da trajetória de um escritor engajado, para quem a obra literária devia estar a serviço da sociedade, denunciando irregularidades do governo e discutindo as relações sociais do indivíduo. Instituí-lo fora de seu campo literário é mascarar os motivos de sua arte.

1.2 A importância do campo literário

No estudo dedicado ao método de Leonardo da Vinci, Paul Valéry afirma, na página de abertura que “O que fica de um homem é o que nos levam a pensar seu nome e as obras que fazem desse nome um signo de admiração, de ódio ou indiferença”¹⁰. Se relacionarmos essa citação ao estudo da obra literária, diríamos que o escritor, quase sempre, é o resultado de sua fortuna poética e que, ao se estudar o texto literário, procura-se refazer o pensamento do escritor. Pensamento que se (re)constitui, especialmente, a partir dos vazios deixados no texto.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p.212-213.

¹⁰ VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Trad. Geraldo Gérson de Sousa. Ed. Bilingüe. São Paulo: Ed. 34, 1998, p.9

Mas o que se quer discutir é até que ponto esses vazios, essas lacunas, são suficientes para um leitor julgar um escritor e seu ideal de literatura, ou a voz do próprio escritor, já que a obra não existe apenas *per si*.

Wolfgang Iser, em seu ensaio sobre a interação texto-leitor¹¹, coloca-nos diante da problemática que os vazios podem gerar. Se entendermos, como sugere Wolfgang Iser, que o texto literário só atinge sua função inicial, que é comunicar algo, se tiver um instrumento para sua aplicabilidade, esse instrumento, esse suporte que possibilita essa comunicação é o leitor, que age nos dois planos: é ao mesmo tempo o canal e o receptor da mensagem, veremos que nem sempre o leitor terá certeza de que a sua interpretação é a mais justa e aceitável; apesar do texto literário ser objeto de possíveis interpretações, estas deverão seguir um nexo entre as idéias expostas e as projeções desse vazio. Assim, determinados textos necessitam de específicos leitores, do contrário, poderá haver um fracasso, uma falha na comunicação, pois o leitor não conseguiu preencher, satisfatoriamente, o vazio do texto desejado.

Para Hans Robert Jauss, em sua aula inaugural de 1967, marco da Estética da Recepção, em que aborda questões em torno da recepção dos textos literários, substituindo a visão historicista (o foco recai exclusivamente sobre autor↔produção) por outra mais existencialista e vivencial (o foco sugere leitor↔recepção), os espaços vazios dependem do “horizonte de expectativa”, isto é, do repertório de cada leitor. Assim, na medida em que esses espaços são preenchidos pela leitura, é que se realiza a comunicação entre autor-texto-leitor. Segundo Jauss,

(...) a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas (...) Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio

¹¹ ISER, Wolfgang. “A interação do texto com o leitor.” In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor*. Textos da Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p.83-132.

e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso – , colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores..¹²

Se o leitor de Jauss é o suporte para a realização “final” da obra literária, já que é a partir da experiência acumulada em “saber ler textos” ⇔ “horizonte de expectativa” que o “jogo” da leitura/comunicação se realiza, entende-se que não basta o leitor percorrer as entrelinhas do texto para desvendá-lo, para esvaziá-lo dentro de suas possibilidades. É preciso que esse leitor saia de suas “próprias projeções” pautadas no “eu acho”, “parece que diz” e se conscientize de que existe entre os dois – texto e leitor – um desequilíbrio, uma assimetria causada por esse “vazio”, e esta só poderá ser restaurada se o leitor se dispuser a mudar sua atitude que inclui, nesse caso, preparo e conhecimento para saber “ler” a mensagem.

Afinal, se nada é novo, como propõe Jauss, “a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio”; quanto mais amplo for o “horizonte de expectativa” de um leitor, maior será sua possibilidade em saber interpretar os textos, se souber, também, administrar essas experiências de maneira condizente, isto é, não adianta ter um grande repertório e não saber utilizá-lo.

Pode parecer que, ao longo dessa exposição, prega-se a “morte pelo/do prazer do texto”, mas o prazer não pode ser irresponsável, não pode estar alicerçado na ilusão pessoal. Um bom texto é aquele que diz o que quer dizer e, ainda assim, pode incomodar e levar a pensar. Dessa forma, rememorando a frase inicial de Paul Valéry, “O que fica de um homem é o que nos levam a pensar seu nome e as obras que fazem desse nome um signo de admiração,

¹² JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994, p.28.

de ódio ou indiferença”¹³, dir-se-ia que há entre o homem, a obra e a crítica, um leitor e sua responsabilidade.

Para ler os vazios, o leitor deve se cercar de instrumentos que o levem às verdades de seu autor, ao posicionamento dele diante dos outros homens e, por que não, de seu tempo. Pois é através do contexto ou do campo literário em que essa obra foi gerada que se pode entender melhor a posição que esse escritor chegou a ocupar na sociedade (“admiração, ódio ou indiferença”) e como viu essa própria sociedade; afinal, como observa Dominique Maingueneau, “o escritor alimenta sua obra com o caráter problemático de sua própria pertinência no campo literário e à sociedade.”¹⁴

No caso em questão, buscamos interpretar/ mapear uma sociedade da virada do século XIX/XX, quando um homem desiludido escreve na página de abertura de seu diário: “Quando comecei a escrever este, uma esperança pousou.”¹⁵

Assim, sua escrita ganha, além do tom confessional, próprio desse tipo de texto, a função de fazê-lo sonhar. Nas folhas em branco, o escritor tem um compromisso firmado, descobrir-se para poder entender melhor a si e ao seu tempo. Portanto ele, tal qual um narrador picaresco, poderá falar de seu passado, segundo Jean Starobinski, “com ironia, condescendência, apiedamento, contentamento”¹⁶, e seu diário só terá um fim com a morte do seu autor.

Lima Barreto, ao assumir a posição, no diário, de narrador pícaro, acaba ratificando o compromisso literário que assumirá, ao longo de sua escritura ficcional, em produzir uma literatura de denúncia e de formação, já que, de acordo com Vítor Manuel de Aguiar e Silva,

¹³ VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Op. cit., p.9

¹⁴ MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.27.

¹⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1208.

¹⁶ STAROBINSKI, Jean. “Le style de l’autobiographie”. In: *Poétique*, nº3, 1970, p.201.

O pícaro, pela sua origem, pela sua natureza e pelo seu comportamento, é um anti-herói, um eversor dos mitos heróicos e épicos, que anuncia uma nova época e uma nova mentalidade. (...) Através da sua rebeldia, do seu conflito radical com a sociedade, o pícaro afirma-se como um indivíduo que tem consciência da legitimidade da sua oposição ao mundo e que ousa considerar, em desafio aos cânones dominantes, a sua vida mesquinha e reles como digna de ser narrada.¹⁷

Desta forma, consciente de seu papel de “oposição ao mundo” e procurando destacar no seu diário os fatos pessoais e/ou sociais que marcaram sua vida, e ainda, buscando romper com o estigma de literatura “das belas letras” do começo do século XX, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* considerava que a obra literária deveria possibilitar ao homem liberdade de expressão e consciência crítica.

Assim, as preocupações artísticas, mais diretamente ligadas ao Parnasianismo e ao Simbolismo, cedem lugar às lutas dos “humilhados e ofendidos”, ou seja, a um retrato sarcástico e caricatural da sociedade. Segundo Bronislaw Geremek, é justamente no marginalizado, no miserável, que se encontram as verdades humanas: “Desprovido de laços materiais e dos comprometimentos da propriedade, o miserável expressa um conhecimento universal da verdade sobre a existência humana, esquecida por todos.”¹⁸: é essa a consciência literária de Lima Barreto. Portanto, segundo o pensamento de Pierre Bourdieu, e usando-o para o autor em destaque,

compreender a obra de arte seria compreender a visão do mundo própria ao grupo social a partir ou na intenção da qual o artista teria composto sua obra e que, comanditário ou destinatário, causa ou fim,

¹⁷ AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Volume I. Coimbra: Livraria Almedina, 1990, p.677.

¹⁸ GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na Literatura Européia. 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.7

*ou os dois ao mesmo tempo, ter-se-ia de alguma maneira exprimido através do artista, capaz de explicitar à sua revelia, verdades e valores dos quais o grupo expresso não é necessariamente consciente.*¹⁹

A citação acima se relaciona ao propósito de Lima Barreto de representar e expressar os conflitos de seu povo, através da condição de marginalizado, pois mesmo tendo sua produção literária colocada à margem no sistema da época, já que assume a responsabilidade de revelar à sociedade os párias e as injustiças que tão bem presenciou e vivenciou, tencionou um ideal de Arte, às vezes, incompreendido e criticado, como demonstra nessa passagem de *Diário Íntimo*:

*Hoje, 7 de março de 1917, estive na Garnier, como ontem, como anteontem. Vou agora lá sempre rondar. Troquei palavras com este, com aquele, e cada vez me capacito mais de que eles não têm nenhum ideal de Arte. São muito inteligentes (...), mas ideal de Arte não tem nenhum. Não me entendem ao certo e procuram nos meus livros bandalheiras, apelos sexuais, coisa que nunca foi da minha tenção procurar ou esconder. (7 de março, de 1917)*²⁰

Era sobre o homem e seu constante estar no mundo que Lima Barreto se debruçou a escrever, embora se tentasse subjugar-lo a um outro tipo de escritura, “bandalheiras, apelos sexuais”. A peregrinação imposta ao escritor de ir, “ontem, como anteontem”, ao veículo de produção e distribuição da obra literária - a livraria Garnier -, demonstra a persistência em se manter fiel ao seu princípio estético de arte, pois seu sonho nunca se desvaneceu.

Ao ler o conjunto da obra de Lima Barreto que inclui as crônicas, os contos, os romances, os textos memorialísticos, as correspondências, percebe-se a ética deste escritor,

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. Op. cit., p.230.

²⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1313.

que não se permitia desviar do que acreditava ser a função da literatura, isto é, mostrar o valor da liberdade, e esse valor somente se torna possível revestido da verdade.

Para Jean-Paul Sartre, a ética do escritor consciente de sua função na sociedade passa a exigir dele uma atuação mais firme; por isso, a designação “engajamento” passará a suscitar tanta polêmica. Não se pode confundir com partidarismo esquerdista. O escritor engajado interpreta a dor do povo e incita-o à ação, pois, para o pensador francês,

O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana . (...) o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade.²¹

Para desvelar a máscara humana, Lima Barreto teve que se reaprender, ao se desfazer da vaidade, da glória passageira e do reconhecimento instantâneo. Afinal, a intenção de Lima Barreto era que, ao desvendar para os outros homens os conflitos sociais e humanos, através da literatura, estes assumissem, também, a responsabilidade por tais atos e que fossem capazes de mudar a si e ao mundo, já que, nas idéias de Jean-Paul Sartre, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.”²²

Osman Lins, o escritor pernambucano e estudioso da obra de nosso autor, ao examinar o processo literário de Lima Barreto, percebe essa característica social, em que nada escapa às observações e à crítica. Na verdade, Lima Barreto, para o autor de *Avalovara* (1973), deve ser compreendido na qualidade daquele que

²¹ SARTRE, Jean-Paul. *O que é Literatura?* Trad. Carlos Felipe Mendes. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.20-21.

²² SARTRE, Jean-Paul. Op. cit., p.21.

Tem os olhos sempre abertos e nada lhe escapa, nada o deixa indiferente. Assim, não faltam as cenas de rua o dos trens de subúrbio, anotações sobre tipos humanos, paisagens, festividades. O cronista Lima Barreto poderia ficar em temas assim: a remuneração destinada a suprir o orçamento estava garantida. Ao contrário – e aí reside a primeira lição a extrair desses seus escritos – evitando omitir-se, opina sem cessar. Recusa-se a ser coisa cada vez mais freqüente entre nós, o escritor que, concentrado exclusivamente na realização de sua obra poética ou ficcional silencia para o momento presente, de tal modo que nasce, vive e morre sem se externar claramente a respeito de nada.²³

Na passagem acima, Osman Lins expressa o compromisso do escritor com seu tempo, pois se o texto literário necessita de um leitor que o concretize através da leitura, então, o escritor não pode se isolar de seu “momento”, já que sua escrita nasce para esse suposto leitor presente. Por mais que a obra nunca venha a ser lida ou tenha seu reconhecimento anos depois, sem essa esperança de um suposto leitor imediato, mesmo que ele ocorra tardiamente, a obra não se realiza enquanto literatura.

Assim, o escritor satisfeito consigo mesmo não poderá se “externar claramente sobre nada”, porque se encontra engajado ao seu projeto de “fabricação” mecanicista da obra: trancado em seu ambiente de trabalho, lutando com as palavras, perseguindo o silêncio, o escritor, supostamente satisfeito, esquece que o mundo bate à sua porta e, Lima Barreto, contradizendo o perfil do escritor satisfeito, aceitou esse desafio de falar sobre seu tempo presente, como diria Carlos Drummond de Andrade, anos depois, no poema “Mãos dadas”:
“O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”

²³ LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1997, p.173.

Ao revelar “a vida presente”, como sugere Drummond, Lima Barreto sabia que não poderia “contemplar com frieza”²⁴, na expressão de Sartre, as injustiças do mundo; por isso, a sua escritura tornou-se o veículo para demonstrar sua indignação. Assim, é que através dela – a escritura-, não do estilo, que Lima Barreto vai desvendar e (re)criar as injustiças, com o firme propósito de provocar, também, o leitor para os “abusos-que-devem-ser-suprimidos.”²⁵, ainda na acepção do autor de *O que é Literatura* (1948).

Roland Barthes, em *O grau zero da escritura*, afirma que o estilo encontra-se fora da arte, pois nasce do/para o escritor, enquanto a escritura se constitui na sua identidade formal, porque é através dela – escritura - que o escritor pode se ligar à sociedade, à área social, que nada mais é que sua própria consciência para com o fazer literário. Portanto, para Roland Barthes,

*(...) o estilo tem sempre algo de bruto: é uma forma sem destinação, o produto de um impulso, não de uma intenção, é como que uma dimensão vertical e solitária do pensamento. Pela sua origem biológica, o estilo situa-se fora da arte, ou seja, fora do pacto que liga o escritor à sociedade. (...) a escritura é um ato de solidariedade histórica (...) escritura é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social*²⁶

Mesmo que essa escritura nasça, como sugere Barthes, da pressão entre a História e Tradição, fruto não da eficiência, mas da consciência, como bem deixa entrever a escritura barretiana, fruto da opressão social e literária, é certo que através desse acordo silencioso que

²⁴ SARTE, Jean-Paul. Op. cit., p.51.

²⁵ SARTRE, Jean-Paul. Op. cit., p.51.

²⁶ BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Trad. de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1986, p.122-124.

se estabelece entre o escritor-consciente e o leitor-atento, em que se aceita/discute as cores com as quais se pinta o mundo, é que se pode lutar, enfim, pela liberdade/justiça.

Em *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko afirma que Lima Barreto revelou em seus textos “um retrato maciço e condensado do presente”²⁷ e, ao agir desta forma, como um atroz inimigo das máscaras= fingimentos sociais, Lima Barreto assume a posição de intelectual.

Adriana Facina, no capítulo “Artistas e intelectuais”, em *Literatura e Sociedade*, examinando a origem do termo que designa a função do escritor no mundo ocidental, afirma que a palavra “intelectual” relaciona-se diretamente ao trabalho da razão:

*O surgimento do termo intelectual está ligado à criação do substantivo intelligentsia na metade do século XIX na Rússia, o qual, ao ser difundido pelo Ocidente, passou a designar a categoria social das pessoas cultas. Ao final desse mesmo século, apareceu o termo intellectuels na língua francesa. (...) A partir de então, a palavra intelectual ganhou um duplo sentido: à referência ao cultivo e à instrução une-se o engajamento nos debates públicos como elementos que definem essa categoria social.*²⁸

Todavia, que papel “representa” o intelectual da época barretiana? Ou melhor, que tipo de intelectual Lima Barreto foi? Um intelectual engajado politicamente?

Para as perguntas acima, tão perturbadoras e contundentes, pois quando se pensa em intelectual imagina-se, quase que instantaneamente, o homem aclamado pela crítica e bem sucedido, o pensador do final do século XIX e início do século XX, que tem muito a dizer

²⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 190.

²⁸ FACINA, Adriana. “Artistas e Intelectuais”. In: *Literatura & Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004, p.34

sobre os percursos do seu tempo, sobre as fragilidades políticas e sociais e, não obstante, possui o ar burguês, como declara Brito Broca, em *A vida literária no Brasil-1900*:

*Por volta de 1900 as principais figuras da chamada geração boêmia de 89 já se havia aburguesado. (...) A geração nova de então surgia nesse clima diferente em que já não se compreendia a atitude do artista morrendo de fome, do escritor sacrificando tudo pelo ideal literário e fazendo uma própria vitória do seu desajustamento no ambiente social.*²⁹

Parece que Lima Barreto fugiu a este suposto perfil de escritor, idealizado anteriormente, como afirma Maria Cristina Teixeira Machado, em *Lima Barreto: um pensador social da Primeira República*, ao dizer que “O espírito crítico e combativo da boêmia literária sobreviveu em Lima Barreto. Jamais se encaixou no figurino dandy que dominou os anos de sua produção literária”.³⁰ Afinal, para ele, a literatura era sacrifício e libertação. O esboço do difícil retrato de Lima Barreto, que fuja aos clichês, recebe diferentes contribuições, como as apresentadas acima e as de Brito Broca:

O autor de Triste Fim de Policarpo Quaresma deixou-se influenciar pelas sugestões de uma tradição que se perdia. O seu tipo desajustado, vindo postar-se nas esquinas da Avenida, sujo e bêbado, refletia os extremos de um não-conformismo já “démodé”. Homem metódico, trabalhador, sério, sem possuir uma verdadeira indole boêmia, descambou nos desmandos boêmios por uma espécie de equívoco. Não viu outra saída para a revolta que o torturava senão o terno rôto e na dipsomania à Verlaine, quando a época já não comportava tais

²⁹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960, p.17.

³⁰ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002, p.62.

*excessos, oferecendo novas possibilidades de adaptação aos escritores.*³¹ (grifo nosso)

Ao analisar o percurso criador de Lima Barreto, não se deve imaginá-lo ou tomá-lo como uma frustração do “quase boêmio”, porque não foi a dipsomania nem o terno rôto que o fizeram resistir às mudanças da sociedade e a ela não se adaptar, mas sua formação, seu ar de “Homem metódico, trabalhador, sério”, que entendia que se adaptar às normas era ser conivente com o poder; e, o desejo de Lima Barreto era transformar a vida literária de sua época, instigando os homens a pensar, refletir e agir.

Contudo, o intelectual que ora se busca, o intelectual que Lima Barreto foi e, por que não, o verdadeiro intelectual que luta em resistir à ditadura centralizadora do poder é, em essência, o intelectual descrito por Edward W. Said, em *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*, conjunto de seis conferências proferidas na BBC de Londres, em que o autor discute questões ligadas ao assunto. Portanto, ao se analisar o comportamento de Lima Barreto, dir-se-ia, utilizando as palavras de Edward W. Said, que Lima Barreto foi um exímio intelectual, pois

*Uma das tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação. (...) o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. O objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.*³²

³¹ BROCA, Brito. Op. cit., p. 20-21.

³² SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.10; 25; 31.

Neste caso, ao se pensar na frase de Nicolau Sevcenko, “um retrato maciço e condensado do presente”, percebe-se que Lima Barreto fez de sua escritura mecanismo ou via de libertação. E, para tanto, teve que pagar um preço: o exílio. Segundo, ainda, Edward Said, o intelectual, ao buscar sua independência em face das pressões sofridas, acaba se tornando um “exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.”³³

Contudo, esse exílio descrito por Edward Said, às vezes, pode se caracterizar num exílio metafórico/metafísico, ou seja, o “intelectual inconformado” se sentirá um exilado, uma vez que

*(...) nunca se encontra plenamente adaptado, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos, por assim dizer, predisposto a evitar e até mesmo a ver com maus olhos as armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional. Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros.*³⁴

Assim, fechado no quarto, lendo livros ou jornais, escrevendo textos ou mesmo o *Diário Íntimo*, enfim, tecendo sua escritura e assumindo seu papel de intelectual, Lima Barreto é, também, nas palavras de Umberto Eco, “a consciência crítica do grupo. Ele existe para incomodar.”³⁵ E Lima Barreto incomodou porque vivenciou o cotidiano criticamente, e este foi sua matéria-prima.

³³ SAID, Edward W. Op. cit., p.15

³⁴ SAID, Edward W. Op. cit., p.60.

³⁵ ECO, Umberto Apud MACIEL, Ana Lúcia de Vasconcelos. “O papel do intelectual na cultura contemporânea – Seria Almada um intelectual da atualidade?.” Revista *Gândara*. – O Papel do Intelectual na Contemporaneidade. Vol.1, 2005, p.23

A cidade foi o foco, a perspectiva de encontro do escritor consigo e com o mundo, a descoberta de sua identidade, de suas escolhas e de suas batalhas. Para Gilberto de Mello Kujawski, em *A crise do século XX*,

No hábito de sair pelas ruas exclusivamente para ver e passear, balizamos nosso cotidiano de uma trama de referências e significados interpessoais, constituindo um circuito intra-urbano fechado, que nos permite a grata satisfação de reconhecimento: reconhecer o contorno e ser reconhecido por ele;

(...)

*Se não assimilamos o cotidiano, não nos produzimos historicamente. (...) Sem se abrir ao contorno e se misturar com o povo nas ruas, sem viver a crônica do cotidiano, nem Rosa seria o grande Rosa, nem Drummond o imenso Drummond.*³⁶

Dir-se-ia, nesse sentido, que “nem Lima Barreto seria Lima Barreto” tal a importância que o cotidiano (retratado através dos personagens, dos temas, do espaço) teve para a sua obra, pois Lima Barreto estava lá: nas ruas, no subúrbio, nos cafés, na Secretaria, colhendo os tipos, os conflitos e as hipocrisias sociais, como sugere nessa nota de *Diário Íntimo*:

Hoje, no trem, vim com o Apocalipse. É um sujeito magro, esgrouviado, sempre com a barba por fazer. As calças sujas e curtas dão o talhe exato de suas pernas, que são finas, parecendo somente os ossos. O curioso é que o Apocalipse, de fisionomia de simio velho domesticado, bondoso, etc. etc., tem três filhos: um está na Escola do Realengo; outro no ginásio, e o outro, no mosteiro de São Bento.

Praticante da Secretaria da Polícia, vivendo de um ordenado exíguo e fornecendo aos seus filhos essa educação exagerada, ele criará ou aduladores vis, ou desgraçados descontentes. Entretanto, ele me dizia

³⁶ KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. 2ªed. São Paulo: Editora Ática, 1991, p.60

isso com grande satisfação: “Três filhos doutores! Que honra, que nobreza!” (27 de dezembro, de 1904)³⁷

Logo, o *Diário Íntimo*³⁸, escrito entre os anos de 1900 e 1921, constitui-se em recurso importante para reconstruir, embora sutilmente, as questões suscitadas no campo literário, bem como as forças nele atuantes (a família, a sociedade, o aspecto político e econômico, o espaço de criação), em torno deste intelectual da virada do século XIX/XX.

³⁷ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. op. cit., p.1226.

³⁸ Segundo as considerações de Philippe Lejeune em *Le pacte autobiographique*³⁸, o diário não preencheria todos os requisitos de uma autobiografia, caracterizando-se como um gênero vizinho. No entanto, não será essa discussão o centro teórico de nosso trabalho.

2 A escrita de um diário

Lima Barreto em *Diário Íntimo*, confessa-se e confessa ao leitor acerca dos sentimentos que o acometem pela decisão deste tipo de escrita:

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho (...)

Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as utilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no tûmulo eu poderia ter vergonha. (03 de janeiro, de 1905)³⁹

Qual o motivo da vergonha? Por que o leitor deveria resguardar o escrito através de “cuidado” e “discrição”? Supostamente, por ser o relato de fatos tão pessoais, de desvendamento da alma, do retrato e da consciência crítica de seu escritor e de sua época.

Assim, por ser aparentado à autobiografia, o diário pode oferecer interesse, à medida que pode ser lido sob os dois ou um dos dois ângulos, ou seja, como escrita de si, sobre si, e escrita de acontecimentos, fatos que aconteceram a quem escreve. Mas, quem escreve no texto do diário já não é um personagem inventado pelo próprio Lima Barreto, para contar daquele outro, o que assina como autor?

Na perspectiva de Massaud Moisés, em relação aos problemas derivados da escrita do diário, como texto autobiográfico/memorialístico, temos que,

Primeiro, como documento de uma existência por si só válida ou merecedora de ser conhecida por se tratar de autor famoso; e segundo, como testemunho do que ao escritor foi dado presenciar em sua escalada vital. Neste caso, é sua vida interior, composta de

³⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1242.

*pensamentos, emoções, sentimentos, idéias, etc., que deflui para o texto e se patenteia ao leitor.*⁴⁰

Mas, não é para especular frivolidades a respeito do escritor que interessa, nesse momento, a leitura de seu diário; todavia, para entender a relação que este manteve com a sociedade/cidade, pois Lima Barreto escreveu um diário que considerou “extravagante”. Mas por quê?

Pode-se argumentar que por dois motivos: o primeiro diz respeito à pluralidade tanto dos temas quanto da linguagem; e o segundo porque, semanticamente, o vocábulo nos remete a uma escrita diária, contínua e, de alguma maneira, fiel à realidade, como revela o *Dicionário de Termos Literários* de Massaud Moisés: “Designa o relato de acontecimentos ocorridos durante as vinte e quatro horas do dia”, o que praticamente não ocorre no *Diário Íntimo*.

O fato desse constante registro quase não existir é, para Lima Barreto, um lapso a corrigir: “Desde domingo que não tomo notas. Hoje, 17, vou recapitular estes três dias”⁴¹. Contudo, constata-se certa irregularidade na escrita de Lima Barreto, uma vez que no *Diário* as epígrafes de abertura datam de 1900, mas as anotações se iniciam em 1903/1904, retornam para 1903 e seguem com 1905, para daí seguir uma linha temporal, quebradas apenas pela falta de registros sobre 1909; estas práticas não impedem o leitor do *Diário Íntimo* de esboçar o cotidiano do escritor, como se constata na proposta de Philippe Lejeune: “Após três anos de silêncio, basta escrever uma só palavra, para que o vazio precedente se torne um furo no sólido, e que tudo seja cicatrizado. A continuidade do que fica escrito apaga a descontinuidade de sua escrita.”⁴²

⁴⁰ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

⁴¹ BARRETO, Lima Barreto. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1249.

⁴² LEJEUNE, Philippe. *Les Brouillons de soi*. Paris: Seuil. Tradução realizada em sala de aula, pela Prof^a Celina Fontenele Garcia e revisada pelo Prof. Francisco de Assis da Garcia, ambos da Universidade Federal do Ceará.

As categorias destacadas por Philippe Lejeune, ou da continuidade e da descontinuidade da escrita do diário como escrita de relato fiel às circunstâncias da vida no seu dia-a-dia, são interessantes, na medida em que quebram a abrangência, a totalidade dos acontecimentos e seus detalhes, como se a vida mudasse a cada instante e, a cada momento, ela apresentasse faces diferentes.

Sendo assim, o diário que traz como uma das suas epígrafes de abertura uma frase dolorosa e comovente do Evangelho Segundo São Mateus, Cap.5, v.6, “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça; porque serão satisfeitos”, pode nos dar subsídios para esboçar os motivos da própria escritura e os espaços ou os conflitos a serem superados. E, se houve o desejo por escrever um “diário extravagante”, que nele se encontre a teia ardilosa onde se debatem a realidade, os sonhos, as realizações e, também, as decepções, as forças atuantes no campo literário.

Relacionando a categoria “campo literário” às condições de escrita do *Diário Íntimo*, e utilizando as reflexões de Pierre Bourdieu,

(...) é preciso perguntar não como tal escritor chegou a ser o que foi – com o risco de cair na ilusão retrospectiva de uma coerência reconstruída – mas, como, sendo dadas a sua origem social e as propriedades socialmente constituídas que ele lhe devia, pôde ocupar ou, em certos casos, produzir as posições já feitas ou por fazer oferecidas por um estado determinado do campo literário (etc) e dar, assim, uma expressão mais ou menos completa e coerente das tomadas de posição que estavam inscritas em estado potencial nessas posições.⁴³

Como reconstruir, através das anotações de depoimentos e confissões do *Diário Íntimo*, a situação de Lima Barreto, mediante as informações de que dispomos da atuação de

⁴³ BOURDIEU, Pierre. Op. cit, p.244.

intelectuais, escritores, poetas, à mesma época, tanto em relação à tradição literária no Brasil, quanto diante dos programas e manifestos dos movimentos de vanguarda que surgiram na virada do século, e que, aos poucos, começaram a se insinuar como exigências de um novo escritor e de uma nova literatura para novos tempos?

Cabe lembrar que esse estado potencial de uma literatura de denúncia e desalienação vai ser um dos pressupostos do Modernismo na fase de 1930; embora a temática e a linguagem adotadas sejam outras, há uma preocupação de conscientizar o leitor, de fazê-lo refletir, posicionar-se para as duras verdades sociais.

2.1 Imagens e conflitos para um esboço do campo literário

Boris Kossoy, em *Fotografia e História*, considera que “as imagens são documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras ilustrações ao texto.”⁴⁴

Portanto, considerando que a imagem é memória, e através da imagem se pode reconstruir, mesmo que parcialmente, um pedaço da história, um fragmento do real como objeto de informação, apoiamos nossas especulações no pensamento de Kossoy:

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e, portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da

⁴⁴ KOSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.20 [Série Princípios]

*comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, na natureza.*⁴⁵

Diante do que se dispõe como material fotográfico, buscar-se-á relacionar algumas imagens do início do século XX com os conflitos oriundos na formação/transformação da cidade do Rio de Janeiro, às vezes, destacados por Lima Barreto ao longo de seu *Diário Íntimo*, a fim de que, interligando imagem↔depoimento se possa (re)construir o campo literário deste escritor.

Sendo a cidade um espaço urbano e, nas palavras de Roberto Lobato Côrrea, um espaço “fragmentado e articulado, [...] um conjunto de símbolos e campo de lutas”⁴⁶, em que a desigualdade e a divisão por áreas (classes) estará sempre presente na sua estrutura, já que a cidade é um produto social, resultado de ações acumuladas, a cidade/espaço urbano que começa a se delinear a partir da vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, e que vê nascer, mais de setenta anos depois, Lima Barreto (1881), trará, na sua essência, esse antagonismo entre seus principais elementos formadores (elite X povo), que será, para nosso autor, objeto de observação e de registro.

Assim, em 1808, tem-se início a transformação do espaço urbano do Rio de Janeiro, a fim de que a imagem de Colônia seja deixada para trás e a cidade possa abrigar e produzir cultura, como acontecia nos grandes centros europeus da época. Neste sentido, a ocupação do espaço, através do conjunto arquitetônico empreendido no começo do século XIX, será um dos traços mais marcantes da urbanização do Rio de Janeiro, como o largo do Palácio, no qual se visualiza a construção de suntuosos prédios:

⁴⁵ KOSSOY, Boris. Op. cit., p. 101.

⁴⁶ CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p.9 [Série Princípios]



“Vista do largo do Palácio no Rio de Janeiro”

Jean- Baptiste Debret (*imagem 01*)

A mudança do espaço social e geográfico da cidade incluiu a construção de museus, teatros, igrejas, praças, ruas, enfim, uma urbanização condizente com o início do século XIX, e exigiu da elite à época uma nova postura de se comportar e de pensar, como propõe F. Falcon, em *História da Sociedade Brasileira*, constata-se que

A elite voltou-se para a Europa – não tanto para Portugal, e sim para a Inglaterra e para a França. Através dos ingleses chegou o gosto pelas residências em casas isoladas, bem divididas e mais higiênicas (...) por produtos superiores em qualidade: cristais e vidros, louças e porcelanas, panelas de ferro. Vieram também o refinamento dos modos de comer, com o uso de garfo e faca, e a utilização de novos remédios.⁴⁷

Tem-se, por outro lado, a exclusão do povo a essas transformações, no que diz respeito à melhoria da vida social, econômica e cultural. O povo continuou hostilizado, banido dos

⁴⁷ APUD ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996, p.102.

frutos do desenvolvimento. Na verdade, a cidade ditou novos códigos e símbolos de conduta, bipartindo-se em uma cidade imaginária, a produzida pela corte e pela elite; e, em outra real, a produzida pelo povo marginalizado.

Desta forma, enquanto o espaço urbano cedia lugar às construções do Império, o povo se constituía através da invenção da sua cidade, do seu espaço, mesmo que ele começasse a partir da cidade imaginada, como nos mostra a litografia de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), de 1834, em que, no primeiro plano, tem-se a imagem das negras com seus tabuleiros e uma espécie de cuia, transitando entre os soldados da Guarda Real; em segundo plano, a arquitetura europeizada do início do século em questão.



“Os refrescos do Largo do Palácio”

Jean- Baptiste Debret (imagem 02)

Valéria Lima, em *Uma viagem com Debret*, em que estuda algumas das imagens produzidas por Jean-Baptiste Debret, quando da estadia dele no Brasil, entre 1816-1831, declara, sobre a litografia:

Em Os refrescos no Largo do Palácio, a figura da escrava que oferece água e doces impõe-se diante dos sedentos brancos sentados no parapeito do cais. Em geral envolvidos com o trabalho, negros e negas expõem sua vitalidade física e uma presença espiritual que vão além do caráter documental das cenas em que são representados.

(...)

Os negros não apenas são os sustentadores da economia do país, cujo modelo agrário é sinalizado nas pranchas que retratam a movimentação entre cidade e campo, como traduzem a possibilidade de avanço da marcha do progresso no país.⁴⁸

Possibilidade de “avanço”, como sugere Valéria Lima, que nunca chegou a se concretizar plenamente, já que Lima Barreto continuou a presenciar os contrastes, anos após a vinda da Família Real Portuguesa, pois o Rio de Janeiro continuava a ser palco de alterações no seu espaço urbano e a produzir profundas antíteses sociais, ora decorrentes das revoltas oriundas no Império ora produzidas na República, como alguns que registrou em seu *Diário Íntimo*, entre 1900 e 1922

2.1.1 Retratos em *Diário Íntimo*

⁴⁸ LIMA, Valéria. *Uma viagem com Debret*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.50-52.

Quando Lima Barreto iniciou o registro em seu *Diário*, entre 1900 e 1903, dos fatos e conflitos do cotidiano, descrevendo as relações que mantinha com o campo literário, o Rio de Janeiro vivia a República da *belle époque*. A cidade se modernizava para o século XX e incorporava o sonho de se tornar, aos olhos da burguesia, uma Europa possível.

A (re)urbanização da cidade, quase 100 anos após a vinda da Família Real Portuguesa (1808), foi empreendida no governo de Rodrigues Alves (1902-1906) e apoiada pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos. Para revitalizar o espaço urbano, proibiu-se que mendigos e bandos de vacas perambulassem pelas ruas da cidade, para não sujarem os logradouros públicos; realizaram-se o alargamento e a abertura de ruas, praças e avenidas, a demolição de casas, como informa Francisco de Assis Silva, em *História do Brasil*:

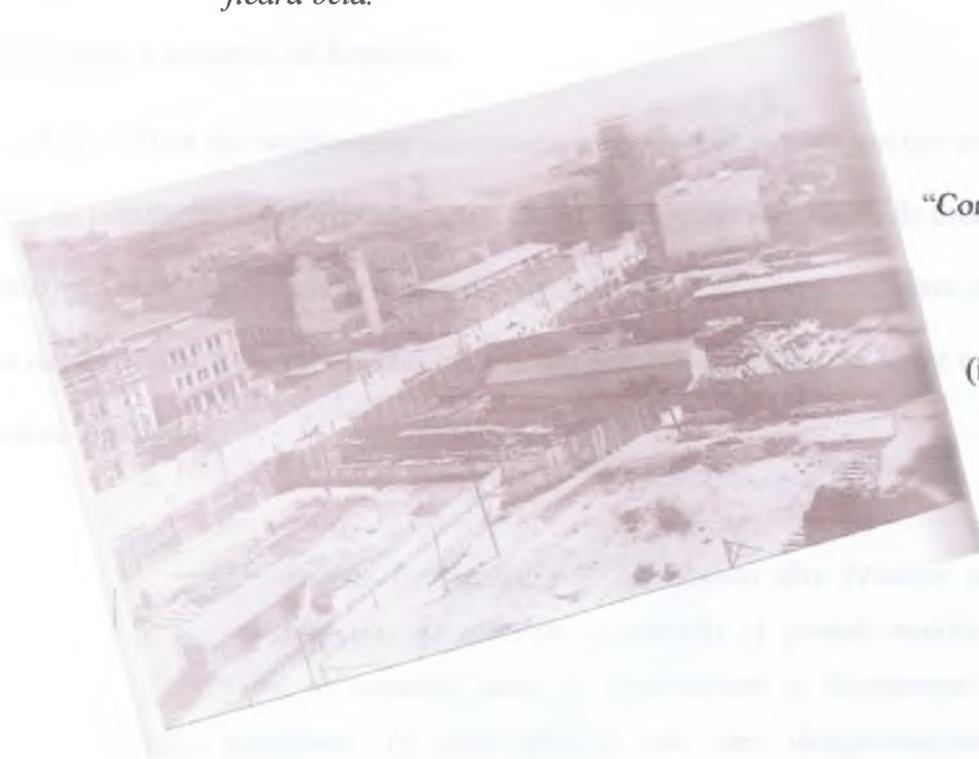
*O alargamento e a abertura de ruas, praças e avenidas, o saneamento da lagoa Rodrigo de Freitas, a remoção dos cemitérios da região central para a periferia, a melhoria no abastecimento de águas, a construção de um cais para impedir que as praias fossem invadidas pelos mangues, o surgimento de novos bairros como Copacabana, a proibição de mendigos e vacas pelas ruas da cidade, a melhoria do serviço de limpeza pública, a extinção de cães vadios etc. foram algumas das obras que transformaram a cidade do Rio de Janeiro em atração internacional.*⁴⁹

e como da mesma forma testemunha Lima Barreto, em passagens de *Diário íntimo*:

Sai e tomei um bonde e fui à Prainha. A rua está outra, não a conheci bem. Se os prédios fossem mais altos, eu me acreditaria em outra cidade. Estive na esquina dela com a avenida, a famosa avenida das indenizações, subi-a a pé, tomei pelo que resta de beco da rua da

⁴⁹ SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*: Colônia, Império, República. São Paulo: Moderna, 1992, p.211-212.

Praia, agora em alargamento, e segui pela rua Larga de São Joaquim, prolongada e alargada até o largo de Santa Rita. A rua quebra um pouco do primitivismo alinhamento, mas mesmo assim ficará bela.



“Construção da Avenida Central”
(imagem 03)



Entretanto, como vêm já de boa administração essas modificações, acredito que o Rio, o meu tolerante Rio, bom e relaxado, belo e sujo, esquisito e harmônico, o meu Rio vai perder, se não lhe vier em troca um grande surto industrial e comercial; com ruas largas e sem ele, será uma aldeia pretensiosa de galante e distinta, como é o tal de São Paulo.

(26 de janeiro, de 1905)⁵⁰

“Largo da Lapa – prédios a desapropriar” (imagem 04)

Augusto Malta, 1905

⁵⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p. 1237.

A referência de Lima Barreto a “surto industrial” deixa entrever que a cidade que se põe bela não dispõe de meios de produção suficientes e dignos para suprir as necessidades emergenciais, como emprego, moradia e uma vida decente a seus habitantes, como se esperava desde a ascensão da República.

A República não acabou nem solucionou a situação de miséria em que se encontrava a maioria da população. E, como demonstra a História, mesmo a abolição da escravatura tendo ocorrido em 1888, os negros viviam uma situação de falsa liberdade, eram tratados como párias da sociedade, pois não tinham mais como sobreviver, conforme se ler em *História da Sociedade Brasileira*,

*Os negros foram atirados no mundo dos brancos sem nenhuma indenização, garantia ou assistência. A grande maioria deslocou-se para as cidades, onde os aguardavam o desemprego e uma vida marginal. O que deveria ser um desajustamento transitório transformou-se num desajustamento estrutural, reforçando assim o preconceito racial.*⁵¹

Este conflito originado da transição Império/ República e as seqüelas sócio-econômicas sofridas pelo povo serão assuntos abordados no *Diário*, pois para Lima Barreto, “aos governos da República do Brasil faltam duas qualidades essenciais a governos: majestade e dignidade.”⁵²(1904)

Majestade e Dignidade são dois atributos necessários aos homens que lidam com o poder, que governam e fazem o povo ter “esperança” de um futuro melhor. Embora as obras de melhoria da cidade fossem importantes, especialmente do ponto de vista sanitário, exigiram-se grandes sacrifícios da população mais carente, já que cortiços e casebres da

⁵¹ ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. Op. cit., p.207.

⁵² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit, p. 1223

região central da cidade foram erradicados, e seus moradores obrigados a se mudar para a periferia ou para os morros, criando, assim, um Rio paradoxal, um “doce inferno”.

Interessante se torna, neste momento, a descrição que João do Rio (1881-1921), contemporâneo de Lima Barreto e repórter à época dessas transformações no cenário carioca, faz do morro de Santo Antônio: “De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão [...] Todas são feitas sobre o chão sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas-de-flandres, taquaras [...]”⁵³, como confirma, também, a imagem abaixo:



“A formação das favelas” (imagem 05)

Assim é que, no final de 1904, insatisfeita com o problema da moradia e o alto índice de desemprego, a população se rebelou contra algumas medidas sanitárias adotadas, por exemplo, com a obrigatoriedade da vacina contra a varíola. Milhares de pessoas saíram às ruas e a cidade tornou-se um campo de batalha. No final, centenas de pessoas foram presas, e

⁵³ Apud, NOVAIS, Fernando A. (Dir.) SEVCENKO, Nicolau. (Org. do Vol. 3.); *História da vida privada no Brasil. – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.541-542.

o medo e a angústia, também, tomaram conta de Lima Barreto que, cautelosamente, anota em seu diário esse período conturbado:

Este caderno esteve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobretudo os governos do Brasil.

Trinta dias depois, o sítio é a mesma coisa. Toda a violência do governo se demonstra na ilha das Cobras. Inocentes vagabundos são aí recolhidos, surrados e mandados para o Acre.

Um progresso! Até aqui se fazia isso sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. Durante quatrocentos anos não se fez outra coisa pelo Brasil. Creio que se modificará o nome: estado de sítio passará a ser estado de fazenda.

De sítio para fazenda, há sempre um aumento, pelo menos no número de escravos. (novembro, de 1904)⁵⁴

Percebe-se, pela leitura do trecho acima, a consciência política e social do escritor, a voz do homem engajado na cidade, que transita entre os dois espaços criados, o real e o imaginário, e, não obstante, faz, neste caso, de seu diário, veículo de repúdio aos desmandos do poder. Não seria esse também um dos motivos para, como dito anteriormente, sentir vergonha? Vergonha da sociedade injusta em que vivia e que hostilizava, de certa forma, os menos favorecidos? Observador do cotidiano, Lima Barreto foi um homem simples, filho de pais pobres. O escritor assumiu muito cedo a responsabilidade de cuidar da família, era um mulato num país preconceituoso que guardou, no âmago de sua alma, o desejo de se sobressair intelectualmente, conforme passagem de *Diário Íntimo*:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado, dirigiu-se

⁵⁴ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1223-4.

a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue-frio para que não desmentisse com azedume.

[...]

Por que então essa gente continua a me querer contínuo, por quê? Porque...o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.

(26 de dezembro, de 1904)⁵⁵

No trecho acima, o escritor demonstra que o problema dos negros ou seus descendentes não se restringia tão somente às questões governamentais, mas à aceitação de toda a sociedade, independente de *status* econômico, já que é um soldado que se dirige ao escritor e, pela terceira vez, confunde-o com um contínuo.

A fortuna crítica de Lima Barreto registra exaustivamente a problemática do preconceito de cor em relação ao escritor. Todavia, até que ponto a cor transformou-se em obstáculo ou chegou a impossibilitar a sua existência enquanto escritor, em meio ao campo literário do Rio de Janeiro, na *belle époque*? Até que ponto a cor tornou-se obsessiva, impedindo-lhe a construção de sua obra?

Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, chama a nossa atenção para a questão da cor em torno da leitura e interpretação da obra barretiana:

Encontraremos, em suas páginas íntimas, expressões de desalento, mas não de autocomiseração. Mesmo as alusões constantes ao problema da cor à adoração nacional pelos doutores, embora ligadas a experiências pessoais, voltam-se para fora, para a sociedade que conhece e sobre a qual testemunha. Lima Barreto não combate em seu próprio benefício;

⁵⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1225.

*os preconceitos e as injustiças despertam a sua ira pelo que são, e não pelo fato de atingirem a ele. Longe de ser – e só isto – um ressentimento, é ele um lutador, um escritor consciente das desigualdades, das degradações de natureza ética ou estética, um ser humano cheio de fervor, sonhando um mundo menos estúpido e clamando até à morte – sem meios termos, sem frieza, assumindo posições claras, com truculência, com cólera – a sua verdade.*⁵⁶

É inegável que se encontram, ao longo de sua obra ficcional e não-ficcional, referências desconfortáveis em relação à sua origem mulata. Mas o que interessa a esta investigação é o questionamento acima, ou seja, a cor como impedimento ou como desafio? Se, após relatar o episódio de ser confundido como contínuo, escreve: “Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande”, não responderia o escritor à problemática da cor?

Contudo, que aspectos do Rio de Janeiro o campo literário de Lima Barreto revela, além das dificuldades decorrentes da relação povo e governo? Que outras realidades foram descritas pelo escritor ao longo do *Diário*? Torna-se árduo articular esses campos de poder atuantes na produção e na formação de um escritor, especialmente, quando esses campos são engendrados através da escrita híbrida de um diário.

Não se deseja, como se poderia pensar, descrever os fatos do *Diário Íntimo* cronologicamente, porque eles estão lá, para o leitor que desejar lê-los. Todavia, objetivamos percebê-los como representativos da relação estreita do escritor com a História, enquanto acontecimento dinâmico. À medida que aos olhos o diário se refaz, percebem-se os motivos que levaram Lima Barreto a ser também escritor de denúncias, pois tudo estava ao seu redor; as antíteses de seu tempo cabiam no seu diário, e, estavam todas ali, dentro do seu campo

⁵⁶ LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p.25.

literário, o Rio de Janeiro de escritores, poetas, jornalistas, funcionários públicos, como ele, que escreviam para um sistema literário confuso.

Para retratar as oposições do campo literário, Lima Barreto se serviu, também, de seu trabalho como amanuense na Secretaria da Guerra (1903-1918)⁵⁷, demonstrando como era o dia-a-dia numa repartição pública nas duas primeiras décadas do século XX, principalmente, a inadaptação ao serviço, já que a necessidade de sobrevivência é que o mantinha ali; descreveu irônica e amargamente, a hipocrisia nas relações entre as pessoas, na conhecida Secretaria de Guerra:



“Ministério da Guerra” (imagem 06)

⁵⁷ Segundo Francisco de Assis Barbosa, em *A vida de Lima Barreto*, o escritor “inscreve-se no concurso para o preenchimento de uma vaga de amanuense na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra, em 18 de junho de 1903. Em 9 de julho, do mesmo ano, é classificado em segundo lugar. Apesar disto, em 27 de outubro de 1903 é nomeado e, no dia seguinte, toma posse do cargo. Após 14 anos, 3 meses e 12 dias de serviço público, ou seja, em 26 de dezembro de 1918, Lima Barreto é aposentado por ‘sofrer de epilepsia tóxica.’”, p.297 e 299.

O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com minha consciência.

Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia.

Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha.

Queria ganhar menos, muito menos, mas não suportar aqueles generais do Haiti que, parece, comandaram ou vão comandar em Austerlitz.⁵⁸

Demais, o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta. Não sei o que hei de arranjar para substituir aquilo, e a minha gana de sair de lá é tão grande, que não me promovem, não me fazem dar um passo à frente.

(20 de abril, de 1914)⁵⁹

Outras notas, anteriores a esta, existem no *Diário íntimo*, cujo teor envolve sentimentos de opressão, frustração e angústia presenciados por Lima Barreto. Mas esta, talvez, seja a mais dolorosa, porque nela se percebe o conflito do escritor consciente, que sabe estar sendo contrário à sua escritura, “É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com minha consciência”, pois, à época, Lima Barreto já havia escrito, *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* (1909), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (publicado em 1919), e *Triste fim de Policarpo Quaresma* (que saiu, primeiramente, em folhetins, pelo *Jornal do Comércio*, em 1911), além de já ter dado início, desde 1904, a *Clara dos Anjos*.⁶⁰

⁵⁸Referência à **Batalha de Austerlitz** que ocorreu em 1805, nos arredores da cidade de Austerlitz, na Morávia, à época sob domínio dos Habsburgo, e opôs os exércitos de Napoleão Bonaparte aos exércitos da Rússia e do Império Austríaco, sob o comando do general Kutuzov. Fonte: www.google.com.br, em 06/01/2007.

⁵⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1306.

⁶⁰ Ver anexo 02, sinopse cronológica da vida de Lima Barreto, organizada por Francisco de Assis Barbosa.

Todavia, o intelectual angustiado do início do século, também viveu momentos de lazer, em companhia dos amigos, ao frequentar, como informa Brito Broca, em *A vida literária no Brasil – 1900*, “os cafés literários”, ponto de reunião entre os jovens:



Lima Barreto andava a princípio pelo Café Jeremias ou na Americana, onde se via cercado por uma roda de “rapazes instruídos”, havendo determinação expressa de não se conversar jamais literatura, o que devia traduzir reação contra o clima artificialmente literário dessas rodas boêmias. Depois veio a tornar-se assíduo no Café Papagaio, num grupo denominado “Esplendor dos Amanuenses”, grupo que se reunia todas as tardes para discutir “coisas graves e insolúveis”.⁶¹

“Café Java”(imagem 07)

Ora, não se pode ser ingênuo e imaginar que a literatura esteve à parte nessas rodas de conversa, afinal, o texto literário também é permeado, de alguma maneira, de “coisas graves e insolúveis”. Outrossim, estar em contato com outros escritores, no ambiente propício a eles, como eram os cafés neste período, no caso de Lima Barreto, era uma tentativa de legitimar a posição de escritor. Segundo Dominique Maingueneau,

O café encontra-se na fronteira do espaço social. Lugar de dissipação de tempo e dinheiro, de consumo de álcool e fumo, permite que mundos distintos se encontrem lado a lado. Os artistas podem ali se reunir em

⁶¹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Op. cit., p.44.

*“bandos”, comungar na rejeição dessa sociedade burguesa que não os inclui nem exclui. Pois o artista é esse perpétuo errante que acampa às margens da cidade.*⁶²

Posto às margens, o escritor tenta ser reconhecido e assumir uma posição de destaque na sociedade, tentativa que se mostra, no caso de Lima Barreto, quando da sua candidatura, por duas vezes, à Academia Brasileira de Letras: a primeira, em 21 de agosto, de 1917, na vaga de Sousa Bandeira, em que Lima Barreto dirige uma carta a Rui Barbosa, informando sua inscrição, mas esta não foi considerada. A segunda ocorre em 28 de setembro, de 1921. Mais uma vez não consegue, como informa Francisco de Assis Barbosa, biógrafo do escritor: “A Academia, porém, não lhe quis abrir as portas. Os concorrentes eram fortíssimos, Humberto de Campos e Eduardo Ramos, ambos prestigiados dentro e fora das paredes da imortalidade.”⁶³

Tem-se, até aqui, um panorama do que era o campo literário de Lima Barreto: a cidade era permeada de contrastes, modernização versus pobreza da população; um escritor pobre e mulato, tentando afirmar seu nome no meio da “sociedade letrada” da época, detentora, neste sentido, do poder de legalizar a função de escritor e de fazer circular suas obras.

Lima Barreto, tal qual os pobres que se refugiaram nos morros ou nas favelas, quando expulsos da cidade que se revitalizava para viver o século XX, acabou ficando à margem do sistema literário⁶⁴. Evidente que Lima Barreto não aceitou essa situação de maneira passiva, pois procurou publicar em jornais e revistas, conforme *Diário íntimo*: “[...] entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos

⁶² MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Op. cit., p. 33.

⁶³ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Op. cit., p. 223.

⁶⁴ A idéia de sistema literário remete às colocações de Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira*. Vol.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, em que se interligam na confecção de uma obra, além dos fatores internos (língua, temas, imagens), elementos “de natureza social e psíquica”, como produção, recepção, veículo. (p. 23-25)

Jornais do Comércio do mês passado.” (5 de janeiro, de 1908)⁶⁵ Além disto, associou-se aos movimentos e agremiações, como a Academia dos Novos, que, segundo Brito Broca, surgia em contraposição à Academia Brasileira de Letras.⁶⁶

Mesmo tendo se candidatado a membro da Academia dos Novos, Lima Barreto não obteve votos suficientes e a Academia acabou antes mesmo de nascer, o que demonstra, neste sentido, as dificuldades e problemas de um escritor do começo do século XX, em se fazer ouvir ou fazer ouvir a sua escritura, nas circunstâncias vividas por Lima Barreto.

Afora os fatos relatados até aqui, presentes no campo literário de Lima Barreto e de outros escritores que estavam, de certa forma, à margem, como ele, foram as questões familiares, como as dívidas, algumas contraídas pelo pai, antes de estar debilitado e dado como incapaz, em 1902, algumas das angústias iniciais do escritor.

Pelo menos, até 1905, têm-se, no *Diário Íntimo*, indicações de assuntos pertinentes à família, como as duas passagens que se seguem. A primeira, condizente com o período em que Lima Barreto interage com o campo literário, pois todos os dias sai para o trabalho e convive, diretamente, com o cotidiano da cidade:

Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há 6 meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice.

Meu pai ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C.,⁶⁷ furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino!

⁶⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p. 1275.

⁶⁶ Para maiores informações sobre o assunto, dirigir-se à obra de Brito Broca, *A vida literária no Brasil – 1900*, no capítulo intitulado “Agremiações Literárias”, às páginas 53-60.

⁶⁷ Lima Barreto possuía três irmãos. Era o mais velho, pois Nicomedes, que nasceu em setembro de 1879, portanto anterior ao escritor, havia falecido com oito dias de nascido. Assim, seguem-se a Lima Barreto: Evangelina (1882), Carlindo (1884) e Eliézer (1886). Nesta passagem do *Diário*, Lima Barreto refere-se a Carlindo.

Orçamento:

<i>Ordenado.....</i>	<i>184</i>
<i>Doutor Araújo.....</i>	<i>40</i>
	<i>224</i>

Despesas:

<i>Casa</i>	<i>120</i>
<i>Venda.....</i>	<i>80</i>
<i>Médico</i>	<i>10</i>
<i>M. de Oliveira</i>	<i>4</i>
<i>Café</i>	<i>3</i>
	<i>217</i>

(janeiro, de 1904)⁶⁸

A segunda liga-se aos pequenos momentos de prazer, interrompidos pelo pai, que o queria sempre por perto:

[...] Domingo, passei-o em casa. Cortando artigos do Figaro do ano passado e os pregando sobre a lídima prosa do nosso Rui Barbosa. Enchi o dia assim e enchi-o agradavelmente, suavemente. Meu pai freqüentemente me ia apoquentar. Pobre insano.

(17 de janeiro, de 1905)⁶⁹

Lima Barreto se queria inteiro para a literatura, mas, às vezes, era submetido às necessidades/realidades do mundo e arrancado de seu espaço de criação, a casa/o quarto. Com foi dito anteriormente, até 1905, as referências à situação familiar são temas do *Diário Íntimo*, e, ganham, aqui ou acolá, espaço, como em 1914, quando escreve, por exemplo, “A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. Meus irmãos, egoístas como eles, queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da Guerra.”(20 de abril, de 1914)⁷⁰

⁶⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1217.

⁶⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1249

⁷⁰ BARRETO, Lima . *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1306.

As questões que envolvem a produção, circulação e recepção de suas obras, serão assuntos abordados no *Diário Íntimo*, enfatizando-os a partir de 1910, conforme as notas seguintes:

Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dois ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o besta, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo.

(16 de julho, de 1908)

Preciso descobrir O Dia do Alcindo a meu respeito. Veio na A Imprensa, quando eu publiquei no Jornal o Policarpo.

(1911)

O Policarpo Quaresma foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado em folhetins no Jornal do Comercio da tarde, em 1911. Quem o publicou foi o José Félix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cisme em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive do Santos, que me emprestou trezentos mil-réis, e o Benedito imprimiu-o.

(Março, de 1916)⁷¹

Reafirmam-se, através destas notas, os problemas que um escritor, como Lima Barreto, desconhecido e marginalizado, enfrentava para se inserir no sistema literário. Por mais que tivesse apego à literatura e sonhasse com o reconhecimento, teve que se valer de recursos próprios para a publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Daí, não se pode pensar que no começo do século XX, e provavelmente nem hoje, pudesse o escritor, sobretudo os que se encontravam à margem, sobreviver de sua obra. Por mais que deseje se entregar ao prazer que a literatura lhe proporciona, o escritor se vê dentro de um campo de adversidades e contradições, pois necessita sobreviver. Na visão de Pierre

⁷¹ BARRETO.Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit, p.1283;1303; 1312.

Bourdieu, esse conflito, escrever X sobreviver, faz parte da própria formação do campo literário do escritor:

A “profissão de escritor ou de artista é, com efeito, uma das menos codificadas que existem [...] aqueles que dela se valem só podem assumir a função que consideram como principal com a condição de ter uma profissão secundária da qual tiram seu rendimento principal. Esses empregos têm a virtude de colocar seus ocupantes no coração do “meio”, ali onde circulam as informações que fazem parte da competência específica do escritor e do artista, onde se estabelecem as relações e se adquirem as proteções úteis para chegar à publicação.”⁷²

Evidencia-se que se o emprego na Secretaria da Guerra não forneceu, para o escritor em estudo, “proteções”, às quais repudiava, ao menos proporcionou-lhe, entre a casa e o trabalho, manter boas relações de amizade, e sofreu, quando percebeu que elas se dissipavam, como registra no *Diário íntimo*,

Abate-me também não ter amigos e ir perdendo os poucos que tinha. Santos está se afastando; Ribeiro e J. Luís também. Eram os melhores. Carneiro (o Otávio), o egoísta e frio Otávio está fazendo a sua alta vida, sua reputação, o seu halo grandioso, e é preciso não me procurar mais. Eu esperava isso tudo; mas não pensei que fosse tão cedo. Resta-me o Pausilipo, este é o único que se parece comigo e que tem o meu fundo, que ele desconhece por completo.⁷³

(16 de julho, de 1908)

Que motivos fariam os amigos se afastarem de Lima Barreto? São as incógnitas que o campo literário levanta, mas que não podem e nem devem ser respondidas apenas com os

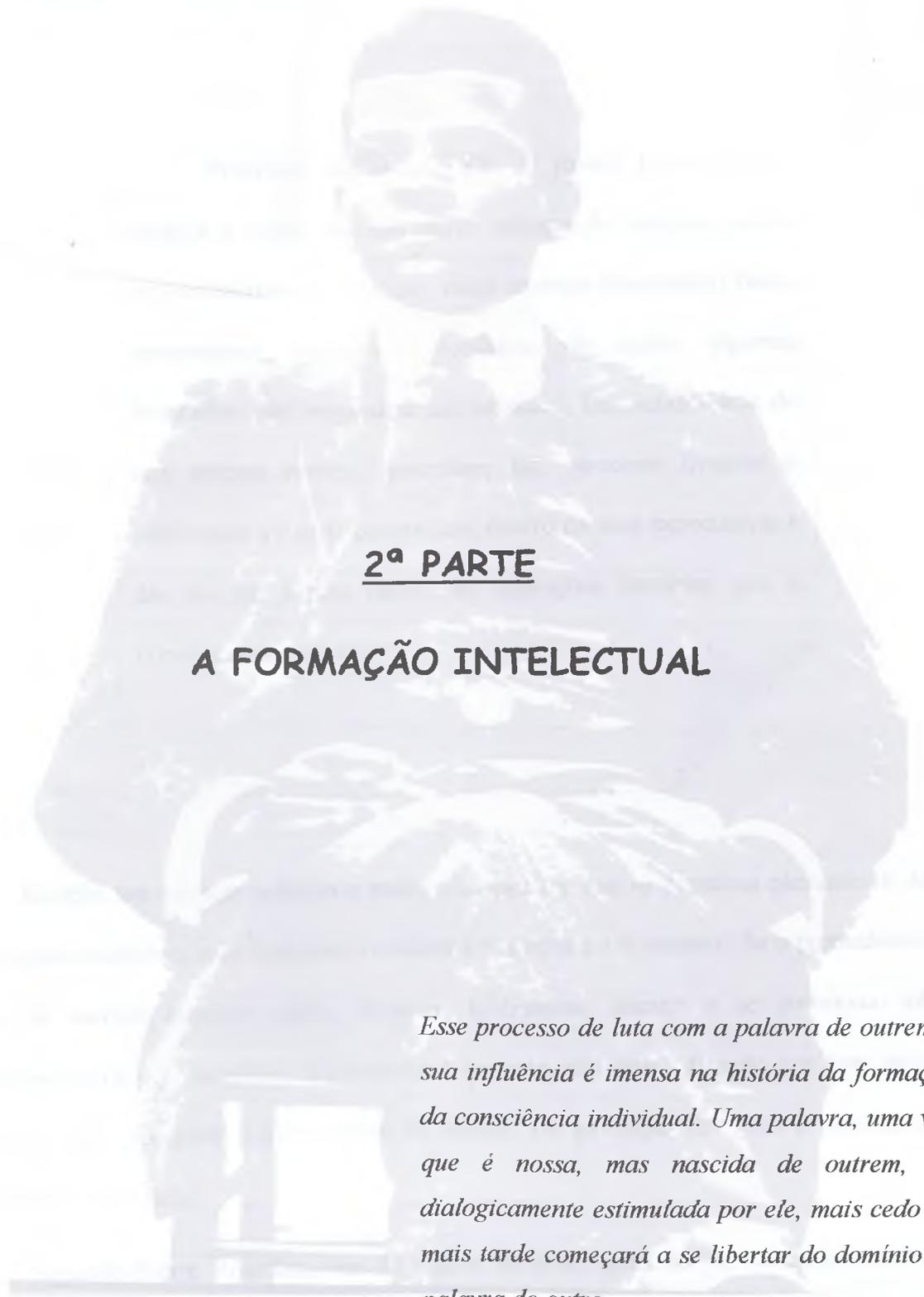
⁷² BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. op. cit., p. 257.

⁷³ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p. 1283.

aspectos biográficos que envolvem o escritor, como sua doença, por exemplo. Seria preciso deter-se em outras pesquisas que não cabem, nesse momento, ao trabalho em questão.

Pretendeu-se, ao longo dessas imagens traçadas do campo literário do escritor, provocar o leitor barretiano para os motivos que fizeram de Lima Barreto um “escritor inconformado”, inserido num espaço urbano que se modificava e que exigia de todos igual atenção, Lima Barreto pretendeu dizer a todos que de nada adiantava o espaço urbano se modificar e se europeizar, se as pessoas não fossem capazes de pensar nesse espaço, agir sobre ele e torná-lo digno para viver.

Desta forma, Lima Barreto, produto e sobrevivente das forças atuantes no campo literário de entre os dois séculos, sob as forças do que se denominou de impressionismo, realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo e anos de transição para a famosa e importante Semana de 22, das mudanças, lutou e deu tudo de si, através de sua escritura, para ser ouvido.



2ª PARTE

A FORMAÇÃO INTELECTUAL

Esse processo de luta com a palavra de outrem e sua influência é imensa na história da formação da consciência individual. Uma palavra, uma voz que é nossa, mas nascida de outrem, ou dialogicamente estimulada por ele, mais cedo ou mais tarde começará a se libertar do domínio da palavra do outro.

(Mikhail Bakhtin. "O Discurso no Romance." In: *Questões de Literatura e Estética*. p.147-148)

1 O campo intelectual

Princípio do século XX. O jovem Lima Barreto começa a redigir, em seu diário, esboços de histórias. Sonha em ser escritor e, para isto, traça enredos imaginando fatos, personagens, motivos e conflitos, são ações, algumas frustradas, para engendrar um romance. Tem consciência de que precisa estudar, pesquisar, ler, percorrer livrarias e bibliotecas a fim de concretizar, dentro de suas expectativas e das de seu futuro ofício, as aspirações literárias que o impulsionam a escrever.

Existirá um escritor solitário e puro? Um escritor que se constitua plenamente, sem mecanismos exteriores para legitimar e compor a sua obra e a si mesmo? Se o pretendente ao cargo de escritor percorre cafés, livrarias, bibliotecas, discute e se posiciona sobre determinados fatos e situações, relacionados à sua arte, não estará dizendo que quer ser um criador e, por isso, pode e tem o dever de opinar? De participar das lutas e escolhas que envolvem o seu ofício?

Segundo Pierre Bourdieu, em *As regras da arte*, antes de ser aclamado escritor é preciso se sentir e se comportar como tal, a ação de ser passa pela consciência e atitude intrínsecas à posição assumida:

*(...) saber se determinado pretendente ao título de escritor (etc.) faz parte da população dos escritores, é esquecer que o campo de produção cultural é o lugar de lutas que, através da imposição da definição dominante do escritor, visam delimitar a população daqueles que estão no direito de participar da luta pela definição de escritor. Essa luta a propósito de limites do grupo e das condições da participação não tem nada de abstrato: a realidade de toda a produção cultural, e a própria idéia do escritor, podem ver-se radicalmente transformadas apenas pelo fato de um alargamento do conjunto das pessoas que têm uma palavra a dizer sobre as coisas literárias.*⁷⁴

Ser engajado e ter “algo a dizer sobre as coisas literárias” não serão esses prováveis caminhos para ser nomeado escritor ou para começar a delinear a sua formação, já que se está em contato com outros da mesma “espécie”, como acaba registrando Lima Barreto em *Diário Íntimo*?

É um tipo de literato do Brasil, esse meu amigo Tigre, inteligente, pouco estudioso, fértil, que usa da literatura como um conquistador usa das roupas – adquirir mulheres, de toda a casta e condição.
(24 de janeiro, 1905)

É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles possuem não é secundada por um grande esforço de estudos e reflexão. Presumidos de saber todas as literaturas, de conhecê-las a fundo, têm repetido ultimamente as maiores sandices sobre o Gorki⁷⁵, que anda encarcerado na Rússia, por motivos dos levantes populares lá havidos.

⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Op. cit., p.254.

⁷⁵ **Máximo Gorki (1868-1936)** era pseudônimo do escritor russo Alexei Maximovich Pechkov. Gorki, que em russo significa “amargo”, aderiu ao marxismo e militou em inúmeros grupos revolucionários. Em 1905, após o fracasso da primeira revolução que pretendia derrubar o Czar, acabou preso. No ano seguinte, porém, sob fortíssima pressão da comunidade internacional, as autoridades russas foram obrigadas a libertá-lo. **Gorki** viajou então para a Itália, onde morou até o triunfo da Revolução Soviética, em 1917. Apesar de sua amizade com Lênin, o escritor só retornou definitivamente à Rússia em 1928, transformando-se de imediato na maior figura literária do regime comunista. Sua morte, ocorrida em 1936, despertou suspeitas de envenenamento que nunca foram confirmadas. **Fonte:** www.google.com.br, em 08/02/07.

Há dias, conversando com o Tigre⁷⁶, ele me disse que esse Gorki nada valia – escrevera uns contos, coisas de fancaria socialística. É incrível, mas é verdade.

Quando eu disse que o Máximo tivera o Prêmio Nobel, ele se admirou – não sabia.

Entretanto, Tigre é uma das esperanças da geração moderna.

(1905)⁷⁷

Todavia, Lima Barreto deixa transparecer que não basta apenas “dizer coisas” ou ser autorizado a frequentar os mesmos “espaços” de legitimação e circulação de idéias, é preciso fugir ao perfil de literato à Tigre, “pouco estudioso”, por mais que este, ironiza, seja “a esperança da geração moderna”. Ora, se ao futuro se reserva um literato “que usa da literatura como um conquistador usa das roupas – adquirir mulheres, de toda a casta e condição” e, não obstante, desconhece a sua arte, o seu objeto de criação e produção, então, o que espera e exige de si Lima Barreto? Que palavra/coisa(s) terá a dizer sobre a literatura?

Pela observação sobre Máximo Gorki, percebe-se que o escritor de *Os Bruzundangas* procura se distinguir dos outros de sua “futura espécie” e, impelido por esse objetivo de formação, passa a ler revistas, jornais, livros que o ajudem nessa constituição de sua própria natureza de escritor, permanentemente voltada para o estudo e a reflexão, não apenas da arte que abraçou e amou, a Literatura, mas para as “criações” e “ações” humanas, isto é, para a “formação da consciência individual”, como coloca Mikhail Bakhtin, na epígrafe de abertura dessa segunda parte.

Poder-se-ia argumentar que o problema da formação intelectual é exterior à feitura da obra. No entanto, ela se entrelaça à tessitura do próprio ato de criação e, no caso de Lima

⁷⁶ Lima Barreto conheceu Manuel **Bastos Tigre** (1882-1957) na Escola Politécnica. Este o convidou, à época, a colaborar em jornais acadêmicos como “A Lanterna” e “Quinzena Alegre”. Bastos Tigre diplomou-se pela Escola Politécnica, em 1906, e atuou como jornalista, poeta, compositor, teatrólogo, além de engenheiro e bibliotecário. **Fonte:** www.google.com.br, em 08/02/07. Consultar: MENEZES, Raimundo. *Bastos Tigre e “La Belle Époque”*. São Paulo: Edart, 1996.

⁷⁷ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1252;1258-1259.

Barreto, informar-se sobre as idas dele à Biblioteca Nacional, como demonstra a passagem abaixo de *Diário Íntimo*, para investigar a respeito da História do Brasil, por exemplo, não levaria o leitor à(s) outra(s) perspectiva(s) de leitura(s) de suas obras ficcionais, como *Clara do Anjos*?



“Biblioteca Nacional”
(imagem 08)

A 20, dia santo de São Sebastião, semiferiado, vim para minha desgraça à secretaria e de tal forma trabalhei nesse dia, que resolvi não vir no dia seguinte, em que fui à Biblioteca Nacional tomar notas para o meu romance. Pedi maio de 1888; vindo-me, corri o mês, desde 10 até 16, onde recebi confirmação do que pensava.

(24 de janeiro, 1905)⁷⁸

⁷⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1251.

Observa-se que a pesquisa e o estudo exigiam do escritor um distanciamento do trabalho para se dedicar à leitura, à reflexão e às anotações com afinco: “resolvi não vir no dia seguinte, em que fui à Biblioteca Nacional”, uma atitude que revela o processo de consciência e coerência da escritura barretiana, “onde recebi a confirmação do que pensava”, em não dizer ou revelar ao acaso. Sua fortuna literária constitui-se como resultado de exaustivas buscas pela “consciência”.

Como compreender, então, essa formação intelectual? Basta catalogar autores, revistas, jornais lidos e/ou relidos pelo escritor e listar os espaços percorridos para se ter o campo intelectual? Isto pode ser uma alternativa inicial, mas não suficiente, já que o processo de formação intelectual não se dá de forma pacífica. Contudo, tal qual o castigo aplicado a Sísifo por Hades⁷⁹, a luta do escritor com/no campo é inesgotável, como observa, ainda, Pierre Bourdieu, em *As regras da arte*:

O campo literário (etc.) é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam (seja, para tomar pontos muito afastados, a do autor de peças de sucesso ou a do poeta de vanguarda), ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças. E as tomadas de posição (obras, manifestos ou manifestações políticas etc.), que se pode e deve tratar como um “sistema” de oposições pelas necessidades de análise, não são o resultado de uma forma qualquer de acordo objetivo, mas o produto e a aposta de um conflito permanente. Em outras palavras, o princípio gerador e unificador desse “sistema” é a própria luta.⁸⁰

⁷⁹ Mitologia Grega. Após sua morte, “Sísifo foi condenado a empurrar uma enorme rocha até o pico de uma colina, tarefa impossível e eterna, já que, cada vez que atingia o pico, a rocha voltava ao ponto inicial.”. In: JULIEN, Nadia. *Minidicionário Compacto de Mitologia*. Trad. Denise R. Vieira. São Paulo: Rideel, 2002, p.330.

⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Op. cit., p.262-263.

A luta se manifesta como algo inevitável, já que é determinante para a dinâmica, “tendem a conservar ou a transformar”, e a existência do campo, “conflito permanente”; ao mesmo tempo, impulsiona o escritor às escolhas, que o levarão, como declara Mikhail Bakhtin, a uma “luta com a palavra de outrem”⁸¹ e, por que não, consigo mesmo e com o meio, à procura da sua própria palavra?

Forças atuantes entre memória e tradição, como revela Ricardo Piglia, em ensaio apresentado no 2º Congresso ABRALIC:

*Para um escritor la memoria es la tradición. Una memoria impersonal, hecha de citas, donde se hablan todas las lenguas. Los fragmentos y los tonos de otras escrituras vuelven como recuerdos personales. Con mas nitidez, a veces que los recuerdos vividos. (...) Las relaciones de propiedad están excluida del lenguaje: podemos usar todas la palabras como si fueran muestras, hacerles decir lo que queremos decir, a condición de saber que otros en ese mismo momento la estan usando quiza del mismo modo. Condición que encierra un núcleo utópico, en el lenguaje no existe la propiedad privada.*⁸²

Portanto, o campo intelectual se vincula à perspectiva anterior de um leitor que exercitou escolhas e que, motivado por aceitações e recusas, constituiu sua linguagem como resultado daquilo que assimilou ⇔ transformou ⇔ superou para se distinguir, através da sua escritura, do que “otros en ese mismo momento” pudessem estar dizendo “quiza del mismo modo”, já que “en el lenguaje no existe la propiedad privada”.

⁸¹ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. Op. cit., p.147-148.

⁸² “Para um escritor a memória é a tradição. Uma memória impessoal, cheia de citações/encontros, onde se falam todas as línguas. Os fragmentos e as palavras de outras escrituras voltam como recordações pessoais. Com mais nitidez, às vezes, que as recordações vividas. (...) As relações de propriedade estão excluídas da linguagem: podemos usar todas as palavras como se fossem nossas, fazê-las dizer o que queremos dizer, com a condição de saber que outros nesse mesmo momento a estão usando quase do mesmo modo. Condição que encerra uma ilusão, pois na linguagem não existe a propriedade privada.” (Tradução nossa). In: PIGLIA, Ricardo. “Memória y tradición”. 2º Congresso ABRALIC, “Literatura e Memória Cultural”. Belo Horizonte, 8 a 10 de agosto de 1990, p.60.

Assim, para se “libertar do domínio da palavra do outro”, como propõe o autor de *Questões de Literatura e Estética*, é necessário, antes, que o escritor se sinta preso, quase sufocado por aquilo que pertence e não pertence a si, “a palavra de outro”, fruto da sua escolha, mas que não pode ser parte permanente dele. Do contrário, como poderia constituir sua identidade? Para que haja o conflito é indispensável que exista, do outro lado, a angústia de se sentir encarcerado, a fim de que, ao buscar a liberdade, o escritor encontre o seu “espaço possível”, como demonstra Pierre Bourdieu:

A relação entre as posições e as tomadas de posição não tem nada de uma relação de determinação mecânica. Entre uma e outras se interpõe, de alguma maneira, o espaço dos possíveis, ou seja, o espaço das tomadas de posição realmente efetuadas (...)

Para apreender o efeito do espaço dos possíveis, que age como revelador das disposições, basta, procedendo à maneira dos lógicos que admitem que cada indivíduo tem suas “contrapartidas” em outros mundos possíveis sob a forma do conjunto dos homens que ele teria sido se o mundo tivesse sido diferente, imaginar o que teriam podido ser os Barcos, Flaubert ou Zola se houvessem encontrado em outro estado do campo uma oportunidade diferente de desenvolver suas disposições.⁸³

Mesmo eternas, lutas ⇔ escolhas levam ao que Bourdieu chama de “espaço possível” ⇔ liberdade, ao que determinaria, por exemplo, quem é/foi “Lima Barreto”, a partir do espaço que pôde realmente ocupar, ou seja, à medida que efetivava suas escolhas, delimitava o campo intelectual e traçava a sua formação. Portanto, bem ou mal, são as forças atuantes e permanentes no campo que impulsionam o escritor à sua “consciência individual”, à sua voz.

⁸³ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Op. cit., p.265.

Assim, o *Diário Íntimo* representa, dentro das expectativas deste trabalho, forma e meio de se conhecer, mesmo que parcialmente, o campo intelectual de Lima Barreto. Constitui-se como parcial porque, no caso do escritor em estudo, para que “todo” o campo pudesse ser apresentado e discutido seria necessário ler, observar e comparar toda obra (ficcional, crítica, memorialística) com os volumes (livros, revistas, enciclopédias) da Biblioteca Limana⁸⁴ (anexo 01) lidos ou sugeridos para leitura, os lugares freqüentados, as pessoas com as quais conviveu, admirou e até repudiou. Mas seria possível retratar todo esse campo em um único estudo? O diário não pode, aqui, indicar o caminho para novas pesquisas, outros e múltiplos olhares?

Com o *Diário Íntimo* começara a consciência da luta na efetiva elaboração da linguagem exercitada nos pedaços de registros do dia-a-dia. Lima Barreto pesava e avaliava, com senso crítico, as palavras de outros e as posturas de outros que circulavam no perverso circuito das letras, atravessadas por outros fatores.

Se ao menos o talento e a consciência literária pesassem mais que os compadrios e as trocas de favores? Inserir-se ao campo literário e das idéias na passagem para o século XX no Rio de Janeiro significa, entre outras pressões, ser atravessado pelas linguagens, os ditos, os não-ditos, os sugeridos, os interditos do discurso dominante e em choque, num momento de cruzamento de algumas tendências para melhor dizer do homem daquele momento.

⁸⁴ Para Robert Darnton, no capítulo “Primeiros passos para uma história da leitura”: “(...) o catálogo de uma biblioteca particular pode servir como perfil de um leitor, mesmo que não leiamos todos os livros que possamos e leiamos muitos livros que nunca compraremos. (...) o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar o “quê” com o “quem da leitura”. In: Darnton, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p.152.

2 Representação do leitor no *Diário Íntimo*

01 de Janeiro, de 1905. Lima Barreto levanta-se. Faz seu asseio matinal. Toma seu café. Lê os jornais. Recorta figuras, retratos e textos para pregá-los nas paredes de seu quarto. Absorto na leitura e seleção, não percebe a noite chegar.

A descrição acima, parafraseada a partir de *Diário Íntimo*⁸⁵, permite entrever o envolvimento e dedicação do leitor que se apronta para um ritual, a leitura, e isto tem muito a dizer, segundo Dominique Maingueneau, da “maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época”⁸⁶, literatura na acepção ampla do vocábulo. No dormitório-sala de trabalho, tudo se encontra em ordem, ainda que convivam nesse mesmo espaço “livros, móveis, quadros”⁸⁷, desejoso de ser criador assume a posição de criatura: é um leitor procurando se inteirar das coisas do mundo, de “figuras” e de “dizeres”. Serão passagens esparsas, no *Diário*, indícios de sedução pela palavra e imagem do outro? Como esse leitor se revela? Como se constitui? O que procura através de recortes e leituras?

⁸⁵ Lê-se em *Diário Íntimo*: “Hoje, dia de Ano Bom (1º de janeiro de 1905) levantei-me como habitualmente às sete e meia para as oito horas. Fiz a única ablução do meu asseio, tomei café, fumei um cigarro e li os jornais. Acabando de lê-los, arrumei as paredes do meu quarto. Preguei aqui, ali, alguns retratos e figuras e ele tomou um aspecto mais garrido.” (1 de janeiro, de 1905); e, mais adiante, em 14 de janeiro, de 1905, escreve : “Ontem passei o dia em casa. Um dia bom. Folhiei os meus livros, cortei os artigos franceses e preguei-os de encontro a lídima prosa de Rui Barbosa.” In: BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1237; 1248.

⁸⁶ MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Op. cit., p.45.

⁸⁷ Descrição sumária do quarto de Lima Barreto, registrada no diário, a partir de entrevista concedida pelo escritor ao jornal *Rio-Jornal*. In: BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1326.

Maria Helena Martins, em *O que é leitura*, diz que uma das funções da leitura é preencher um espaço na vida de seu leitor, motivado por um desejo pessoal em aprender (interno/subjetivo) e pelas exigências do mundo, (externo/objetivo) alguém se predispõe a abrir um livro e começar a folheá-lo, a lê-lo; a continuidade da leitura dependerá da força de suas motivações:

*(...) para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. (...) A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas.*⁸⁸

Quer dizer que não existe a leitura de fruição, de prazer? Para Maria Helena Martins, a leitura se estabelece em três níveis: sensorial, emocional e racional⁸⁹, mesmo inter-relacionados, a predisposição e o interesse do leitor acabam privilegiando um nível. Assim, a leitura sensorial diz respeito às referências “mais elementares do ato de ler”, como a visão, o tato, a audição, o olfato: a capa, a folha, o cheiro, as gravuras, motivos presentes numa primeira impressão.

Já na leitura emocional “emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas pelo outro”, como alude, em conformidade, Augusto Meyer, no artigo “Leitor”⁹⁰, ao sugerir o “leitor ator”, aquele que se

⁸⁸ MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p.82-84. [Coleção Primeiros Passos]

⁸⁹ Sobre o assunto ler o capítulo “O ato de ler e os sentidos, as emoções e a razão”, in: MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. Op. cit., p.36-81.

⁹⁰ MEYER, Augusto. “Leitor”. In: *Textos críticos*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 3-10.

identifica com o texto lido (reflexo) e assume um papel, herói ou anti-herói, dependendo da aventura que deseja empreender através da leitura.

E o nível racional? Qual seu papel na leitura? Para a autora de *O que é leitura*, este nível liga-se ao processo de “conhecimento e reflexão, a ordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais”. É dentro desse nível que o “horizonte de expectativa”, apresentado por Hans Robert Jauss, em *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*⁹¹, será ampliado, já que se condensam e se cruzam a experiência de leitura do leitor e sua capacidade de interpretação.

Todavia, excluindo-se as motivações do nível sensorial, é possível para o leitor percorrer/sair do nível emocional para o racional? É pensável a existência de um leitor ideal? Aquele leitor, segundo Odalice de Castro Silva, “capaz de quebrar a barreira da admiração para chegar à interpretação, reflexão”⁹²? De acordo com Augusto Meyer, essa mudança de postura é viável se, em contrapartida, a intenção e a recepção do leitor se alterarem. Portanto, não se pode afirmar que um leitor iniciante se debruce sobre *Iracema*, de José de Alencar, por exemplo, do mesmo modo que um leitor experiente; nem que um estudioso de Literatura leia, a princípio, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, da mesma forma que um historiador; ou que Lima Barreto leu *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, apinhado sempre de igual impressão. Volta-se, assim, para a questão inicial: Por que se lê?

Cada leitor possui a sua história de leitura e, para responder à indagação acima, seria preciso (re)construir a história de cada leitor ou percorrer diferentes épocas para se ter uma idéia de como a leitura foi assimilada; de qualquer forma, algo impossível na sua totalidade, já

⁹¹ O assunto já foi abordado neste trabalho, no sub-capítulo “1.2 A importância do campo literário.”. Rever as notas de rodapé 11(onze) e 12 (doze).

⁹² Anotações de aula a partir dos debates empreendidos na disciplina Métodos de Investigação Literária, ministrada pela referida docente, em 2005.2, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC.

que há, segundo Roger Chartier, no capítulo “Literatura e Leitura”, “a cada dia milhões de indivíduos que realizam milhões de atos de leitura, e reconstruir esta realidade múltipla da leitura está além das possibilidades das ciências sociais”⁹³. Mas, para este trabalho, não parece viável revelar, a partir de *Diário Íntimo*, a história de leitura de Lima Barreto?

Um leitor para quem o ato de leitura representou conhecimento e liberdade, dois pólos de um eixo que se completa ao revelar tanto os fatores externos quanto internos: através do conhecimento poderia alimentar a vontade de aprender e de fazer os outros aprenderem, a partir de um ritual que compreendia as obras que leu e as que escreveu, entre ficção, crítica e memória.

Neste caso, as projeções de leituras, presentes em *Diário Íntimo*, ajudam na recuperação, mesmo que parcial, da história de leitura ↔ leitor de um jovem iniciante a escritor do início do século XX. Por quê? Robert Darnton esclarece que, ao se compreender como se lia, pode-se vir a “compreender melhor como ele (leitor) entendia a vida”⁹⁴. Como Lima Barreto entendia o seu motivo de vida, a escrita/literatura? Que uso fez dessas leituras para a realização de seus ideais? Pode-se argumentar: Se a leitura direciona o indivíduo para a formação/concretização de seus objetivos, por que não traçar um perfil do leitor em estudo desde a sua infância? Por que não percorrer outras obras, já que o *Diário Íntimo* se inicia em 1900?

Seguindo as indicações de Marcel Proust, em *Sobre a leitura*, “o que as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dos dias em que as fizemos”⁹⁵; assim, não é a história das leituras da infância ou as leituras desinteressadas do principiante a leitor que se inicia no mundo das letras que, neste momento, podem ajudar a compreender a consciência ético-social e a produção literária do escritor Lima Barreto, mas as leituras que este realizou

⁹³ CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.101.

⁹⁴ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Op. cit., p.172.

⁹⁵ PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1991, p.24.

movido pela vontade de encontrar a sua palavra, a forma pessoal de dizer as coisas em que acreditava.

Além disto, o *Diário Íntimo*, foco desta pesquisa, está sendo analisado como uma escrita espontânea, surgida e sugerida por momentos de recolhimento e solidão. Por mais que as histórias de leituras transcritas no *Diário* pareçam banais ou mesmo relatos ocasionais, podem conduzir o estudioso da obra barretiana a uma imagem do leitor e do escritor em formação.

Ao fazer recortes da prosa de Rui Barbosa, ler jornais franceses, frequentar cafés, livrarias, Lima Barreto buscava “ainda um lugar onde falasse, pensando num meio de libertar a própria linguagem das imposições dos modelos consagrados para assim transformá-la em instrumento capaz de conviver historicamente com a realidade em mudança.”⁹⁶, como sintetiza Antonio Arnoni Prado em passagem de *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Como libertar a sua linguagem desses padrões sem os conhecer, sem saber quais pensadores poderiam contribuir com seus ideais?

Portanto, o *Diário Íntimo*, pode ser investigado a partir do pensamento de Philippe Lejeune, em *Les brouillons de soi*, ao dizer que “Muitos escritores mantiveram diários, que foram as matrizes, os reservatórios, os ateliês de suas obras.”⁹⁷ Assim, o *Diário* não se constituiria como objeto importante para se abstrair e se analisar algumas características e categorias propostas por Lejeune, “matrizes”, “reservatórios” e “ateliês”, importantes para se examinar como se processaram as “supostas” lutas com a palavra na formação da “consciência individual” barretiana?

⁹⁶ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

⁹⁷ A tradução foi realizada em sala de aula, na disciplina HGP818 – Seminário de Literatura Brasileira I, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Literatura Brasileira - da UFC, ministrada pela Prof^ª. Celina Fontenele Garcia, revisada pelo Prof. Francisco de Assis Garcia.

A história de um leitor que parece responder ao questionamento de Pierre Bourdieu, anos depois, em “A leitura: uma prática cultural”, quando este coloca: “Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social”⁹⁸. Portanto, ao sugerir, em *Diário Íntimo*, um curso de filosofia para si próprio, um curso que o encaminhe para a reflexão, não começa a se formar o intelectual comprometido? O leitor racional, de Maria Helena Martins?

Curso de filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto, segundo artigos Grande Encyclopédie Française du Siècle XIXème, outros dicionários e livros fáceis de obter.

O curso será feito segundo a história do pensamento filosófico, devendo cada época ser representada pela opinião dos seus mais notáveis filósofos. Na passagem de uma época para outra, constituirá o grande objetivo do curso estabelecer a ligação dos dois pensamentos, as suas modificações e o que se eliminou de um e por que essa eliminação foi feita, assim como as reações da ciência e da arte.

(1903)⁹⁹

Lima Barreto, através do excerto acima, deixa entrever a necessidade de expandir o “horizonte de expectativa” e aprofundar o “repertório”. Para ser um leitor crítico? Provavelmente, uma vez que demonstra não compor o estereótipo de leitor passivo, como a teoria da literatura via, pelo menos, até a primeira metade do século XX, o papel do leitor. A leitura torna-se, em certo contexto, perigosa e essencial, pois é um meio de levar seus usuários a alterar a visão de mundo e sonhar “com as possibilidades de transformar a sociedade”¹⁰⁰ e

⁹⁸ CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 243.

⁹⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1214-1215.

¹⁰⁰ ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001, p.55.

não se conformar com o já existente, como escreve Regina Zilberman em *Fim do livro, fim dos leitores?*

Através da leitura e da vontade de escrever, não tencionou Lima Barreto transformar a sociedade? Sua obra, como demonstra alguns estudiosos, entre eles Osman Lins, “Lima Barreto, intérprete sagaz do seu país e do seu povo, viu como ninguém, as nossas falhas”¹⁰¹, não parece ser a denúncia de males sociais? Males que precisam ser identificados e combatidos? Afinal, o conceito de leitura para o escritor de *Histórias e Sonhos*, “não é intuitivo, ou se o foi de início, logo procurou dar-lhe fundamento, esclarecendo-se em leituras”¹⁰², como aborda Cavalcanti Proença. Embora essas leituras e essa consciência o tenham levado à reflexão sobre as ações e os dizeres dos homens de seu tempo e de outros tempos, conforme salienta Osman Lins:

*O escritor é quase sempre um homem que, ligado aos semelhantes, vê-se condenado, pelo seu modo pessoal de ver e pela intensidade de suas perquirições, a uma solidão que não é física e nem mesmo, a rigor, espiritual no sentido ordinário do termo. A sua é a solidão da percepção intensa e do ato de exprimir. Ele fala aos outros homens.*¹⁰³

Também foi responsável por ter desencadeado a solidão, como se evidenciam o trecho acima e como observa Sônia Brayner, no ensaio “Lima Barreto: Mostrar ou Significar”:

O caminho da consciência através da dor, para a depuração de uma idéia, para o desdobramento das potencialidades do ser e o ilhamento que tal atitude provoca na fixidez do cotidiano social é a grande

¹⁰¹ LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. Op. cit., p.27.

¹⁰² PROENÇA, M. Cavalcanti. “Lima Barreto”. In: *Estudos Literários*. Op. cit., p.75.

¹⁰³ LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. Op. cit., p.28.

*questão do mundo absorvida por Lima Barreto nessas leituras constantes.*¹⁰⁴

Dor e isolamento que se materializaram através das obras ficcionais *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Isaias Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a trilogia do insulamento, segundo Osman Lins, e que foram se intensificando na vida do leitor, “(...) o isolamento parece repercutir na sua vida ou extremar-se”¹⁰⁵, declara o autor de *Avalovara*. Mesmo mergulhado na solidão (ilhamento), pode-se negar a imagem que paira de Lima Barreto - leitor?

Afinal, George Steiner ao analisar a pintura *Le Philosophe lisant* (anexo 03), de Jean-Baptiste-Siméon Chardin (1699-1779), chama a atenção para o silêncio que a leitura evoca: “A leitura, como Chardin a representa, é um ato silencioso e solitário. Trata-se de um silêncio vibrante de emoção abarrotada de vida.”¹⁰⁶ Quem pode negar que a leitura seja uma forma de se encontrar, também, sentido para a vida? Não seria isso que Lima Barreto perseguia?

Ainda que estivesse diante de páginas que nunca seriam lidas, e dedicasse horas à leitura, “Até mesmo os leitores mais obsessivos só conseguem ler uma fração minúscula da totalidade de textos existentes no mundo”¹⁰⁷, informa George Steiner, dispondo-se a contínuos sacrifícios, enfim, não deseja Lima Barreto refletir sob as possibilidades do texto: Qual podia ser re↔lido e levar o pensamento quase à exaustão para se transformar em processos contínuos de sentido e conhecimento?

¹⁰⁴ BRAYNER, Sônia. *Labirinto do Espaço Romanesco*. Tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979, p.154.

¹⁰⁵ LINS, Osman. *Lima Barreto e espaço romanesco*. Op. cit., p.41.

¹⁰⁶ STEINER, George. “O leitor incomum”. In: *Nenhuma paixão desperdiçada*. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.20.

¹⁰⁷ STEINER, George. “O leitor incomum”. In: *Nenhuma paixão desperdiçada*. Op. cit., p.15.

Cercado por volumes e desejoso de todas as leituras, Lima Barreto procurava, também, textos que o conduzissem a uma consciência histórica da formação de seu povo, de seu país. Parece querer entender os motivos que levaram o Brasil à escravidão dos negros, “No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade”¹⁰⁸ (1903), anota em *Diário Íntimo*. De acordo com Sônia Brayner, em Lima Barreto: “o mundo ficcional torna-se intermediário de idéias sobre os desajustes sociais e o mundo psíquico da construção dos personagens acha-se subordinado às causas e efeitos presentes na historicidade geradora.”¹⁰⁹

Era um leitor buscando temas que realizassem o escritor, talvez um mecanismo de defesa centrado na realização artística para reduzir, de forma inconsciente, a tensão instalada em seu meio social pelo que considerava aspectos de uma hereditariedade cultural.¹¹⁰

2.1 “Matrizes” e “Reservatórios”: tradição e cânone nos recortes de leitura

Situar um escritor historicamente, “encaixá-lo” em um período literário que pode revelar características, dinamismo da obra, da escrita, sejam, talvez, as primeiras ações para quem se propõe a investigá-lo. Pensamento que parece repercutir ao longo do estudo da literatura, em que autores e obras são asfixiados, de certa forma, pela necessidade que alguns pesquisadores têm de fazê-los parte de um momento de efervescência literária e cultural. Mas

¹⁰⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1213.

¹⁰⁹ BRAYNER, Sônia. *Labirinto do Espaço Romanesco*. Op. cit., p.151.

¹¹⁰ Sobre o assunto ler *Psicologia do Ajustamento*, de Maria Lúcia Hannas et alli. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

quando isto não é possível? Quando o escritor e sua obra parecem desafinar a orquestra? Uma primeira atitude não parece ser o esquecimento, a exclusão?

Assim, posto à margem dentro do campo literário, há uma luta pela sobrevivência da palavra ⇔ obra que repercute mesmo após a morte de seu autor. Há-de-se indagar, neste caso, por que alguns escritores fugiram ao padrão da “cor local”? Para Afrânio Coutinho, em *Introdução à Literatura Brasileira*,

As forças estilísticas desenvolvem-se e transformam-se à medida que mudam e envolvem a concepção do mundo e o propósito, consciente ou inconsciente, do artista. Ao interpretar e reinterpretar o mundo, o artista exige que as formas estilísticas se transformem e se adaptem às suas necessidades. (...) Todavia, correspondendo às intenções do artista de expressar e veicular a sua visão da realidade, suas crenças e experiências, essa expressão não poderia ser efetuada através de outra forma, havendo um ajustamento intrínseco entre a visão do mundo a transmitir e a forma estilística que se desenvolveu para dar-lhe vazão.¹¹¹

Se o artista/ escritor ao ajustar forma estilística ⇔ visão de mundo dinamiza os estilos, pode ocorrer, entre os legitimadores à época, uma rejeição da forma estilística adotada pelo escritor para “veicular a sua visão da realidade” e, a “voz” deste ser confinada ao esquecimento/isolamento, pois a rebeldia torna-se uma afronta às expectativas do período (no duplo significado que a palavra abrange: estilo literário, tempo cronológico). Deste modo, a leitura da obra acaba sendo inviabilizada, já que não é um desdobramento do pensamento coletivo à época.

No caso do escritor Lima Barreto, parece ser exatamente isto que ocorreu à sua fortuna literária. Motivado por seu ideal de literatura militante, termo que confessa ter lido em Eça de

¹¹¹ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990, p.27.

Queirós, conforme salienta Sônia Brayner, pondo em evidência preocupações de natureza social, da parte do autor em estudo:

*A militância literária em Lima Barreto (ele mesmo escolheu o termo definidor de sua posição estética indo buscá-lo em Eça de Queirós) está intimamente ligada ao princípio diretor da solidariedade e se refere sempre a obras que se não visam à propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico.*¹¹²

Lima Barreto rompe com a forma estilística predominante à época, marcada pelo rebuscamento da linguagem que parece não condizer com sua perspectiva social de literatura, a ser feita, também, para o “homem comum”. Assim, a obra do escritor parece ser resgatada, segundo Carlos Nelson Coutinho em “O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira”, nos momentos em que satisfaz aos anseios da historiografia literária voltada para os aspectos sociais, propondo-se, enfim, como uma solução atemporal para problemas e idéias disseminados pelo autor de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*:

(...) nos períodos em que se destaca a função crítico-social da literatura, o papel que ela desempenha na formação da autoconsciência da humanidade, Lima Barreto encontra o elevado posto que lhe é devido no quadro de nossa literatura. Ao contrário, nas épocas em que floresce uma visão formalista ou esteticista da arte, (...) desce sobre a obra do romancista um absoluto silêncio, interrompido apenas pelas desdenhosas afirmações de que ele desconheceria os “instrumentos específicos da escritura.” (...) Lima Barreto não pode ser “reinterpretado”, ou seja, mutilado ou empobrecido a fim de servir

¹¹² BRAYNER, Sônia. *Labirinto do Espaço Romanesco*. Op. cit., p.153.

*aos propósitos das correntes esteticistas ou reacionárias do campo da literatura.*¹¹³

O autor do ensaio acima deixa transparecer a falta de critérios na interpretação de uma obra e, segundo nosso pensamento, também com a problemática com que o pesquisador/leitor de Lima Barreto se defronta ao procurar traçar um perfil estético-historiográfico do escritor: a inconsistência na variação periodológica por parte de críticos e historiadores ao tentarem solucionar o suposto enigma, “Lima Barreto, realista-naturalista ou pré-modernista”?

Mas, por que não ambos? Uma vez que no estudo sobre periodização, Afrânio Coutinho afirma sobre o imbricamento dos períodos: “não existem entre eles fronteiras nítidas e margens precisas, nem marcos iniciais e términos fixos”¹¹⁴. Isto induz ao raciocínio de que a obra de Lima Barreto pode ser vista sob dois ângulos: primeiro, uma “mancha” do realismo-naturalismo, como sugere o autor de *A Literatura no Brasil*: “Atraído, por alguns fatores irrecusáveis, às lutas de reivindicação transportadas para a estética pelo Naturalismo, a que não fugiu de todo, Lima Barreto teve como afã absorvente a crítica social”¹¹⁵; não o realismo-naturalismo da segunda metade do século XIX, porque os conflitos estilísticos e sociais eram outros, mas um desdobramento, como aborda Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*: “A obra de Lima Barreto significa um desdobramento do Realismo no contexto novo da I Guerra Mundial e das primeiras crises da República Velha. A sua direção de coerente crítica social seria retomada pelo melhor romance dos anos de 30.”¹¹⁶

¹¹³ COUTINHO, Carlos Nelson. “O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira.” In: COUTINHO, Carlos Nelson et alii. *Realismo e Anti-realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, p.2.

¹¹⁴ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Op. cit., p.25.

¹¹⁵ COUTINHO, Afrânio. (Dir.) *A Literatura no Brasil*. Era realista/ Era de transição. São Paulo: Global Editora, 1997, p.218.

¹¹⁶ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001, p.324.

Em segundo, como fruto de “desenvolvimento” e “transformação” estilística, anunciando o desejo de modificação em torno do fazer e da função da literatura, como indica Zélia Nolasco-Freire, em *Lima Barreto: imagem e linguagem*:

*Lima Barreto é o grande gestor das idéias e precursor da maior parte das reivindicações de mudanças, que resulta na explosão da Semana de Arte Moderna(1922). Os intelectuais, a sociedade, enfim, sentem a necessidade de uma verdadeira revolução. Não só nas artes, na literatura, mas uma mudança em todos os setores. Lima Barreto aposta em mudanças.*¹¹⁷

É necessário libertar a literatura desses limites cronológicos que procuram explicá-la “didaticamente”. Mais que uma data apontando o início ou fim de um estilo, o período em literatura é expressão de um conjunto de pensamentos, e estes respondem aos anseios de um homem que se compôs a partir das escolhas advindas de sua formação intelectual, dentro de um campo literário conturbado, como foi o de Lima Barreto, em que a maior *persona* literário-social continuava sendo Machado de Assis, centro de um cânone que perdura através dos dois últimos séculos. Não seria sensato o posicionamento estético-historiográfico do escritor de *Clara dos Anjos*, se este se guiou por uma tradição despertada através das leituras realizadas? Observa-se que Francisco de Assis Barbosa, biógrafo do escritor, chama a atenção para o inventário da biblioteca “Limana” (anexo 01):

A “Limana” reflete, contudo, a própria formação intelectual de Lima Barreto. Ali estão os autores prediletos do escritor, a começar por Balzac e a terminar em Descartes (...) Lá também estão: Rousseau, Renan, Spencer, Taine, Brunetière, Guyau, Bouglé, para lembrar tão-

¹¹⁷ NOLASCO-FREIRE, Zélia. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005, p.109

somente os mais constantemente citados na obra do improvisado bibliotecário (...)

Do grupo dos escritores de ficção, fora Balzac, encontram-se Cervantes, George Eliot, Maupassant, Anatole France, Dostoievski, Tolstoi, Tchêkov, Turguêniev (este em maior escala) e o nosso Machado de Assis.¹¹⁸

Os escritores, acima citados, não representariam para Lima Barreto uma linhagem do que melhor existia em torno da tradição? Uma tradição que se mostra através do processo da criação ficcional, em que transitam, ao lado da vontade do escritor em fazer emergir sua voz, os reflexos da memória cultural e das influências que sofreu? Segundo Ricardo Piglia, a relação leitor/escritor ↔ tradição contribui para se pensar que esta (a tradição) deve ser observada como:

la prehistoria contemporánea, como el residuo de un pasado cristalizado que se filtra en el presente. [Y cuando digo tradición quiero decir la gran tradición, la historia de los estilos.] (...) Un escritor trabaja en el presente con los rastros de una tradición perdida (...) La ficción narra, metafóricamente, las relaciones mas profundas con la identidad cultural, la memoria y las tradiciones.¹¹⁹

A tradição faz aflorar a influência porque permite que o passado se cristalice, metaforicamente, num processo que parte da linguagem para a escritura (resultado da língua e do estilo que denunciam a postura do leitor/escritor) e, segundo Harold Bloom, em *A Angústia*

¹¹⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Op. cit., p.249.

¹¹⁹ “a pré-história contemporânea, como o residuo de um passado cristalizado que se filtra no presente. [E quando falo tradição quero dizer a grande tradição, a história dos estilos.] (...) Um escritor trabalha no presente com os rastros de uma tradição perdida (...) A ficção narra, metaforicamente, as relações mais profundas com a identidade cultural, a memória e a tradição” (Tradução nossa). In: PIGLIA, Ricardo. “Memoria y Tradición”. Op. cit., p.61; 66

da *Influência*, “todo discípulo se apodera de alguma coisa de seu mestre”¹²⁰, ou seja, através dos recursos de apropriação/desapropriação pode-se compreender a profunda relação do escritor com a tradição. Não seria isso que Lima Barreto aponta em *Diário Íntimo* ao projetar, a partir da leitura, a escrita de um romance dentro dos moldes de *Germinal*¹²¹, de Émile Zola(1840-1902)?

Veio-me à idéia, ou antes, registro aqui uma idéia que está me perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de Germinal negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão.

Como exija pesquisa variada de impressões e eu queria que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde.

(12 de janeiro, de 1905)¹²²

Embora este trabalho não se proponha a examinar os padrões de apropriação/desapropriação ocasionados pela influência, já que aborda apenas o *Diário Íntimo*, e para tal empreitada seria preciso recorrer à leitura da fortuna ficcional do escritor a fim de apontar as transfigurações da linguagem e do pensamento advindas dessas leituras/influências, cabe destacar que a influência não é uma paródia ou uma paráfrase do texto original, como se pode pensar: “Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro”, visto que não é

¹²⁰ BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p.34.

¹²¹ Escrito em 1881, *Germinal* é a expressão máxima do naturalismo literário. O romance enfoca a luta de classes numa mina de carvão, no interior da França, na década de 1860 e esboça a vida política e social da época, mostrando que o ambiente exerce efeitos diretos sobre os laços de família, sobre os vínculos de amizade, sobre as relações entre os apaixonados. Émile Zola baseia-se em acontecimentos verídicos, pois, para escrevê-lo, trabalhou como mineiro numa mina de carvão, onde ocorreu uma greve sangrenta que durou dois meses.

¹²² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1247.

imitação. Sandra Nitrini, em *Literatura Comparada*, argumenta que a diferença entre imitação e influência é que

*a imitação refere-se a detalhes materiais como a traços de composição, a episódios, a procedimentos, ou tropos bem determinados, enquanto a influência denuncia a presença de uma transmissão menos material, mais difícil de se apontar, cujo resultado é uma modificação da forma mentis e da visão artística e ideológica do receptor. A imitação é um contato localizado e circunscrito, enquanto a influência é uma aquisição fundamental que modifica a própria personalidade artística do escritor.*¹²³

E o “*Germinal* negro”? Lima Barreto não o escreveu, “Seria uma bela obra um romance em que se tratasse a antiga fazenda com escravos...”¹²⁴ (1905), portanto a projeção de um romance irrealizado não serve para intermediar a análise sobre influência/imitação. No entanto, as anotações esparsas em *Diário Íntimo* não podem indicar o caminho percorrido de tradição ⇔ influência para análises futuras?

Li, por acaso, algumas páginas do Ateneu e as achei soberbas; entretanto é de desanimar que um livro como aquele não seja lido aos 10.000.

(24 de janeiro, de 1905)

Voltei para casa e li até à uma hora o bovarismo do Gaultier, um curioso livro (...) Estou lendo e acho lisonjeiro para mim achar nele vistas que eu já tinha sentido também.

(28 de janeiro, de 1905)

¹²³ NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. História, Teoria e Crítica. São Paulo: EDUSP, 1997.

¹²⁴ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1263.

Sobre a literatura em geral, ler Brunetière, Revue des Deux Mondes – Janeiro a fevereiro de 1892.

*

Como se deve escrever a história do Brasil, tomo VI da Revista do Instituto Histórico.

(1910)

Hoje, pus-me a ler velhos números do Mercure de France¹²⁵. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro.

(20 de abril, de 1914)¹²⁶

E, até mesmo, no trecho abaixo¹²⁷, em que a presença de Machado de Assis, em “Missa do Galo”, deixa-se notar num processo que passa pela imitação (traços de composição) e se não chega à influência (modificar “a própria personalidade artística do escritor”) é porque os escritores tinham visões diferenciadas sobre a função da arte, este fato não pode suscitar novos desdobramentos de leitura da obra barretiana?

(...) Fui lá, dizia, entrei para a sala de jantar, sentei-me e ela veio ao meu encontro.

- ... não está.

Tinha ido a um jantar, disse-me ela. Tinha esquecido o rendez-vous etc. Em começo, tive uma alegria de devasso – quem sabe? – que passou depressa e felizmente. Ela sentou-se na minha frente, fumei desesperadamente e conversei. Nunca estive tão bem.

¹²⁵ Não há referências, ao longo de *Diário Íntimo*, das edições que Lima Barreto possuía de *Mercure de France*, revista francesa, cujo nome inicial foi “*Mercure Galant*”. A revista possuía um compartimento literário publicado, primeiramente de 1672 a 1724 (com uma interrupção em 1674-1677). O título do periódico foi mudado em “*Mercure de France*”, 1724. A revista foi suprimida momentaneamente de 1811 a 1815 e cessou a publicação em 1825. Ressurgiu em 1889 e, desde 1995, o “*Mercure de France*” faz parte do grupo de publicação de Éditions Gallimard. Fonte: “http://en.wikipedia.org/wiki/Mercure_de_France”

¹²⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1251;1253; 1290; 1305.

¹²⁷ A passagem completa da conversa entre Lima Barreto e Cecília, encontra-se no anexo 04, deste trabalho, bem como o conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis.

(...)

Nessa tarde, eu, com vinte e seis anos, e ela, com vinte e quatro, ainda muito lembrada da vida antiga, conversamos, das seis e meia às dez horas, inocentemente, e creio que saí com os pés unguados de nardo, mal enxugados pelos seus lindos cabelos. Eu a olhava com meu olhar pardo, em que há o tigre e a gazela, de quando em quando, e ela, sempre, constantemente, me envolvia com o seu olhar azul, macio e sereno, que lhe iluminava o sorriso de afeto, eterno e constante, espécie de riso da natureza fecunda e amorável por uma manhã límpida e suave de maio, quando as flores desabrocham para frutos futuros.

Nunca hei de me esquecer desta sua frase:

- Senhor Barreto, M... não está. O senhor janta e depois vai se embora, não é?

(...)

No jantar, nunca foi tão cordial a nossa palestra.

- Não faça cerimônia, senhor Barreto. Gosta de feijão?

- Muito, e a senhora?

- Muito também.

- Admira...

- Os portugueses gostam...

- Mas é gostoso – acrescentou ela alegre – é como muita gente feia, mas gostosa. (...)

(02 de janeiro, de 1908)¹²⁸

Lúcia Miguel-Pereira aponta, em capítulo de *Prosa de ficção*, a figura de Lima Barreto como “precursor” de Machado de Assis, na acepção borgiana, naturalmente, ainda que o modo como cada um viu a literatura tenha sido diferente, “Ambos usaram o romance como da expressão mais espontânea e legítima para traduzir a sua posição em face da vida, (...) precisaram igualmente desse recurso para se realizarem.”¹²⁹ Talvez a diferença se mostre

¹²⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1276-1277.

¹²⁹ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973, p.289.

à medida que se impõe, entre Lima Barreto e Machado de Assis, o compromisso estético de cada um e, naquele, a necessidade de uma atitude desvinculada das malhas do poder, pronta a revelar as mazelas da sociedade e colocar a literatura a serviço do povo.

Assim, as escolhas de função ↔ linguagem literária realizadas pelo escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de certa forma, contribuíram para que este fixasse a sua “voz”, como desdobramento dos aspectos da tradição/influência, o que, em contrapartida, acabou culminando com a exclusão dele do campo canônico de seu tempo. Aqui, importa salientar algumas considerações sobre o termo “cânon”, dados por Roberto Reis em ensaio sobre o assunto:

(...) por trás de noções como linguagem, cultura, escrita e literatura, mesmo se não as tratarmos (como seria indicado) em termos históricos e menos abrangentes, se esconde a noção de poder. Para trabalhar o conceito de “cânon” é importante ter em mente este horizonte. (...) O termo (do grego, “kanon”, espécie de vara de medir) entrou para as línguas românicas com o sentido de “norma” ou “lei”. (...) O que interessa reter (...) é que o conceito de cânon implica um princípio de seleção (e expulsão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.)¹³⁰

O leitor/escritor Lima Barreto, sedimentado numa tradição social, recusará os critérios adotados pelo campo de poder que instituiu a alguns autores/obras a imposição de cânones, pois, segundo o escritor, estes não atendiam ao que considerava ser o objeto do texto literário,

¹³⁰ REIS, Roberto. “Cânon”. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.68-70.

o de desalienar, e julgou inadequado o processo de reconhecimento, como o que foi realizado pelos críticos:

Um escritor, um literato, apresenta ao público, ou dá publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, a pretexto de crítica, injuriá-lo?

Um crítico não tem absolutamente direito de injuriar o escritor a quem julgar.

Não se pode compreender no nosso tempo, em que as coisas do pensamento são mostradas como as mais meritórias, que um cidadão mereça injúrias, só porque publicou um livro. Seja o livro bom ou mau. Os maus livros fazem os bons, e um crítico sagaz não deve ignorar tão fecundo princípio. (...)

Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro.

(1904)¹³¹

Lima Barreto destaca a ineficiência de uma crítica sedimentada na impressão pessoal, uma prática que parece ter determinado/determina a seleção de alguns dos escritores canônicos da Literatura Brasileira pela afeição crítico↔escritor. O problema, para o autor de *Diário Íntimo*, é que não julgam a literariedade do texto, “Seja o livro bom ou mau. Os maus livros fazem os bons, e um crítico sagaz não deve ignorar tão fecundo princípio”, mas o escritor.

Não se sabe quais os critérios (ou a falta deles) que nortearam a eleição ou a rejeição, um exercício que perpassa pelo poder subjetivo, como parece ter sido o que elevou ao cânone alguns dos escritores situados no mesmo espaço/tempo de Lima Barreto e que foram

¹³¹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1229.

esquecidos nos manuais de literatura e crítica, em menos de um século. Que lugar ocupa na estante do século XXI, Bastos Tigre, a esperança “da geração moderna”¹³² ou mesmo Coelho Neto?

Todavia, que poderiam as notas esparsas de um leitor, registradas num diário, fazer para se contrapor ao sucesso alcançado por esses ou outros escritores? Parece que, ao menos, questionar a autoridade dada aos críticos que, presumidos de “saber” interpretar uma obra, ditam o lugar que o escritor ocupará na prateleira de seu tempo: à frente ou atrás dos grandes nomes?

Neste contexto, não ignorava o escritor a importância de Machado de Assis dentro do campo literário, como alguns podem articular. Repudiava, o escritor, a forma como o centro do cânone conduziu sua escritura sem se posicionar explicitamente sobre nada (se o escritor de *Dom Casmurro* atingiu isto, de outras formas, não é objeto desta discussão). Outrora, se o valor de Machado de Assis fosse aqui negado, como explicar, no inventário da biblioteca de Lima Barreto, a presença de obras como *Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Esau e Jacó*? Nem a presença de autores portugueses, como Eça de Queirós.

Brito Broca, em *A vida literária no Brasil*, chama a atenção para o culto de Eça de Queirós, pelos menos até 1914, que além de exercer influência entre os brasileiros, “foi também uma moda literária”¹³³, lê-lo era soprar vida a seres de papel.

Embora Lima Barreto declare, em *Diário Íntimo*: “O Eça, me parece, escrevia inferiormente, e os seus processos de graça são muito mais grosseiros que os de Raul Pompéia”¹³⁴ (24 de janeiro, 1905), não se absteve de registrar a importância daquele na literatura brasileira, “ Eu tenho notado nas rodas que hei frequentado, exceto a do Alcides,

¹³² Rever nota 76.

¹³³ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil -1900*. Op. cit., p.122.

¹³⁴ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1251.

uma nefasta influência dos portugueses. Não é o Eça, que inegavelmente quem fala português não o pode ignorar, são figuras subalternas: Fialho e menores” (1905)¹³⁵, nem de relacionar personagens, como o Conselheiro Acácio, de *O primo Basílio*, símbolo do falso moralismo e do intelectual vazio, às leituras que realizava:

Nansen, Viagem ao Pólo, lida pela quinta vez, hoje, 9 de julho, muito frio, pouco dinheiro, nenhum é melhor dizer. 1905. Encantadora viagem, saborosa como uma ficção; entretanto, aqui, lá, há coisas pueris, reflexões vulgares, que, entre nós, publicada aquela obra, não haveria quem não nas atribuisse ao Conselheiro Acácio, vulgus fecus.

(9 de julho, de 1905)¹³⁶

Havia outros escritores afora Machado de Assis e Eça de Queirós, no campo intelectual de Lima Barreto, que se tornaram canônicos e alcançaram o reconhecimento literário e social, tornando-se leituras quase indispensáveis a quem se pretende escritor e/ou crítico. Era o caso de Oscar Wilde, Nietzsche, Tolstói, ainda que seus livros demorassem a aportar em terras brasileiras, como comenta o autor de *A vida literária no Brasil - 1900*: “Seis meses depois, a casa Crashley mandava participar a João do Rio a chegada dos livros de Wilde que ele havia encomendado”¹³⁷. Embora, em *Diário Íntimo*, só haja registros sucintos de Nietzsche, frases dispersas nos anos 1908, 1910, 1917, 1918, Lima Barreto se reporta aos dois primeiros em textos críticos publicados, inicialmente, em jornais e revistas, que depois foram reunidos no volume *Impressões de Leitura* (1956):

¹³⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1259.

¹³⁶ BARRETO, Lima. *Idem.*, p.1264.

¹³⁷ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Op. cit., p.110.

Não gosto de Nietzsche; tenho por ele ojeriza pessoal. Acuso-o, a ele e ao Esporte, como causadores do flagelo que vem sendo a guerra de 1914.

Nietzsche é bem o filósofo do nosso tempo de burguesia rapinante, sem escrúpulos: do nosso tempo de brutalidade, de dureza do coração, do “make money” seja como for, dos banqueiros e industriais que não trepidam em reduzir à miséria, milhares de pessoas, a engendrar guerras, para ganhar alguns milhões mais.

(“Estudos”, in: *Gazeta de Notícias*, Rio, 26-10-1920)

Esse Wilde que se intitulava a si mesmo – “King of Life”, “Rei da Vida” – não passou antes de “Reading” de nada mais do que o “Rei dos Cabotinos”

Com uma singular sagacidade, ele soube conquistar a alta sociedade de sua terra, expondo-lhe os vícios e, ao mesmo tempo, os justificando com paradoxos nem sempre de bom quilate. As suas obras são mediócras e sem valimento. Às vezes, até, com uma originalidade duvidosa, mesmo nos paradoxos. Faltou a Wilde sempre o senso da vida, sentimento do alto destino do homem, a frescura e a ingenuidade do verdadeiro talento, a grandeza da concepção e a força de execução.

(“À Margem do Coivara, de Gastão Cruls”, in: *A.B.C.*, Rio, 23-07-1921)¹³⁸

Assim, ao conduzir sua formação intelectual, Lima Barreto alinhava, através do ato de leitura e de anotações, questões em torno da literatura (tradição, cânone, função da crítica, interpretação), discutindo e se posicionando sobre assuntos que continuam a ser objeto de debates entre os estudiosos, pois que se interliga a elas, também, uma profunda discussão sobre cultura e poder.

¹³⁸ Os registros foram retirados de: BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p.119-120; 90, respectivamente.

2.2 “Ateliê”: os esboços

CAPÍTULO 1

A ANTIPATIA DO LARGO DE SÃO FRANCISCO fica mais acentuada nas primeiras horas da manhã, dos dias de verão. O sol o cobre inteiramente e se espadana por ele todo com a violência de um flagelo. (...)A superfície lisa da fachada da Politécnica é o espelho, onde se refletem e concentram os raios de sol que quer o largo vazio; e o trânsito se faz para e da rua do Ouvidor, segundo dois recurvados filetes que terminam num e noutro lado daquela fachada. (...) Os tálburis em fileira no centro da praça rebrilham como ágatas e as suas pilecas, a aquele calor, dormem resignadamente. De quando em quando, por entre a fileira dos tálburis, um rapazola atravessa e lépido sobe as escadas da Escola Politécnica. (sem data)¹³⁹

O excerto acima não foi retirado de um capítulo de livro. Antes denuncia o hibridismo que o ex-aluno da Escola Politécnica (1897-1902) deu às suas anotações, onde se encontra, até, a primeira versão incompleta de um romance¹⁴⁰. Assim, *Diário Íntimo*, aparentemente, parece resistir às investidas híbridas da linguagem de seu autor (a seqüência temporal não foi eliminada). Entretanto, o conjunto do texto assemelha-se a um mosaico, construído a partir da sugestão/existência de diferentes gêneros (romance, crônica, conto, relato pessoal) que desencadeiam, em passagens de *Diário Íntimo*, uma linguagem ambígua. Este fato foi observado por Antonio Candido, no ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”:

¹³⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1209.

¹⁴⁰ Após os últimos registros em *Diário Íntimo*, 1921, a edição utilizada neste trabalho traz, das páginas 1332-1375, a primeira versão incompleta de *Clara dos Anjos*, esboçada em 1904 e concluída em 1922, poucos meses antes da morte do escritor. O romance foi publicado em 1948.

(...) o Diário Íntimo, que pode dar a impressão errada de ser pouco importante, ou de ser importante apenas como documento. Nele encontramos projetos de ficção, anotações breves, confissões e certos episódios da sua vida que são às vezes de grande interesse, como no caso de dois trechos que escolhi para exemplo.¹⁴¹ Tendo muita densidade de experiência e de escrita, eles servem para mostrar até que ponto na sua obra o autobiográfico pode funcionar como inventado.¹⁴²

Mas, as estranhezas de linguagem no diário não quebrariam o pacto autobiográfico¹⁴³ estabelecido? O leitor está diante de um texto que, ao invés de transpor, parece modificar realidade(s), já que os desvios (de temas/linguagens) “servem para mostrar até que ponto (...) o autobiográfico pode funcionar como inventado”. No entanto, Lima Barreto poderia ter contado história(s) sem reinventá-la(s) e acondicioná-las ao sistema forma↔linguagem? Como narrar/descrever um passeio ao Leme sem desviar a palavra (linguagem) de seu sentido ordinário?¹⁴⁴

(...) Como a casa me aborresse, não unicamente pela tristonha moléstia de meu pai, mas por ela em si, com quem nunca me acomodei, resolvi dar uma volta. (...)

¹⁴¹ Antonio Candido se refere às seguintes passagens de *Diário Íntimo*: a primeira, do encontro de Lima Barreto com Cecília, já comentado neste trabalho (anexo 04); a segunda, a ida a São Gonçalo, perto de Niterói, registrado em 10 de fevereiro de 1908. In: CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p.39-50.

¹⁴² CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. Op. cit., p.42.

¹⁴³ Este trabalho não procura discutir as questões em torno do que seja autobiografia, já que, para Philippe Lejeune, apenas se constitui como autobiografia “toda obra que preenche, ao mesmo tempo”, as seguintes categorias: 1) Forma de linguagem: narração; em prosa. 2) Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade. 3) Situação do escritor: identidade de autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador. 4) Posição do narrador: identidade do narrador e do personagem principal; perspectiva retrospectiva da narrativa. Assim, os gêneros vizinhos da autobiografia não satisfariam todas essas condições (memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário íntimo, auto-retrato). In: LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1980. (Tradução de sala de aula, Profª Celina Fontenele Garcia). Assim, a idéia, desta passagem, é refletir sobre o papel do leitor ao abrir um diário: Não acredita que o autor foi fiel aos fatos?

¹⁴⁴ Sobre os desvios e estranhezas da linguagem consultar: ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. [Clássicos de Bolso]

Muni-me de uma ida e volta para o Leme e no elétrico voei linhas afora até o meu destino. (...)

Pleno Leme. O dia é meigo. O sol, ora espreitando através de nuvens, ora todo aberto, não caustica. Nos dois abarracamentos cheios de gente, espoucam garrafas de cerveja que se abrem. A praia se estende graduada, harmônica, desde o monte do Leme à igreja. A ponta recurva desta é como a cauda de um peixe que se dobrasse num "samburá". Por detrás, a lombada de morros pintalga de verde-esmeralda, verde-garrafa, verde-mar, variando cambiantes aqui, ali, consoante as dobras do terreno e a incidência da luz, pintalga o azulado opalino do dia. O mar muge suavemente. As ondas verde-claro rebentam antes da praia em franjas de espuma. Pelo ar havia meiguice, e blandícias tinha o vento a sussurrar.

A gente que há é a vulgar dos piqueniques. Gente simplória que, enclausurada em casa uma semana, um mês, um ano, quem sabe, resfolegava naquele dia ao ar livre.

(01 de janeiro, de 1905)¹⁴⁵

Para Leyla Perrone-Moisés, a linguagem apenas evoca o real, modificando-o, apresentando-o outro ao leitor, revelando-o, entretanto, mais fielmente; portanto, "o mundo criado pela linguagem nunca está totalmente adequado ao real."¹⁴⁶ Desta maneira, Lima Barreto não se aproveitou daquilo/daquele outro de que/quem falou para, ao mesmo tempo, que diversificava forma ⇔ linguagem, ampliando e dinamizando o horizonte lingüístico e formal de *Diário Íntimo*, com o intuito de reordenar o real, exercitar-se e conscientizar-se de seu estilo e de sua escritura? "Escrevi quatro páginas do meu livro; não foram boas, ou antes,

¹⁴⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1237-1238.

¹⁴⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. "A criação do texto literário." In: *Flores da Escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.105.

não estão firmes, vigorosas como eu as gosto. Farei o trabalho novamente.” (10 de janeiro, de 1905)¹⁴⁷

Assim, *Diário Íntimo* parece ter sido a matriz, lugar em que Lima Barreto articulou a linguagem e delineou diferenças nas categorias narrativas para alguns dos textos ficcionais que chegou a escrever, como *Clara dos Anjos* e *Morte e vida de M. J. Gonzaga de Sá*. Quem sabe, uma maneira de enfrentar o medo de “pôr em papel impresso a sua literatura”(12 de janeiro, de 1905)¹⁴⁸ antes de ser exposto à tortura e à incompreensão da crítica e do silêncio?

ÉPOCA: 1874 A 1905.

Clara.
Nasceu 1868.
Morte do pai 1887
Deflorada 1888 (12 ou 13 de maio)
Dá à luz 1889
Deixada 1892
Casada 1894
Viúva 1899
Amigada de novo 1900

(...)

Veio residir em Catumbi em 1884.

(1903)

O pai de Gonzaga de Sá devia ter nascido em 1813.

Gonzaga de Sá, em 1850, e entrou na secretaria dos Cultos em 1872; quando nasceu, o pai tinha 37 anos, e a irmã deve ser mais velha do que ele 12 anos.

(1906)¹⁴⁹

¹⁴⁷ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., 1245.

¹⁴⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1243.

¹⁴⁹ BARRETO, Lima. Op. cit., p.1230; 1271.

Observe-se a minúcia do planejamento para a elaboração do texto ficcional. No espaço da escrita conquista-se o lugar onde as possibilidades da arte literária poderiam ser pensadas, dentro de uma função metafórica em que, segundo Richard Shiff, “o indivíduo se ligaria ao seu mundo em expansão”¹⁵⁰; como a informação registrada sobre a iluminação elétrica ou a morte de um agregado da família, que incutem em Lima Barreto motivos/assuntos para escrever:

“Há meses inaugurou-se iluminação elétrica em uma qualquer cidade. Para evitar desastres pessoais dou-vos o seguinte aviso junto aos dinamos de alta voltagem, os transformadores, etc.:

“Perigo! Quem tocar nesses fios será fulminado. Pena de prisão e multa para os contraventores.”

Fazer um conto. Pelino, quando vê um sujeito ser fulminado pelo fio elétrico...

(1915)

Manuel de Oliveira morreu a 8 de novembro de 1916, dia de anos de minha irmã.

Eu o conheço desde os onze anos e creio que ele foi para casa, quando eu tinha doze ou treze anos. Viveu conosco cerca de vinte e dois ou vinte e três anos e muito nos serviu e foi útil. Era preto cabinda e tinha de sua nação um orgulho inglês. Hei de escrever-lhe um artigo.

(1916)¹⁵¹

A palavra parece despertar para o rigor de sua função e é exercida como tentativa de homenagear e de falar do(s) sentimento(s), embora nem sempre isto seja fácil ou possível, “Há coisas que sentidas em nós, não podemos dizer”, como registra Lima Barreto, em 03 de

¹⁵⁰ SHIFF, Richard. “Arte e Vida: Uma relação metafórica.” Trad. Victória Claire Weis Chortdt. In: SACKS, Sheldon. (Org.). *Da Metáfora*. São Paulo: Pontes, 1992, p.112.

¹⁵¹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p. 1307; 1313.

janeiro, de 1905.¹⁵² Contudo, um escritor não se compõe de tentativa(s)? De ousar revelar ao mundo o mundo que o outro não vê (ou finge)? Como ensinar ou transformar a dor solitária em sentimento coletivo, senão pela arte?

Abra-se, ainda que ao acaso, uma das páginas de *Diário Íntimo* e, em seu mosaico de citações/registros ora angustiados ora esperançosos, entrevê-se o(s) exercício(s) de Lima Barreto na construção e sedimentação de seu mais forte personagem, o Criador. Talvez o mais difícil de compor, porque exigiu dele renúncias para poder se dedicar ao que mais observou: a vida. Assim, precisou escrever para si antes de escrever para nós. As condições eram das mais inóspitas, mas este foi o desafio de sua condição de escritor. O ateliê fez-se o espaço da construção de um mundo único, realizado pelas experiências únicas provadas por quem bebeu o cálice até o fim.

¹⁵² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1242.

CONCLUSÃO

Silêncio. Nesse instante toda a vida se cala. Trancado no seu quarto, parece que o jovem, enfim, conseguiu terminar seu livro. Respira. Respira e pensa: De que foi feito isto que termino? De pedaços. Pedaços de pessoas, de vida, de sonhos, de decepções, de outros livros, de tentativas, de tudo que pôde ser transformado em verbo.

Foi pela palavra que procurei dizer aos outros homens sobre as coisas do mundo. Do mundo que desvendi. Minha imagem ficará gravada entre uma linha e outra, por trás daquilo que se enxerga sempre primeiro, as palavras.

O jovem não sabe se sua história chegará a outros lugares, se emocionará outras pessoas como o livro que adorava ler, mas está feliz. Agora pode responder, ao seu velho pai: Pai, estou aqui.¹⁵³

Pode parecer anti-acadêmica a imagem ficcional que encerra este trabalho de pesquisa. Mas, para falar de um escritor que desafiou seu campo literário e intelectual, a fim de tornar

¹⁵³ O pequeno texto ficcional que abre a conclusão pode ser lido como um desmembramento de “Uma quase cena de leitura”. Neste, Lima Barreto parece se esquecer do mundo lá fora, por isso seu pai pergunta por ele: “Que foi que aconteceu? Afonso morreu?” (nota 01). Aqui, como uma metáfora, o filho responde ao pai, e o pai vai ao seu encontro.

Francisco de Assis Barbosa registra, em *A vida de Lima Barreto*, que João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor, “morreu quarenta e oito horas depois da morte do filho. Foi enterrado na mesma campa. E, no túmulo humilde, eles repousam para sempre, novamente unidos, na morte como na vida.” In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. cit., p.278.

sua escritura veículo de denúncia, não parece ser coerente esse desvio da regra? Escrever não é encher a alma de esperança, e recriar uma possível realidade, como se pressupõe na epígrafe de abertura e na leitura de *Diário Íntimo*?

Lima Barreto fez da escrita uma forma de reflexão sobre si e sobre os outros. Como o escritor poderia compreender as transformações e as forças atuantes em seu campo literário e intelectual sem uma atitude que passasse pelo uso da palavra? A palavra era o instrumento que de dispunha e, talvez, o que melhor sabia manejar, para dizer das lutas que empreendeu por sua arte.

Assim, a leitura e interpretação de *Diário Íntimo* mostraram, inicialmente, que, no caso do escritor em estudo, as impressões originadas pelo conflito com o campo de poder (a família, o emprego, a cidade) podem direcionar o leitor para entender “os vazios” deixados na obra, bem como o espaço no campo que o escritor pôde ocupar, dentro das possibilidades de que dispôs.

E ainda, o confronto entre fatos históricos/ imagens ilustrativos de registros de *Diário Íntimo* serviram para expor como Lima Barreto se movimentava dentro de seu campo literário, perseguindo o difícil sonho de se tornar escritor, num período de transição (século XIX/XX) e transformação do campo literário, em que eram impostas determinadas regras de convivência e comportamento, as quais nem sempre aceitou e/ou seguiu.

Na segunda parte, *Diário Íntimo* configurou-se como importante instrumento para identificar os caminhos que levaram o leitor-Lima Barreto ao processo de consciência de sua escritura. Ao se investigar o posicionamento ideológico e literário de Lima Barreto, a partir das leituras e escolhas que realizou ao longo da sua formação intelectual, percebeu-se a preocupação dele em encontrar a sua voz em meio a uma tradição que admirou e de grandes nomes do cânone que rejeitou, para construir uma escritura com sua própria dicção e tom, seus traços inconfundíveis.

Desta forma, esta pesquisa quis impulsionar novo olhar para a fortuna literária de Lima Barreto, ou mesmo sobre seus textos memorialísticos. Quem sabe, assim, o escritor ganhe, dentro do universo academicista, que ele, de certa forma, renegava, novas leituras e novas críticas, pois mesmo diante de tantos sacrifícios, o escritor não se permitiu esquecer o compromisso que tinha com a Arte Literária.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Volume I. Coimbra: Livraria Almedina, 1990.
- ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.
- ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. [Clássicos de Bolso]
- BAKHTIN, Mikhail. “O Discurso no Romance.” In: *Questões de Literatura e de Estética*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et alii. São Paulo: EDUNESP, 1998.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: UNESP, 1988.
- BARBOSA, João Alexandre. “A biblioteca imaginária, ou o cânone na história da Literatura Brasileira”. In: *A Biblioteca Imaginária*. São Paulo: Ateliê Ed., 1995.
- BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: *Obra Seleta*. Org. Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Editora Aguillar, 2001.
- _____. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Trad. de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. Trad. Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- _____. *Um mapa da desleitura*. Trad. Thelma Médici Nóbrega; Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- BRAYNER, Sonia. “Lima Barreto: Mostrar ou Significar?”. In: *Labirinto do Espaço Romanesco: Tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979, p.145-176.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.
- CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: CANDIDO, Antonio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*. 2 vol. São Paulo: EDUSP, 1999.

CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. "Literatura e Leitura". In: *Cultura Escrita, Literatura e História*. Trad. [?]. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHAUÍ, Marilena. "A Linguagem." In: *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p.9 (Série Princípios)

COUTINHO, Afrânio. (Dir.) *A Literatura no Brasil*. Era realista/ Era de transição. São Paulo: Global Editora, 1997.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990..

COUTINHO, Carlos Nelson. "O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira." In: COUTINHO, Carlos Nelson et alii. *Realismo e Anti-realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Trad. [?] São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

FACINA, Adriana. *Literatura & Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. [Coleção Passo-a-Passo – Ciências Sociais]

GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na Literatura Européia. 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GERMANO, Idilva Maria Pires. *Alegorias do Brasil: imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

HANNAS, Maria Lúcia et alii. *Psicologia do Ajustamento*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

ISER, Wolfgang. "A interação do texto com o leitor." In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor*. Textos da Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

IVO, Lêdo. "Lima Barreto: a Autoridade do Malogro." In: IVO, Lêdo. *A Ética da Aventura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JULIEN, Nadia. *Minidicionário Compacto de Mitologia*. Trad. Denise R. Vieira. São Paulo: Rideel, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.20 (Série Princípios)

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. 2ªed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1980. (Tradução de sala de aula, Profª Celina Fontenele Garcia)

_____. *Les Brouillons de soi*. Paris: Seuil. Tradução realizada em sala de aula, pela Profª Celina Fontenele Garcia e revisadas pelo Prof. Francisco de Assis da Garcia, ambos da Universidade Federal do Ceará.

LIMA, Valéria. *Uma viagem com Debret*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. [Série Descobrindo o Brasil]

LINS, Osman. “Não silenciou sobre o seu tempo.” In: *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1997, p.171-175.

_____. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LOBO, Luiza. “Leitor”. In: JOBIM, José Luis. (Org.) *Palavras da Crítica*. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MACIEL, Ana Lúcia de Vasconcelos. “O papel do intelectual na cultura contemporânea – Seria Almada um intelectual da atualidade?” Revista *Gândara*. – O Papel do Intelectual na Contemporaneidade. Vol.1, 2005, p.23.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. [Coleção Primeiros Passos]

MEYER, Augusto. “Leitor”. In: *Textos críticos*. São Paulo: Perspectiva, 1993, 3-10.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. “Lima Barreto”. In: *Prosa de Ficção- de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973, p.288-317.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. História, Teoria e Crítica. São Paulo: EDUSP, 1997.

NOLASCO-FREIRE, Zélia. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005.

- NOVAIS, Fernando A. (Dir.) SEVCENKO, Nicolau. (Org. do Vol. 3.); *História da vida privada no Brasil. – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PAES, José Paulo. “Para uma pedagogia da metáfora.” In: *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A criação do texto literário.” In: *Flores da Escrivadinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PIGLIA, Ricardo. “Memoria y Tradición”. In: 2º Congresso ABRALIC – Literatura e Memória Cultural. Belo Horizonte – 8 a 10 de agosto de 1990, p.60-66.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- REIS, Roberto. “Cânon”. JOBIM, José Luis. (Org.) *Palavras da Crítica*. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1910: a fábrica e a rua, dois palcos de luta*. São Paulo: Editora Ática, 1997. [Série Princípios]
- _____. *O Brasil na década de 1920: os anos que mudaram tudo*. São Paulo: Editora Ática, 1997. [Série Princípios]
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é Literatura?*. Trad. Carlos Felipe Mendes. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SHIFF, Richard. “Arte e Vida: uma relação metafórica.” In: SACKS, Sheldon. (Org.) *Da Metáfora*. São Paulo: Pontes, 1992.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1992.
- SILVA, Odalice de Castro. *A obra de arte e seu intérprete: reflexões sobre a contribuição crítica de Osman Lins*. Fortaleza: EUFC, 2000.
- STAROBINSKI, Jean. “Le style de l’autobiographie”. In: *Poétique*, nº3, 1970, p.201.
- STEINER, George. “O leitor incomum”. In: *Nenhuma paixão desperdiçada*. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Trad. Geraldo Gérson de Sousa. Ed. Bilingüe. São Paulo: Ed. 34, 1998.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1988.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. "Século XIX: Paisagens do Brasil." In: *Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

IMAGENS

Imagens 01, 02 e 08 em: MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Imagens 03, 05, 06 e 07, em FARACO, Carlos Emílio et alii. *Literatura: autores e épocas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

Imagem 04, em VELLOSO, Mônica Pimenta. *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1988.

ANEXOS

INVENTARIO DE LIMA BARBETO

Elaborado por el Centro de Estudios de la Universidad de Lima, en el marco del Proyecto de Investigación "El Estado de Lima Barbeto" del 2000-2001.

ANEXO 01

INVENTÁRIO DE LIMA BARRETO

Fonte: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

Anamnese:

Este doente foi internado quando o alienista que dirige a Seção Calmeil e escreve estas linhas se achava em gozo de licença. Não o vi, portanto. Estou porém informado de que no Pavilhão de Observações, onde permaneceu cerca de um mês, teve o diagnóstico de alcoolismo.

O inspetor desta Seção conheceu seu pai, que era administrador das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. Informa que este senhor fazia uso excessivo de bebidas alcoólicas, apresentando humor irascível e taciturno. Consta-nos ainda que o progenitor do observado se acha agora em avançado estado de demência.

O observado Afonso Henrique [sic] goza nos meios literários da reputação de um escritor talentoso e forte, cheio de mordacidade. Aliás, alguns de seus trabalhos evidenciam, esses méritos de escritor. Parece que nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes.

Exame direto:

Em branco

Diagnóstico:

Alcoolismo

Prognóstico:

Em branco

Tratamento:

Em branco

Secção Calmeil do Hospital Gustavo Riedel
Livro de Observações nº 9, pp. 76 e segs.

(Documento a que se refere a nota 3 do capítulo "Vila Quilombo".)

INVENTÁRIO

Este livro é destinado a inventariar as obras existentes na minha pequena biblioteca. O catálogo farei depois, por intermédio dele.

Rio de Janeiro, neste lugar de Todos os Santos, em primeiro de setembro de mil novecentos e dezessete.

Afonso Henriques de Lima Barreto.

N. B. — A coleção chama-se "Limana".

ESTANTE I.

1ª Prateleira

- | | |
|---|-------------|
| 1 — Cartas. Mlle Lespinasse | Encadernado |
| 2 — Origines et Descendance de l'Homme. Haeckel et Bólche | Encadernado |
| 3 — De l'Allemagne. Mme de Staël | Encadernado |
| 4 — Le Jour sans Lendemain. J. Sandeau | Encadernado |
| 6 — Mélanges d'Économie Politique. Bastiat. 2 vols | Encadernado |
| 7 — La Contingence des Lois de la Nature. Boutroux | Encadernado |
| 8 — Eneida. Virgílio (em italiano) | Encadernado |
| 9 — La Cousine Bette. Balzac | Encadernado |
| 10 — Sciences des Armoiries. Maigne | Encadernado |
| 11 — L'Anthropologie. Topinard | Encadernado |
| 12 — L'Individu et les Diplômes. Abel Faure | Encadernado |
| 13 — Pléiades. Gobineau | Encadernado |
| 14 — O Abolicionismo. J. Nabuco | Encadernado |
| 15 — Littérature Française. Charles André | Encadernado |

16 – Idem. Demogeot	Encadernado
17 – Idem. Gérusez. 2 vols.	Encadernado
19 – Idem. Brunetière (não está nesta estante; está na 2ª, 3ª prateleira)	Encadernado
20 – La Bible d'Amiens. Ruskin	Encadernado
21 – Confessions. Rousseau	Encadernado
22 – Oeuvres. Racine	Encadernado
23 – Civilização Ibérica. O. Martins	Encadernado
24 – Pensées. Pascal	Encadernado
25 – Eugénie Grandet. Balzac	Encadernado
26 – Caractères. La Bruyère	Encadernado
27 – Dominique. Eugène Fromentin	Encadernado
29 – La Révolution Française. Mignet	Encadernado
30 – Une Nichée des Gentilshommes. I. Tourgueneff	Encadernado
31 – La France d'Aujourd'hui. Barret-Wendell	Encadernado
32 – Fumée. I. Tourgueneff	Encadernado
33 – Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse. E. Renan	Encadernado
34 – Julie de Lespinasse. M. de Ségur	Encadernado
35 – La France en 1614. G. Hanotaux	Encadernado
36 – Sargento-Mor de Vilar. A. Gama	Encadernado
37 – Diversas Novelas. Balzac	Encadernado
38-40 – Mil e Uma Noites. Galland. (Falta um volume, só estão 3). Estão na 4ª E., 2ª Prat.	Encadernado
41 – Arte de Furtar. (?). (Passou para a 4ª Est., 2ª Prat.)	Encadernado
42 – Théâtre Classique. Régnier	Encadernado
43 – La Religieuse. Diderot	Encadernado
44 – L'Apprenti Compositeur. J. Claye	Encadernado
45 – As Grandes invenções. Figuiier	Encadernado
2ª Prateleira	
46 – Grandezza e Decadenza di Roma. G. Ferrero (1 só volume, o 1º)	Encadernado
47 – La Vida de Lazarillo de Tormes (em espanhol)	Encadernado
48 – Diderot. A. Reinach	Encadernado

49 – Descartes. J. Fouillée	Encadernado
50 – De New York à la Nouvelle-Orleans. Jules Huret	Encadernado
51 – De San Francisco au Canada. Idem	Encadernado
52 – Enquête sur l'Invention Littéraire. Idem	Encadernado
53 – Poésies. A. Chénier	Encadernado
54 – Paris en Amérique. E. Laboulaye	Encadernado
55 – Vie et Opinions de F. T. Graindorge. Taine	Encadernado
56 – Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire. Taine	Encadernado
57 – Philosophie de l'Art. Taine. 2 vols.	Encadernado
63 – La Littérature Anglaise. Taine. 5 vols.	Encadernado
64-67 – Origines de la France Contemporaine. Idem. 4 vols. (Não está nesta estante, mas na 2ª, 4ª Prateleira)	Encadernado
68 – Le Corrège. Mme Albana	Encadernado
69 – S. Botticelli. E. Gebhart	Encadernado
70 – Confessions d'un Enfant du Siècle. Musset	Encadernado
71 – Physiologie du Goût. B. Savarin. (Passou para a 1ª prat., depois do Jules Claye.)	Encadernado
75 – Mémoires. Cardinal de Retz. 4 vols.	Encadernado
76 – Précis de Sociologie. Palante	Encadernado
77 – Évolution et Origine des Espèces. T. Huxley	Encadernado
78 – Gordon Pym, etc. E. Poe	Encadernado
79 – Sous le Ciel Vide. J. Boyer	Encadernado
80 – História da Literatura Portuguesa. Teófilo Braga	Encadernado
81 – Le Calvaire. O. Mirbeau	Encadernado
82 – La Femme. Michelet	Encadernado
83 – Les Jésuites. H. Boehmer	Encadernado
84 – Histoire d'une Parisienne. O. Feuillet	Encadernado
85 – Les Végétaux, leur Rôle, etc. Bois et Gadeceau	Encadernado
86 – La Littérature Française au Moyen-Âge. G. Paris	Encadernado
87 – Le Bovarysme. J. Gaultier	Encadernado
88 – As Três Filosofias. L. P. Barreto	Encadernado

3ª Prateleira

89 – Mythologie de la Grèce Antique. P. Decharme	Encadernado
90 – La Révolution Française. Poujolat	Encadernado
91 – Histoire-de l'Art. A. Roux	Encadernado
92 – La Morale, L'Art et la Religion d'après Guyau. A. Fouillée	Encadernado
93 – L'Opposition sous les Césars. G. Boissier	Encadernado
94 – Gil Blas. Le Sage	Encadernado
95 – Oeuvres d'Apulée. 2 vols.	Encadernado
97 – Louis Lambert. Balzac	Encadernado
98 – History of England. Goldsmith	Encadernado
99 – Philosophie Positive. Bourdet	Encadernado
100 – Seleta Clássica. João Ribeiro	Encadernado
101 – Sur la Violence. G. Sorel	Encadernado
102 – Précis de Philosophie. R. Worms	Encadernado
103 – Gramática Portuguesa. E. Dias	Encadernado
104 – Du Style. R. Gourmont	Encadernado
105 – La Conversion de Jeanne. G. Eliot	Encadernado
106 – Brás Cubas. Machado de Assis	Encadernado
107 – Quincas Borba. Idem	Encadernado
108 – Esaú e Jacó. Idem	Encadernado
109 – Ateneu. Raul Pompéia	Encadernado
111 – Mémoires. Mme d'Épinay. 2 vols.	Encadernado
112 – Autobiographie. Booker T. Washington	Encadernado
113 – Le Fondement de la Morale. Schopenhauer	Encadernado
114 – L'Intelligence des Fleurs. Maeterlinck	Encadernado
115 – La Littérature Anglaise. A. Filon	Encadernado
116 – Civilisation en Angleterre. Buckle (só o 5º vol.)	Encadernado
117 – Pages Choies. Nietzsche	Encadernado
118 – Les Feuilles d'Automne. V. Hugo	Encadernado
119 – Affaires de Rome. Lamennais	Encadernado
120 – Les Abencerrages, Atala, René, etc. Chateaubriand	Encadernado
121 – Le Génie du Christianisme. Chateaubriand	Encadernado

122 – Les Martyrs. Idem	Encadernado
123 – Camões. T. Braga (<i>Dei</i>)	Encadernado
124 – Oeuvres. Marat	Encadernado
125 – Du Libre Arbitre. S. Prudhomme	Encadernado
126 – Les Civilisés. C. Farrère	Encadernado
127 – La Grande Marnière. G. Ohnet	Encadernado
128 – Philosophie de Schopenhauer. Ribot	Encadernado
130 – Le Lys Rouge. Anatole France	Encadernado
131 – H. da Literatura Brasileira. S. Romero e João Ribeiro.	Encadernado

4ª Prateleira

132 – Aphrodite. Pierre Louys	Encadernado
133 – Fatos do Espírito Humano. V. de Araguaia	Encadernado
134 – Gramática Filosófica. Soares Barbosa	Encadernado
135 – L'Afrique Noire. O. Megnier	Encadernado
136 – Les Grands-Maîtres d'Art. E. Bayard	Encadernado
137 – Carnet d'un Inconnu. Dostoïevsky	Encadernado
138 – La Science et l'Hypothèse. Poincaré	Encadernado
139 – La Lutte Universelle. F. le Dantec	Encadernado
140 – L'Âme et le Corps. A. Binet	Encadernado
141 – Réputations Littéraires. - P. Stupfer	Encadernado
142 – L'Alchimie et les Alchimistes. Figuier	Encadernado
143 – Mi Viaje alrededor del Mundo. Darwin	Encadernado
144 – Le Livre des Snobs. Thackeray	Encadernado
145 – Portraits. A. Suarès	Encadernado
146 – Études Morales. Laboulaye	Encadernado
147 – Histoire Juive. M. Vernes	Encadernado
148 – Théâtre Choisi. Marivaux	Encadernado
149 – Oeuvres. Villon	Encadernado
150 – Astronomie. Delaunay	Encadernado
151 – Femmes de la Régence. P. de Musset	Encadernado
153 – Souvenirs Contemporains. Villemain. 2 vols.	Encadernado
154 – Le Socialisme Utopique. Lichtenberger	Encadernado

155 – Doctrine. Confucius	Encadernado
156 – Le Lendemain de la Mort. L. Figuiier	Encadernado
157 – Fables. La Fontaine	Encadernado
158 – Lourdes. E. Zola	Encadernado
159 – Du Pape. J. de Maistre	Encadernado
160 – Renée Mauperin. E. et J. de Goncourt. (Passou para a 1ª prateleira)	Encadernado
161 – Charles Demailly. Idem, Idem	Encadernado
162 – Terres Vierges. I. Tourgueneff	Encadernado
163 – Opúsculos. 7 vols.	Encadernado

Castro Lopes: Neologismos etc. – Dr. Jaguaribe: Homens e Idéias no Brasil (I) – H. G. Wells: La Découverte de l'Avenir – Afonso Celso: O Assassinato do Cel. Gentil de Castro – Anatole France: L'Église et la République – Haeckel: Le Monisme (II) – La Chanson de Roland – São Bernardo: De l'Amour de Dieu – Teixeira Mendes: O Regulamento das Escolas do Exército – Lagarrigue: A Ditadura Republicana – Diderot: Essai sur le Beau (III) – Courier: Pages Choiesies – Gomes de Carmo: Reforma da Agricultura Brasileira – Araripe Júnior: José de Alencar (IV) – Robinet: La Philosophie Positive – Péladan: La Dernière Leçon de Léonard de Vinci – Couto de Magalhães: Etnografia Indígena – Clóvis Beviláqua: Filosofia Positiva no Brasil (V) – M. Renault: Épicure – P. Landorny: Descartes – Levrault: La Satire – A. Guimarães: Sílvio Romero – João Ribeiro: Colocação dos pronomes (VI). [.....] (VII).

5ª Prateleira

169 – Pièces. 6 vols.

I

- 1) Mme Sans-Gêne. E. Sardou et Moreau
- 2) La Femme Nue. H. Bataille
- 3) M. de Coupière. Abel Hermant
- 4) L'Assaut. H. Bernstein

- 5) Terre d'Épouvante. André de Lorde et E. Morel; et M. de Codonat. Tristan Bernard
- 6) Bagnes d'Enfants. André de Lorde e Pierre Chaîne
- 7) Jean III. Sacha Guitry; et La Joie du Sacrifice. J. J. Bernard
- 8) Le Scandale de Monte-Carlo. Sacha Guitry
- 9) Timon d'Athènes. E. Fabre
- 10) Vers l'Amour. Léon Gauchillot

II

- 1) Le Voleur. H. Bernstein
- 2) La Française. Brioux; et Simone, par le même auteur
- 4) Chacun sa vie. G. Guiches
- 5) La Sacrifiée. Gaston Devore
- 6) Coeur à Coeur. R. Coolus
- 7) Le Grand Soir. L. Kampf
- 8) Qui Perd, Gagne. P. Veber
- 9) L'Alibi. G. Trarieux
- 10) L'autre. P. e Victor Margueritte

III

- 1) Théodora. V. Sardou
- 2) Sa Soeur. T. Bernard
- 3) Les Plumes de Paön. Bisson et Turique
- 4) Sou Père. A. Guinon et A. Bouchinet
- 5) L'Amour Veille. Flers et Caillevet
- 6) L'Éventail. Idem
- 7) Après le pardon. M. Serac
- 8) Chérubin. Croisset
- 9) Ramuntcho. P. Loti
- 10) Vieil Heidelberg. Meyer-Foerster

IV

- 1) Samson. H. Bernstein
- 2) L'Affaire des Poisons. V. Sardou
- 3) Un Divorce. P. Bourget et André Cury
- 4) Les Deux Hommes. Alfred Capus
- 5) La Rivale. H. Kistemaekers et E. Delard
- 6) Adrienne Lecouvreur. Mme Sarah Bernhardt
- 7) L'Apprentie. G. Geffroy
- 8) La Belle au Bois Dormant. J. Richepin et H. Cain
- 9) La grande Famille. M. Arguillère

V

- 1) Crainquebille. A. France
- 2) La Préférée. L. Descaves
- 3) Education de Prince. M. Donnay
- 4) Le Réveil. Paul Hervieu
- 5) Les Hannetons. Brioux; et Au Petit Bonheur. A. France
- 6) Mlle Josette, ma femme. P. Gavault et R. Charvay
- 7) Le Ruisseau. P. Wolff
- 8) Pylade. L. Legendre; et Le Poulailleur. T. Bernard
- 9) Le Refuge. D. Niccodemi
- 10) Le Martyre de St. Sébastien. G. D'Annunzio

VI

- 1) La Soutane. A. Bernède
- 2) La Loi de Pardon. M. Landay
- 3) Divorçons. V. Sardou
- 4) Le Chandelier. Alfred de Musset
- 5) La Veine. A. Capus
- 6) Gringoire. Th. Banville
- 7) Cyrano de Bergerac. Ed. Rostand
- 8) La Joie Fait Peur. Mme de Girardin

- | | |
|--|-------------|
| 175 – Cinq-Mars. Alfred de Vigny | Encadernado |
| 176 – Après Moi et Le Bercail. H. Bernstein | Encadernado |
| 177 – Les Maitres Humoristes. Herman-Paul; Forain; Abel-Faivre | Encadernado |
| 178 – Perversions et Perversité Sexuelles. Laupps | Encadernado |
| 179 – D. João VI. Oliveira Lima. 2 vols. | Encadernado |
| 196 – Revista Brasileira (J. Veríssimo). 16 vols. | Encadernado |
| 197 – D. Quijote de la Mancha. Miguel de Cervantes Saavedra | Encadernado |
| 206 – Romans. 9 vols. | Encadernado |

I

- 1) Les Diaboliques. J. Barbey D'Aurevilly
- 2) Les Rois en Exile. Alphonse Daudet
- 3) L'Immortel. Idem
- 4) Boubouroche. George Courteline
- 5) Mémoires d'un Jeune Homme Rangé. Tristan Bernard

II

- 1) Les Vacances d'un Jeune Homme Sage. Henri de Régnier
- 2) L'Abbé Jules. O. Mirbeau
- 3) Les Sous-offs. Lucien Descaves
- 4) La Carrière. Abel Hermant
- 5) La Discorde. Idem

III

- 1) André Cornelis. Paul Bourget
- 2) La Leçon d'Amour dans un Parc. René Boylesve
- 3) La Ruse. Paul Adam
- 4) L'Aventure. Pierre Veber
- 5) La Résurrection. Léon Tolstoi

IV

- 1) Du Sang, de la Volupté et de la Mort. Maurice Barrès
- 2) Au Service de l'Allemagne. Idem
- 3) Secrets d'État. Tristan Bernard
- 4) Indiana. George Sand
- 5) Fromont Jeune et Risler Aîné. Alphonse Daudet

V

- 1) Chronique du Cadet de Contrás. Abel Hermant
- 2) Les Grands Bourgeois. Idem
- 3) Le Mariage de Minuit. Henri de Régnier
- 4) L'Écornifleur. Jules Renard
- 5) Amants. Paul Margueritte ✕

VI

- 1) Le Cousin Pons. Honoré de Balzac
- 2) Le Petit Chose. Alphonse Daudet
- 3) Le Sceptre. Abel Hermant
- 4) La Lumière qui s'éteint, R. Kipling
- 5) Flirt. Paul Hervieu

VII

- 1) Servitude et Grandeur Militaires. A. de Vigny
- 2) Valentine. George Sand
- 3) Histoire Naturelles. Jules Renard
- 4) M. de Courpière Marié. Abel Hermant
- 5) Souvenirs du Vicomte de Courpière. A. Hermant

VIII

- 1) Sapho. A. Daudet
- 2) Germinie Lacerteux. E. et J. de Goncourt
- 3) Au Congo. Cel. Baratier
- 4) Confessions d'un Enfant d'Hier. Abel Hermant
- 5) Les Rentrées. Pierre Veber

IX

- 1) Le Passé Vivant. Henri de Régnier
- 2) La Petite Paroisse. Alphonse Daudet
- 3) Amants et Voleurs. Tristan Bernard
- 4) Une Passade. Pierre Veber et Willy
- 5) Netotchka. Dostoïevsky ✕

2ª ESTANTE

1ª Prateleira

- | | |
|--|-------------|
| 207 – Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient. G. Maspero | Encadernado |
| 208 – Cours d'Histoire. 4 vols. A. Malet. I – Antiquité; II – Moyen-Âge; III – Temps Modernes; IV – Époque Contemporaine | Encadernado |
| 209 – La Psychologie Ethnique. G. Letourneau | Encadernado |
| 210 – La Préhistoire. G. et A. de Mortillet | Encadernado |
| 211 – Resumen de la Historia de America. Estevénez | Encadernado |
| 212 – La Terre. Vidal de la Blache et Camena d'Almeida | Encadernado |
| 213 – La France. Idem | Encadernado |
| 214 – Précis d'Économie Politique. Leroy-Beaulieu (não é meu) | Encadernado |
| 215 – Manuel d'Histoire de la Littérature Grecque. A. et M. de Croiset | Encadernado |
| 216 – A Ilusão Americana. E. Prado | Encadernado |

217 – On Heroes. Carlyle	Encadernado
218 – Histoire de France. Choublier	Encadernado
219 – Théâtre. Aristophane	Encadernado
220 – Oeuvres. F. Rabelais	Encadernado
221 – La Linguistique. A. Hovelacque	Encadernado
222 – La Grèce Antique. André Lefèvre	Encadernado
223 – Chimie. Naquet et Henriot	Encadernado
224 – La Science Sociale. A. Fouillée	Encadernado
225 – Histoire de Law. Fouquet. A. Thiers et Savine & Bournand	Encadernado
226 – Vie des Mots. Darmesteter	Encadernado
227 – Horto de Mágoas. Gonzaga Duque	Encadernado
228 – Discours sur l'Histoire Universelle. Bossuet	Encadernado
229 – História Antiga (Oriente e Grécia). João Ribeiro	Encadernado
230 – Viagem ao Araguaia. Couto de Magalhães	Encadernado
231 – Du Morcellement du Sol en France. M. J. Piogey	Encadernado

2ª Prateleira

232 – Pequeno Panorama. M. de Azevedo	Encadernado
233 – Pierre Nozière. Anatole France	Encadernado
234 – Honoré de Balzac. Brunetière	Encadernado
235 – En France. Marius-Ary Leblond	Encadernado
236 – Roman de Léonard da Vinci. Mérejkovsky	Encadernado
237 – Les Renards. Abel Hermant	Encadernado
238 – La Biche Relancée. Idem	Encadernado
239 – Les Confidences d'une Biche. Idem	Encadernado
240 – Autres Troupiers. R. Kipling	Encadernado
241 – Simples Contes des Collines. Idem	Encadernado
242 – L'Île de l'Aepyornis. H. G. Wells	Encadernado
243 – La Burlesque Équipée du Cycliste. Idem	Encadernado
244 – Les Premiers Hommes dans la Lune. Idem	Encadernado
245 – Le Pays des Aveugles. Idem	Encadernado
246 – Bel-Ami. Guy de Maupassant	Encadernado
247 – La Main Gauche. Idem	Encadernado

248 – Toine. Idem	Encadernado
249 – Au Soleil. Idem	Encadernado
250 – Miss Harriet. Idem	Encadernado
251 – Yvette. Idem	Encadernado
252 – La Maison Tellier. Idem	Encadernado
253 – Souvenirs. Tolstoi ✕	Encadernado
254 – Port-Tarascon. A. Daudet	Encadernado
256 – Ménage et Finances de Voltaire. Louis Nicolardot. 2 vols.	Encadernado
257 – Viagens na Minha Terra. Almeida Garrett ✕	Encadernado
258 – Romanceiro. Idem	Encadernado
259 – Les Moujiks. Tchékov ✕	Encadernado

3ª Prateleira

260 – Divina Comédia (tradução portuguesa do Barão de Vila da Barra.) Dante	Encadernado
261 – Vida do Duque de Caxias. Monsenhor Pinto de Campos	Encadernado
262 – L'Espèce Humaine. Quatrefages	Encadernado
264 – Os Anais. Cornélio Tácito (Tradução de José Liberato Freire de Carvalho). 2 vols.	Encadernado
265 – Colonies Étrangères et Haiti. Victor Schoelcher. 2 vols.	Encadernado
266 – Motins Politicos. Domingos A. Raiol (só o 2º volume)	Encadernado
267 – Histoire des Mathématiques. J. Boyer	Encadernado
268 – Filosofia Positiva. Teófilo Braga	Encadernado
269 – Ortografia Portuguesa. José F. de Castilho	Encadernado
270 – Précis de Droit Maritime International et de Diplomatie. A. Le Moine	Encadernado
271 – La Démocratie Devant La Science. C. Bouglé	Encadernado
272 – Essais Sur le Régime des Castes. C. Bouglé	Encadernado
273 – Lições de Coisas. Calkins (tradução de Rui Barbosa)	Encadernado

- 274 – Origine des Espèces. C. Darwin Encadernado
 275 – La Vie du Langage. Whitney Encadernado
 276 – L'Homme Mental. Gros Lambert Encadernado
 277 – As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização. Max Nordau. (Tradução para o português por M. C. da Rocha) Encadernado
 278 – L'Oeuvre et la Vie d'Auguste Comte (Notice sur). Robinet Encadernado
 279 – La Philosophie Positive, condensation de Jules Rig (1º vol.) Encadernado
 280 – L'Hérédité Psychologique. Th. Ribot Encadernado
 281 – L'Imagination Créatrice. Idem Encadernado
 282 – Nacionalidade, Língua e Literatura de Portugal e Brasil. Pereira da Silva Encadernado
 283 – Théorie Nouvelle de la Vie. Félix le Dantec Encadernado
 284 – Littérature Française. Brunetière Encadernado
 285 – História de Portugal. Oliveira Martins Encadernado
 286 – Aritmética. Serrasqueiro Encadernado
 287 – Viagens de Gulliver (em português). J. Swift Encadernado
 288 – La Morale Evolutioniste. H. Spencer Encadernado
- 4ª Prateleira*
- 289 – Falas do Trono do I. do Brasil, de 1828 a 1872 Encadernado
 290 – Philosophie. Janet (Paul) Encadernado
 291 – Psychologie Économique. G. Tarde (só o 1º) Encadernado
 292 – Marc-Aurèle. E. Renan Encadernado
 293 – Le Préjugé des Races. J. Finot Encadernado
 299 – História do Brasil. R. Southey (tradução do dr. Joqm. de Oliveira Castro e notas do cônego Fernandes Pينهiro). 6 vols. Encadernado
 300 – Anthropologie. E. Fredault Encadernado
 301 – Histoire de la Civilisation Hellénique. M. C. Pappariopoulos Encadernado

- 302 – A Mulher e a Sociogenia. Tito Lívio de Castro (1ª edição, da Casa da Moeda) Encadernado
 303 – Gramática Portuguesa. Julio Ribeiro (1ª edição) Encadernado
 304 – Manual do Aprendiz Compositor. Jules Claye (tradução de J. H. de Lima Barreto) Encadernado
 305 – Histoire de la Philosophie Allemande. Willm (3º vol., só) Encadernado
 306 – Le Paradis Perdu. Milton (tradução francesa de Chateaubriand) Encadernado
 307 – Gramática Analítica. Grivet Encadernado

ESTANTE PEQUENA (3ª)

1ª Prateleira

- 309 – Universo ed Umanitá (I e II). Diversos Encadernado
 310 – Publicações do Arquivo Público (vols. 4, IX e X) Encadernado
 311 – Dictionnaire des Contemporains. Vapereau (1858) Encadernado
 312 – Cartas da Índia e da China. J. I. de Andrade Encadernado
 313 – Les Contes Drôlatiques. H. de Balzac Encadernado
 314 – Le Socialisme Intégral. Benoît-Malon (2º vol.) Encadernado
 315 – Revue des Deux Mondes. (12 vols., 1851) Encadernado
 316 – L'Afrique Française etc. P. Christian Encadernado
 317 – Magnum Lexicon. M. José Ferreira Encadernado
 318 – Le Procès Bazaine Encadernado

2ª Prateleira

- 319 – Retalhos (Vol. A) Encadernado
 320 – Retalhos (Vol. B) Encadernado
 321 – Imprensa Industrial (revista decenal, um tomo: de agosto de 1876 a dezembro do mesmo ano) Encadernado
 324 – Fon-Fon! (Os três primeiros trimestres do 1º ano, 1907, onde está a minha colaboração). 3 vols. Encadernado
 325 – Notícia Histórica dos Estabelecimentos do M. do Interior. Amaro Cavalcanti ou melhor Cupertino do Amaral Encadernado

- 326 – Livro do Centenário da Descoberta do Brasil (3 vols.).
Diversos Encadernado
- 327 – O Marquês de Pombal. Obra comemorativa, publicada
por ocasião do centenário da sua morte (1882), pelo
Club de Regatas Guanabara. Latino Coelho, Olivei-
ra Martins, Machado de Assis e outros. Encadernado
- 328 – Recenseamento do Rio de Janeiro, em 20 de setem-
bro de 1906. 2 vols. Brochado
- 330 – Anais da Biblioteca Nacional. Vols. XXV e
XXVIII Brochado
- 331 – Culture et Exploitation du Caoutchouc au Brésil.
Labroy et Cayla Brochado
- 332 – L'Amour (revista galante). 2 vols., 1902 Encadernado
- 334 – Le Vieux Marcheur. Idem Encadernado

4.ª ESTANTE

1ª Prateleira

- 335 – Obras (Sonetos, Cantatas, Epicédios etc.) de Camões.
Visconde de Jurumenha. 1 vol. Encadernado
- 336 – História do Brasil. Frei Vicente do Salvador. 1 vol. Encadernado
- 337 – Idem. Matoso Maia. 1 vol. Encadernado
- 338 – Floreal (revista). 1 vol. Encadernado
- 339 – Miguel de Cervantes. Fitzmaurice-Kelly. 1 vol. Encadernado
- 340 – A Cultura dos Campos. Assis Brasil. 1 vol. Encadernado
- 341 – Gramática Portuguesa. Carneiro Ribeiro. 1 vol. Encadernado
- 342 – Viagem Artística. D. P. de Madrazo. 1 vol. Encadernado
- 343 – Restauração de Portugal. 1. vol. Encadernado
- 344 – Memórias. Casanova. 4 vols. Encadernado
- 347 – Les Sources d'Idées. (16º século). P. Villey. 1 vol. Encadernado
- 348 – Gramática Italiana. Lopes Encadernado
- 349 – De la Renaissance en Italie. J. Burckhardt. 2 vols. Encadernado
- 351 – Entr'aide. Kropotkine Encadernado

- 352 – A Bíblia Encadernado
- 353 – Geografia Física do Brasil. Wappoeus Encadernado
- 354 – Correspondance de Victor Jacquemont. 2 vols. Encadernado
- 356 – Lettres à un Provincial. Pascal Encadernado
- 357 – Farias Brito, por J. de Figueiredo e Nestor Vitor. 1 vol.
- 358 – Holocausto. X. Marques; e Mota Coqueiro. J. do Pa-
trocínio. 1 vol. Encadernado
- 359 – Lusíadas. Camões. 1 vol. Encadernado
- 360 – Oraisons Funèbres. Bossuet Encadernado
- 361 – Novo Testamento Encadernado
- 362 – Cruel Berceau. C. Mendès Encadernado
- 363 – Un Début dans la Vie. Balzac Encadernado
- 364 – Gouaches. J. Barreira Encadernado
- 365 – A China e os Chins. H. C. Lisboa. 1 vol. Encadernado

2ª Prateleira

- 367 – Química. M. Maciel Encadernado
- 368 – Traité d'Hygiène. M. Lévy Encadernado
- 369 – Olnarcia (poema). Luís José Pereira da Silva
- 370 – Retalhos, colecionados por um desconhecido, que vi-
eram com os livros que o Chambá me deixou, ao
morrer
- 371 – História da Idade Média. J. José da Rocha Encadernado
- 372 – Estrada Suave. Alexander e Hewitt Encadernado
- 373 – Literatura Brasileira. Melo Moraes Filho Encadernado
- 374 – Gramática Inglesa. Mota Encadernado
- 375 – Nuttal's Dictionary (ficou fora) Encadernado
- 376 – Filosofia. Azevedo Encadernado
- 377 – Exaltação. Albertina Berta Encadernado
- 378 – Poems. Gray Encadernado
- 379 – Um Descobrimento Prodigioso. J. Verne (?) Encadernado
- 380 – Guide Médical. Rochon Encadernado
- 381 – Divina Commedia. Dante (em italiano) ✕ Encadernado

382 – Dicionário dos Verbos Irregulares Portugueses, por C. de R.	Encadernado
383 – Grammaire Anglaise. A. Spiers	Encadernado
384 – Grammaire Anglaise. Noel et Chapsal	Encadernado
385 – Atlas. Hickmann (está fora)	Encadernado
386 – La Grenadière etc. Balzac	Encadernado
387 – Versions. Sedler	Encadernado
388 – Émile. J. J. Rousseau. 2 vols.	Encadernado
390 – As Farpas. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão (vols. 2, 3 e 5)	Encadernado
391 – Exercícios de Latinidade. Pedro Freire de Oliveira (1 vol.)	Encadernado
392 – Le Darwinisme. E. Ferrière	Encadernado
393 – Les Peuples de l'Asie et de l'Europe. Girard de Rialle	Encadernado
394 – O Retrato de Vênus. Garrett	Encadernado
395 – O Totemismo. Origem dos Arias. Frazer e Salomão Reinach	Encadernado
396 – Qu'est-ce que l'Art? Tolstoi ✕	Brochado
397 – Shakespeare. Idem	Brochado
398 – Mémoires Complets et Authentiques du Duc de Saint Simon. 13 vols.	Encadernado
411 – L'Esthétique de Schopenhauer. André Fauconnet	Brochado
412 – Boule de Suif. Maupassant	Brochado
413 – Evocações. Cruz e Sousa	Brochado
414 – Les Transformations du Droit. G. Tarde	Brochado
415 – Le Théâtre d'Ibsen. Ossip-Lourié	Brochado
416 – Eaux Printanières. I. Tourgueneff. ✕	Brochado
417 – Dernières Pensées. H. Poincaré	Brochado
418 – La Vie du Droit. Jean Cruet	Brochado
419 – La Formation des Légendes. A. Van Gennep	Brochado
420 – Venise. Charles Diehl	Brochado
421 – Luís de Camões. Miguel Lemos	Brochado
422 – Histoire de la Littérature Hindoue. Jean Lahar	Brochado

423 – Oeuvres (Court Traité, etc.). Spinoza	Brochado
424 – Théâtre. Sophocle	Brochado
425 – Mystifications Littéraires. A. Thierry	Brochado
426 – Le Génie de Flauher. J. de Gaultier	Brochado
427 – Sainte Marie des Fleurs.. R. Boylesve	Brochado
428 – Nos Cathédrales. A. Bousquelet	Brochado
429 – Estudos de Literatura. 3ª série. José Veríssimo	Brochado
430 – Filosofia del Anarquismo. C. Malato	Brochado
431 – El Satíricon. Petronio	Brochado
432 – Filosofia Zoológica. Juan Lamarck	Brochado
433 – El Anticristo. F. Nietzsche ✕	Brochado
434 – Determinismo y Responsabiirdad A. Hamon	Brochado
435 – Socialismo y Anarquismo. A. Hamon	Brochado
436 – Poésies Nouvelles. A. Musset	Brochado
437 – Obras. Cláudio Manuel da Costa. 2 vols.	Brochado
439 – La Mort. M. Maeterlinck	Brochado
440 – Le Curé de Village. Balzac	Brochado
441 – Études Anglaises. P. Bourget	Brochado
442 – Dans l'Inde du Sud. M. Maindron	Brochado
443 – Le Pauvre Amour de D. Balbine. André Corthis	Brochado
444 – Literaturas Malsanas. Pompeyo Gener	Brochado
445 – Petit Jean de Sainté. A. de la Sale	Brochado

3ª Prateleira

446 – J. J. Rousseau. Auguste Dide	Brochado
447 – Les Énigmes de l'Univers. E. Haeckel	Brochado
.....	
551 – América Latina. Oliveira Lima. (Há um erro de três volumes. Vid. pág. 24, no fim)	Brochado
552 – História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai. Jourdain. 3 vols.	Brochado
555 – A Campanha do Uruguai. Bormann	Brochado
556 – A Base Física do Espírito. Farias Brito	Brochado

557 – O Mundo Interior. Idem	Brochado
558 – Mecânica Racional. Morais Rego (os irmãos)	Brochado
559 – A Língua dos Caxinauás. C. Abreu	Brochado
560 – L'Etat, comme Organisation Coercitive, S. Balicki	Brochado
561 – História da Cidade do Rio de Janeiro. Felisbello Freire. 2 vols.	Brochado
563 – Anais do 1.º Congresso de Geografia do Rio de Janeiro. 4 vols.	Brochado
567 – Congresso Universal de Raças. J. B. de Lacerda	Brochado
568 – Os Museus de História Natural. Idem	Brochado
569 – Problema de Filosofia Biológica. Araújo Jorge	Brochado
570 – Quadros da Natureza. Humboldt	Brochado
571 – Perfis de Intelectuais. Silva Bastos	Brochado
572 – Névrose. Émile Morel	Brochado
573 – Fromentin. G. Beaume	Brochado
574 – E. Durkheim. G. Davy	Brochado
575 – J. Jacques Rousseau. Pages Choisies	Brochado
576 – Les Cosaques etc. L. Tolstoi	Brochado
577 – La Mort des Dieux. Mérejkovsky	Brochado
578 – Silas Marner. G. Eliot	Brochado
379 – João Ribeiro. G. Portuguesa	Brochado
580 – Les Corsaires Barbaresques. J. de la Gravière	Brochado
581 – La Maison Brûlée. P. Margueritte	Brochado
582 – Lazarillo de Tormes (em português)	Brochado
583 – Análise Química. Pinto	Brochado
584 – Gram. Inglesa. Sadler	Brochado
585 – Epilogus. Rémy de Gourmont	Brochado
586 – Casos e Impressões. Adelino Magalhães	Brochado
587 – Funcionários e Doutores. Tobias Monteiro	Brochado
588 – Obras Poéticas. Garçon	Brochado
589 – Voyage dans les Royaumes de Siam, Cambodge, de Laos. H. Monhot	Brochado
590 – Sans Dogme. Sienkiewicz	Brochado

591 – Les Musiciens et la Musique. H. Berlioz	Brochado
592 – Diversas Biografias	Brochado
593 – Primprinette. Willy	Brochado
<i>5ª Prateleira</i>	
594 – Arithmétique. F. J. (F. I. C.)	Brochado
595 – O Anarquismo. Paulo Eltzbacher	Brochado
596 – Geometria Superior. Paula Sousa	Brochado
597 – Viagem ao Redor do Brasil. 2º vol. João Severiano da Fonseca	Brochado
598 – O Brasil Industrial. Vol. III	Brochado
599 – Anuário da Estatística do Rio. Vol. I	Brochado
600 – As Secas no Brasil. A. Olinto. O secular problema do Nordeste. Ildefonso Albano	Brochado
601 – Essais de Critique et d'Histoire. Taine	Encadernado
602 – Quatre-vingt-treize. V. Hugo. 2 vols.	Encadernado
604 – Opúsculos (VII). Assis Brasil – A unidade Nacional; Georges Ville – Une Révolution Agricole; Germano Vert – Almanaque do Lavrador Brasileiro; Plácido de Castro – Apontamentos Sobre a Revolução Acreana; Gérard de Nerval – La Main Enchantée; M. Bonfim – O Fato Psíquico	Encadernado
605 – Encyclopédie de Connaissances Utiles	Encadernado
606 – Anais da Imprensa Nacional. Vale Cabral	Encadernado
607 – Télémaque. Fénelon	Encadernado
609 – Viagem à Venezuela, Nova Granada e Equador. Con- selheiro Lisboa	Encadernado
610 – Crimes Espantosos. Dez.º Henrique de Oliveira	Encadernado
611 – Mille et Une Nuits. 1º vol. Trad. dr. J.C. Madrux	Brochado
612 – Visões, Cenas etc. Adelino Magalhães	Brochado
613 – Vários Escritos. Astério de Campos	Brochado
614 – Efemérides Navais. Garcez Palha	Brochado
615 – Desenho Linear. Poluceno	Brochado
616 – The Rosette Stone. Samuel Shayre	Brochado

- 617 – Guia de Análise Química. Stadelers
 Brochado
- 618 – Revista Brasileira (Número do centenário de Camões)
 Cartonado
- 619 – Abastecimento d'água do Rio de Janeiro (Not). Antônio Joaquim de Almeida e Silva
 Brochado
- 620 – Anais da Imprensa Nacional. Vale Cabral (*dei*)
 Brochado
- 624 – Essais sur l'Histoire d'Angleterre. 5 vols. Macaulay
 Brochado
- 625 – Indústria Siderúrgica. F. M. de Sousa Aguiar
 Brochado
- 626 – Teoria e Prática da Cooperação. Sarandy Raposo
 Brochado
- 627 – A Redenção de Tiradentes
 Brochado
- 628 – El Estado de S. Paulo
 Brochado
- 629-630 – Revista do Instituto Histórico. Tomo 74 (2 partes).
 Brochado
- 631 – Um lote de Revue des Deux Mondes, de 1877
 Brochado
- 632 – Um outro do mesmo ano
 Brochado
- 633 – Um outro, com a Revue de Paris
 Brochado
- 634 – Um outro da Revue Philosophique (1908)
 Brochado
- 635 – Polícia Carioca. Elísio de Carvalho
 Brochado
- 636 – Um amarrado, com a Nouvelle Revue Française
 Brochado
- 637 – Anuário da Escola Politécnica de São Paulo. 1908
 Brochado
- Em cima das estantes e das mesas:*
- 638 – Petit Larousse Illustré
- 640 – Dicionário Inglês-Português e vice-versa. Valdez. 2 vols.
 Encadernado
- 642 – Dicionário Francês-Português e Português-Francês. 2 vols.
 Encadernado
- 644 – Dicionário Universal Português. 2 vols. Francisco de Almeida
 Encadernado
- 645 – Dicionário Português-Francês. Constâncio
 Encadernado
- 646 – Vocabolario Italiano-Portoghese. 1 vol.
 Encadernado
- 647 – Arquivos do Museu Nacional. Vol. XVIII
 Encadernado
- 648 – Proménades Archéologiques. Gaston Boissier
 Brochado
- Um caderno com artigos da R. des Deux Mondes
 Brochado

- 649 – La Femme et le Pantin. Pierre Louys
 Brochado
- Um caderno de páginas de revistas
 Brochado
- 650 – Notre Coeur. Guy de Maupassant. Idem
 Brochado
- 651 – Mensonges. Paul Bourget. Idem
 Brochado
- 652 – Pêcheurs d'Island. Pierre Loti. Idem
 Brochado
- 653 – Mon Frère Yves. O mesmo. Idem
 Brochado
- 656 – Contos. Diversos.
 Brochado
- 2 cadernos com páginas de revistas, tendo
- 657 – Pièces. Diversos.
 Brochado
- 1 caderno com pgs. de revistas, contendo:
- 658 – Fastos do Museu Nacional. Dr. J. B. de Lacerda
 Brochado
- 659 – Le Beau Saint Cendre. Maurice Maindron
 Brochado
- 660 – A Língua Portuguesa. Adolfo Coelho. A Literatura Portuguesa. Por Teófilo Braga
 Brochado
- Um caderno com:
- 667 – Retalhos de Jornais. 7 cadernos
 Brochado
- 669 – Gazeta Literária. 2 vols.
 Brochado
- 662 – Artigos da Revue des Deux Mondes. 3 cadernos
 Brochado
- 664 – Anais. Duas pastas com números
 Brochado
- 665 – Le Tout Sayoir (almanaque)
 Brochado
- 667 – Amarrados com diversas brochuras (opúsculos)
- 668 – Um amarrado: Bronzino, reprodução de quadros; Holbein, idem; Le Chandelier et Louison, Musset; O Continente Negro, B. do Povo; J. J. Rousseau, G. Gampayré; Gregório de Matos, Araripe Júnior
- 669 – Um amarrado, com as revistas: Na Barricada: La Flamme; Nuova Antologia; A Vida Fluminense. nºs 111 e 135, de 1870; A Vida e Revista Contemporânea, número dedicado a Gonzaga Duque
- 670 – Um amarrado com coleção de desenhos de Guillaume e B. Rabier

- 671 – Um amarrado, com os romances: *Mme Gervaisais*, de E. et J. de Goncourt; *Poil de Carotte*, de Jules Renard; e *Les Amants Singuliers*, de Henri de Régnier
- 672 – *A Festa Literária*, por ocasião de fundar-se a A. dos Homens de Letras, em 1883
- 673 – *Opúsculos* (VIII vol.). *Une Idylle de la Décadence*, E. Tissot; *Constituição da República*; *A Moral dos Jesuítas*, por um antigo discípulo da Companhia; *Consolidação das Leis Rurais*, Crisanto Freire; *Um Episódio da Regência*, Baltazar da Silveira
- 674 – *Toutes les Femmes*. Amédée Vignola Brochado
- 675 – *Teoria das Quantidades Negativas*. Benjamin Constant Botelho de Magalhães Brochado
- 676 – *Obras de Magnus Söndhal* Brochado
- 677 – *Teoria das Funções*. Licínio Cardoso Brochado
- 678 – *Une Vieille Maîtresse*. J. Barbey d'Aurevilly Brochado
- 679 – *À travers l'Afrique*. Baratier Brochado
- 680 – Um amarrado com: *Essais*, de Montaigne; *Voyage Autour de ma Chambre*, por Xavier de Maistre; *Philippiques*, de Demosthène; *Le Vieux Célibataire*, etc., de Collin d'Harleville; e *Contos*, de Perrault Brochado
- 681 – *II Secolo XIX. L'Esposizione Mondiale de 1900 in Parigi* Brochado
- 682 – *Idem. Architettura. Archeologia* Brochado
- 683 – *Idem. L'Astronomia. La Fisica Terrestre* Brochado
- 684 – *Idem. Cronistoria* Brochado
- 685 – *Idem. Parigi. Contemporanea* Brochado
- 686 – *Idem. Le Scoperte Geografiche* Brochado
- 687 – *Idem. L'Agricoltura. Industria. Commercio* Brochado
- 688 – *Idem. La Storia. La Marina e Gli Eserciti* Brochado
- 689 – *Idem. La Musica; Musica Comica e Coreografica* Brochado

- 690 – *Idem. La Biologia; Medicina e Chirurgia* Brochado
- 691 – *Idem. Storia Naturale* Brochado
- 692 – *Dizionario di Coltura Universale* (Vol. I e parte do II) Brochado
- 694 – *Universo ed Umanità* (Vol. IV e V) Brochado
- 695 – *Trattato di Costruzioni Civili* (fascículos descontraçados) Brochado
- 696 – Uma pasta com mapas, cartas e plantas: *Cidade do Rio de Janeiro*; *do Extremo Oriente*; *do Município do Rio de Janeiro*; *do Est. do Rio Grande do Sul*; *da Algéria, Marrocos e Saara*; *dos limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte*; *de Portugal e Espanha*; *da Palestina*; *do Piauí*; *do teatro da guerra entre Espanha e os Estados Unidos*; *da fronteira entre o Brasil e a Bolívia*; *das E. de F. do Rio, Minas e São Paulo*; *da E. F. C. do Brasil*; *da cidade de São Paulo*
- 697 – Vários artigos: I – *Notícia sobre as Poesias de Francisco Otaviano*, por G. Bellegarde; *Rosminé e a Sociedade Brasileira*, por A. H. de Sousa Bandeira; *Notícia sobre os Cromos*, de B. Lopes (1881), sem autor declarado; *L'Odeur de Sainteté*, por George Dumas; *Uma Noite Histórica*, Raul Pompéia; e *Uma Paixão no Deserto*, por H. de Balzac. II – *O Gentio do Brasil Atual*, sem autor declarado; *Resumo da Revolução dos Farrapos*, pelo Gal. Carlos de Campos; e *O Fetichismo dos Negros no Brasil*; pelo padre Étienne Brasil
- 699 – Um amarrado com as revistas: *Revue des Cours*; *La Revue*; *Boletim da U. Pan-Americana*; *La France de Demain*; *A Lanterna* (jornal de estudantes, onde escrevi) e *O Diabo* (onde também escrevi)
- 714 – *As Grandes Invenções*. Luís Figuer. Trad. Encadernado

Manuscritos e Originais

- I – Clara dos Anjos, romance meu (inédito e incompleto) 1904
- II – Recordações do Escrivão Isaías Caminha, romance meu (publicado em 1909, a 1ª edição; em 1917, a 2ª ed.)
- III – Policarpo Quaresma, romance meu (Publicado no Jornal do Comércio, ed. da tarde, 1911; e em livro, 1916)
- IV – Numa e a Ninfa, romance meu (publicado em A Noite, em 1915; e em fascículos, em 1917)
- V – Originais Publicados
- VI – Originais a Aproveitar
- VII – Papéis vários
- VIII – Originais a Organizar
- IX – Originais a Aproveitar
- X – Numa e a Ninfa (em provas revistas)
- 700 – Contrat Social. J. J. Rousseau e outras obras Brochado
- 701 – Escritos Diversos. Almeida Garrett Brochado
- 702 – O Mestre de Campo. Afonso Arinos Brochado
- 703 – A Grande Ilusão. Norman Angel Brochado
- 704 – O Bailio de Leça. Arnaldo Gama Encadernado
- 705 – Quadros da História Portuguesa. Silveira da Mota Brochado
- 706 – Que é a Literatura. José Veríssimo Brochado
- 707 – Le Feu. Henri Barbusse Brochado
- 708 – Urupês. Monteiro Lobato Brochado
- 709 – Faits et Commentaires. H. Spencer Encadernado
- 711 – Mémoires. Barras Encadernado
- 712 – Les Maladies de la Volonté. Th. Ribot Encadernado
- 713 – Cartas do Meu Moinho. A. Daudet (tradução). Encadernado
- 714 – La Morale Anglaise. M. Guyau Encadernado

- 715 – Obras Escogidas (Novelas Ejemplares). Cervantes Encadernado
- 716 – Sol de Portugal. José Vieira Brochado
- 717 – Saneamento do Brasil. Belisário Pena Brochado
- 718 – As Desencantadas. Pierre Loti Encadernado
- 719 – Antropologia. Carrestini Encadernado
- 720 – Senzalas. Alberto Deodato Brochado
- 721 – O “S” e o “Z” em Português. A. de A. de Melo Carvalho Brochado
- 722 – Matercracia. J. T. Portugal Freiser Brochado
- 723 – Psicologia Mórbida na Obra de Machado de Assis. Dr. Luís Ribeiro do Vale Brochado
- 733 – Histoire de l'Art. A. Michel
- 734 – Guzmán de Alfarache. Mateo Alemán Encadernado
- 737 – Histoire de la Philosophie Moderne. Höfding Encadernado
- 738 – L'Angleterre au XIX^e Siècle. Philarète Chasles Encadernado
- 740 – Novas Telas Literárias. A. F. de Castilho Encadernado
- 741 – Descartes. Luís Dimier Brochado
- 742 – Le Sens de la Mort. Bourget Brochado
- 743 – A Morte da Polidez. Bandeira de Melo Brochado
- 744 – Filosofia da Arte. V. Licínio Cardoso Brochado
- 745 – História do Brasil. Frei Vicente do Salvador. 2ª edição Brochado
- 748 – Histoire des États Unis. E. Laboulaye. 3 vols. Encadernado
- 749 – L'État et ses Limites. Ed. Laboulaye Encadernado
- 750 – Política. Aristóteles Encadernado
- 751 – Ensinaamentos Psicológicos da Guerra Européia. G. Le Bon Brochado
- 752 – As Lições da Guerra Mundial. H. Hamon. Brochado
- 753 – Les Idéologiques. F. Picavet Encadernado
- 773 – Dicionário e Enciclopédia de J. Jackson Encadernado
- 775 – Romans. Voltaire
- 786 – Livre des Masques. Rémy de Gourmont
- 787 – Capitania de Sergipe. Ivo do Prado
- 788 – Coivara. Gastão Cruls

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

- 789 - Rua da Paz: Visc. de Saussay
790 - Negrinha. M. Lobato
791 - Fidelino de Figueiredo: A Crítica Literária como
Ciência
792 - Funcionários e Doutores, Tobias Monteiro; Notas de
Pedagogia e Psicologia Normal e Patológica, Plínio
Olinto; Vocábulo e Locuções da Língua Portuguesa,
Guilherme Bellegarde, trazendo a polémica dele e de
Laet com Camilo Castelo Branco
793 - Physique (pequena). Ganot
794 - Senhora de Engenho. Mário Sete
795 - As Virgens Amorasas. Teo Filho
796 - Terras do Demo. Aquilino Ribeiro
797 - Máximas do Marquês de Maricá
798 - Manual de Estética
799 - Discours de la Méthode
800 - Storia della Litteratura Italiana. Francesco de Sanctis

ANEXO 02

SINOPSE CRONOLÓGICA DA VIDA DE LIMA BARRETO

Fonte: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

- 789 – Rua da Paz: Visc. de Saussay
 790 – Negrinha. M. Lobato
 791 – Fidelino de Figueiredo: A Crítica Literária como
 Ciência
 792 – Funcionários e Doutores, Tobias Monteiro; Notas de
 Pedagogia e Psicologia Normal e Patológica, Plínio
 Olinto; Vocábulo e Locuções da Língua Portuguesa,
 Guilherme Bellegarde, trazendo a polêmica dele e de
 Laet com Camilo Castelo Branco
 793 – Physique (pequena). Ganot
 794 – Senhora de Engenho. Mário Sete
 795 – As Virgens Amoras. Teo Filho
 796 – Terras do Demo. Aquilino Ribeiro
 797 – Máximas do Marquês de Maricá
 798 – Manual de Estética
 799 – Discours de la Méthode
 800 – Storia della Litteratura Italiana. Francesco de Sanctis

SINOPSE CRONOLÓGICA

- 1881 – 13 de maio – No Rio de Janeiro, à Rua Ipiranga, nº 18, nasce Afonso Henriques de Lima Barreto, filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto.
 – 13 de outubro – É batizado na igreja matriz de N. S. da Glória, no Rio de Janeiro.
 1887 – dezembro – Falece, no Rio de Janeiro, Amália Augusta Barreto, mãe do escritor.
 1888 – março – Começa a freqüentar a Escola Pública, regida pela professora Teresa Pimental do Amaral, à Rua do Resende, nº 143-A, Rio de Janeiro.
 1889 – agosto – João Henriques, pai do escritor, é promovido de chefe de turma a mestre das oficinas de composição da Imprensa Nacional.
 1890 – 11 de fevereiro – João Henriques é demitido da Imprensa Nacional.
 – 5 de março – João Henriques é nomeado escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador.
 – novembro – Afonso recebe, como prêmio escolar, um exemplar da obra de Luís Figuier: *As grandes invenções*.
 1891 – março – Matricula-se, como aluno interno, no Liceu Popular Niteroiense, dirigido por William Cunditt.
 – 20 de março – João Henriques é promovido a almoxarife das Colônias de Alienados da Ilha do Governador.
 1893 – 30 de dezembro – João Henriques é nomeado administrador das Colônias.
 1895 – 12 de janeiro – Afonso faz exame de Português, no Ginásio Nacional, Rio de Janeiro. Aprovado simplesmente.
 1895 – 17 de agosto – Faz exame de Francês. Aprovado simplesmente.
 1896 – 10 de janeiro – Faz exames de História Geral e do Brasil. Aprovado simplesmente.
 – 29 de janeiro – Faz exame de Aritmética. Aprovado simplesmente.
 – março – Matricula-se, como aluno interno, no Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro, à Rua Haddock Lobo (curso anexo de preparatórios à Escola Politécnica).

- 1897 – 28 de janeiro – Faz exame de Desenho Geométrico Elementar, na Escola Politécnica (exame vestibular). Aprovado simplesmente.
- 5 de fevereiro – Faz exame de Inglês, no Ginásio Nacional. Aprovado simplesmente.
 - 16 de março – Faz exames de Álgebra, Geometria, Trigonometria Retilínea e Álgebra Superior, na Escola Politécnica (vestibular). Aprovado simplesmente em todas essas cadeiras.
 - 1º de abril – Faz exame de Física e Química, no Ginásio Nacional. Aprovado simplesmente.
 - 2 de abril – Matricula-se; como ouvinte, na segunda cadeira do segundo ano do Curso de Engenharia Agrônômica da Escola Politécnica (Zoologia).
 - 7 de abril – Faz exame de História Natural, no Ginásio Nacional. Aprovado.
 - 10 de abril – Matricula-se no primeiro ano do Curso Geral da Escola Politécnica.
 - novembro – Faz exame das cadeiras do primeiro ano. Aprovado em Física. Reprovado nas demais.
- 1898 – abril – Matricula-se novamente no primeiro ano da Politécnica.
- novembro – Faz exames de Cálculo e Geometria Descritiva, cadeiras que faltam para completar o primeiro ano. Reprovado em ambas.
- 1899 – 15 de fevereiro – Faz exames de segunda época. Aprovado em Geometria, reprovado em Cálculo.
- 1899 – 1 de maio – Renova a matrícula no primeiro ano. Matricula-se no segundo, como ouvinte.
- novembro – Faz exame de Cálculo. Reprovado.
- 1900 – 15 de fevereiro – Faz exame de Cálculo em segunda época. Nova bomba.
- Viagem a Barbacena, em exercícios práticos da cadeira de Topografia.
 - novembro – Faz exame de Cálculo mais uma vez, sendo aprovado. Faz, ao mesmo tempo, exame das cadeiras do segundo ano. É aprovado em todas, exceto em Mecânica Racional.
- 1901 – 21 de fevereiro – Faz exame de Mecânica, em segunda época. Reprovado.
- abril – Matricula-se no segundo ano, pois continua repetente em Mecânica. Matricula-se também no terceiro ano, como ouvinte.
- 1902 – março – Reprovado novamente em Mecânica.
- agosto – João Henriques, pai do escritor, enlouquece.
 - 30 de agosto – Lima Barreto inicia a sua colaboração n'A Lanterna, jornal de estudantes.

- A Família Lima Barreto muda-se da Ilha do Governador para o Rio de Janeiro, indo residir no Engenho Novo, à Rua Vinte e Quatro de Maio, nº 123.
 - 10 de outubro – João Henriques tira uma licença de três meses, para tratamento da saúde.
 - novembro – Lima Barreto presta novo exame de Mecânica. Nova reprovação.
 - Com Bastos Tigre, edita um periódico de efêmera duração: *A Quinzena Alegre*.
- 1903 – 2 de março – Decreto, aposentando João Henriques de Lima Barreto do cargo de administrador das Colônias de Alienados da Ilha do Governador.
- 12 de março – Lima Barreto é reprovado em Mecânica, pela quinta vez.
- 1903 – 31 de março – Matricula-se novamente no segundo ano e, como ouvinte, no terceiro.
- Colabora no *Tagarela*, jornal humorístico de Raul, Klixtó e outros, sob o pseudônimo de Rui de Pina.
 - 18 de junho – Inscreve-se no concurso para o preenchimento de uma vaga de amanuense na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra.
 - 9 de julho – É classificado em segundo lugar no concurso para a Secretaria da Guerra, com 6 7/20; o primeiro colocado obtivera 6 11/20.
 - 12 de agosto – Aparecimento do semanário *O Diabo*, de Bastos Tigre e outros; deu apenas quatro números e contou com a colaboração de Lima Barreto.
 - 27 de outubro – Nomeado amanuense da Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra.
 - 28 de outubro – Toma posse do cargo.
 - Passa a residir em Todos os Santos, à Rua Boa Vista, nº 76.
 - Durante alguns meses, exerce as funções de secretário da *Revista da Época*, dirigida por Carlos Viana.
- 1904 – Começa a escrever *Clara dos Anjos* (primeira versão).
- 1905 – 28 de abril – Inicia no *Correio da Manhã* uma série de reportagens, sem assinatura, sob o título: “Os subterrâneos do morro do Castelo”.
- 3 de junho – Publica o *Correio* a última das reportagens da série acima referida.
 - 12 de julho – Data do prefácio das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*: por essa época provavelmente começou a escrever o livro.
- 1906 – 8 de outubro – Data do prefácio de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*; tudo indica que escreveu este livro, que só veio a ser publicado em 1919, em fins de 1906 e parte de 1907.

- 1906 – 10 de outubro – Entra em licença para tratamento da saúde, até 15 de janeiro de 1907 (fraqueza geral, diz o exame médico).
- 1907 – abril – Começa a trabalhar no *Fon-Fon*, como redator.
- 20 de junho – Em carta a Mário Pederneiras, demite-se da redação do *Fon-Fon*.
 - 25 de outubro – Primeiro número da *Floreal*, onde inicia a publicação do *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.
 - 12 de novembro – Segundo número da *Floreal*.
 - 1 de dezembro – Terceiro número da *Floreal*.
 - 31 de dezembro – Quarto e último número da *Floreal*.
- 1909 – fevereiro – Antônio Noronha Santos segue para a Europa, levando os originais do *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, entregues ao editor A. M. Teixeira, em Lisboa.
- dezembro – É posta à venda, no Rio de Janeiro, a primeira edição do *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.
 - Com Antônio Noronha Santos, edita um panfleto contra a candidatura de Hermes da Fonseca à presidência da República. Intitula-se *O Papão* – “semanário dos bastidores da política, das artes e... das candidaturas”.
- 1910 – setembro – Toma parte no júri da Primavera de Sangue.
- Viagem a Juiz de Fora.
 - 1º de dezembro – Entra em licença na Secretaria da Guerra, para tratamento da saúde, até 28 de fevereiro de 1911. Impaludismo, diz o exame médico.
- 1911 – janeiro – Começa a escrever o *Triste fim de Policarpo Quaresma*.
- março – Termina o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.
 - 20 de abril – Começa a colaborar na *Gazeta da Tarde*, cujo redator-chefe é Vítor Silveira.
- 1911 – 11 de agosto – O *Jornal do Commercio* (edição da tarde), inicia a publicação em folhetins do *Triste fim de Policarpo Quaresma*.
- 12 de agosto – Participa do movimento para a criação da Academia dos Novos, patrocinada pelo jornal *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara.
 - 19 de outubro – O *Jornal do Commercio* (edição da tarde) publica o último folhetim do *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.
- 1912 – 1 de fevereiro – Licença para tratamento da saúde até 30 de abril do mesmo ano (reumatismo poliarticular, hipercinese cardíaca).
- 27 de junho – É posto à venda *O Chamisco ou o Querido das mulheres*. As-

- sim o anuncia *O Riso*: “*O Chamisco ou o querido das mulheres*. O *nec plus ultra* da literatura brejeira. Desopilante história de um conquistador irresistível. Este belo livrinho contém cinco nítidas gravuras. Preço 1\$500. Pelo correio, 2\$000. Pedidos a A. Reis & Cia. R. do Rosário, 99. Telef. 3803. Rio de Janeiro”.
- setembro – Publica os dois fascículos conhecidos das *Aventuras do Doutor Bogóloff*: I – Fiz-me, então, diretor da Pecuária Nacional, e II – Como escapei de “salvar” o estado dos Carapicus.
 - 10 de setembro – Aparece *Entra, Senhórr!...*, edição da revista *O Riso*. No anúncio, publicado na mesma revista, lê-se o seguinte: “*Entra, Senhórr!...* Sensacional romance humorístico. Narrativa de episódios interessantes, passados na alcova de uma horizontal. Belíssimas fotografias ornaram esse hilariante romance. Preço 1\$500. Pelo correio, 2\$000. Pedidos a A. Reis & Cia. R. do Rosário, 99. Telef. 3803. Rio de Janeiro.”
- 1913 – 13 de setembro – Muda-se para a Rua Major Mascarenhas, nº 42, em Todos os Santos.
- 1914 – 19 de junho – Começa a escrever, diariamente, uma crônica para o *Correio da Noite*, jornal de Vítor Silveira, secretariado por Emílio Alvim.
- julho – Participa do movimento para a fundação da Sociedade dos Homens de Letras.
 - 18 de agosto – Primeira estada no Hospício, de 18 de agosto a 13 de outubro.
 - 1º de novembro – Licença para tratamento da saúde, até 31 de janeiro do ano seguinte (neurastenia, segundo o exame médico).
- 1915 – 15 de março – O jornal *A Noite* inicia a publicação, em folhetins, de *Numa e a ninfa*.
- 27 de março – Inicia a primeira fase da sua longa colaboração na *Careta*, que vai até 24-6-1916.
- 1916 – 26 de fevereiro – Aparecimento, em volume, do *Triste fim de Policarpo Quaresma*.
- junho – Viagem a Ouro Fino (Minas Gerais).
 - 16 de junho – Licenciado para tratamento da saúde, até 17 de julho do mesmo ano (neurastenia, com anemia pronunciada, opina a junta médica que o examinou).
 - 25 de dezembro – Inicia a sua colaboração no *A.B.C.*, semanário político, dirigido a princípio por Ferdinando Borla e depois por Paulo Hasslocher e Luís de Moraes.

- 1917 – *julho* – Recolhido, enfermo, ao Hospital Central do Exército.
- Entrega ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos os originais de *Os Bruzundangas*, que só aparecerão em volume em dezembro de 1922, um mês após a morte do escritor.
 - *21 de agosto* – Em carta a Rui Barbosa, declara-se candidato à Academia Brasileira de Letras, na vaga existente com a morte de Sousa Bandeira. A inscrição não foi considerada.
- 1917 – *setembro* – Aparecimento da segunda edição do *Recordações do escrívão Isaías Caminha*.
- Aparecimento de *Numa e a ninfa*, em volume.
- 1918 – *17 de janeiro* – Começa a publicar no vespertino *Lanterna* uma série de crônicas, sob o pseudônimo de Dr. Bogóloff.
- *11 de maio* – Lança no A.B.C. o seu manifesto maximalista, que termina com o grito de guerra: “*Ave, Rússia!*”
 - *25 de julho* – Num artigo, publicado no semanário *Brás Cubas*, sob o título: “*Vera Zassúlitch*”, manifesta a sua simpatia pela Revolução Russa (“Não posso esconder o desejo de ver um [movimento] semelhante aqui”...).
 - *29 de julho* – Requer aposentadoria do seu cargo na Secretaria da Guerra, “*julgando-se inválido para o serviço público e contando mais de 10 anos, nos termos da Constituição e das leis*”.
 - *17 de agosto* – Submete-se à primeira junta médica, que o examinou e que o considera inválido para o serviço público, por “*sofrer de epilepsia tóxica*”.
 - *1º de setembro* – Licenciado para tratamento da saúde, até 27 de dezembro do mesmo ano.
 - *4 de novembro* – É recolhido ao Hospital Central do Exército com a clavícula fraturada. Ali fica até 5 de janeiro de 1919.
 - *9 de novembro* – Remete a Monteiro Lobato os originais do *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.
 - *27 de novembro* – Segundo exame médico, para efeito da aposentadoria. Resultado idêntico ao primeiro.
 - *26 de dezembro* – Decreto do presidente da República, aposentando Afonso Henriques de Lima Barreto, terceiro oficial da Diretoria do Expediente do Ministério da Guerra. Tempo líquido de serviço público: 14 anos, 3 meses e 12 dias.
 - Muda-se para a Rua Major Mascarenhas, nº 26.

- 1919 – *1 de fevereiro* – Suspende a sua colaboração no A.B.C., pelo fato de ter sido publicado nessa revista um artigo contra a raça negra.
- *22 de fevereiro* – É posta à venda a primeira edição do *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.
 - *24 de fevereiro* – Candidato à Academia, na vaga de Emílio de Meneses, obtém dois votos nos primeiro e segundo escrutínios e apenas um voto nos terceiro e quarto.
 - *20 de março* – Começa a publicar no semanário *Hoje* uma série de crônicas de folclore urbano, intituladas: “*As mágoas e sonhos do povo*”.
 - *13 de setembro* – Inicia a segunda fase da sua colaboração na *Careta*, só interrompida com a morte.
 - *30 de outubro* – Nova eleição para a vaga de Emílio de Meneses. É eleito Humberto de Campos.
 - *25 de dezembro* – Segunda estada no Hospício, até 2 de fevereiro de 1920.
- 1920 – *4 de dezembro* – Apresenta-se candidato ao prêmio da Academia Brasileira de Letras para o melhor livro publicado no ano anterior, com o *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.
- *dezembro* – Aparece, nas livrarias, *Histórias e sonhos*.
 - *dezembro* – Entrega ao editor Schettino os originais de *Marginália*, que se perderam.
- 1921 – *janeiro* – Publica um trecho do romance: *O cemitério dos vivos* – “*As origens*”, na *Revista Sousa Cruz*.
- *abril* – Viagem a Mirassol (Estado de São Paulo).
 - A Academia Brasileira de Letras concede menção honrosa ao *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.
 - *junho (?)* – Aparece o *Gonzaga de Sá* “de roupa nova” (expressão de Monteiro Lobato); o editor trocara a capa, colocando os dizeres: “menção honrosa da Academia Brasileira de Letras” e pôs o livro novamente em circulação.
- 1921 – *1º de julho* – Apresenta-se candidato à Academia, na vaga de Paulo Barreto (João do Rio).
- *agosto* – Entrega, ao editor os originais de *Bagatelas*, que só vão aparecer em 1923.
 - *28 de setembro* – Retira a sua candidatura à Academia, na vaga de Paulo Barreto, “por motivos inteiramente particulares e íntimos”.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

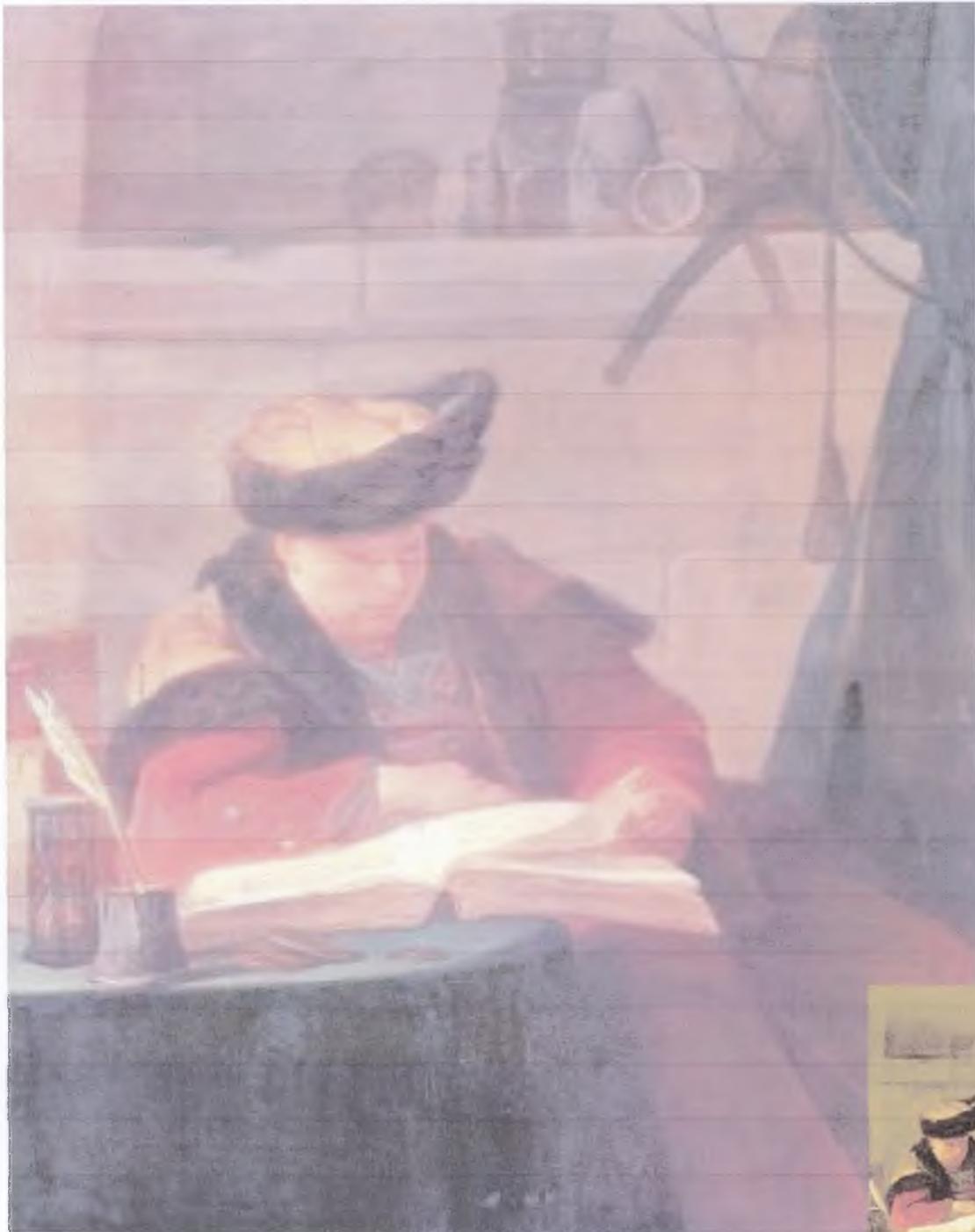
- *outubro e novembro* - Publica na *Revista Sousa Cruz* a conferência: "O Destino da Literatura", a única que fez e que deveria ter sido pronunciada em Rio Preto (Estado de São Paulo), por ocasião da sua estada em Mirassol.
 - *dezembro* - Começa a escrever *Clara dos Anjos* (segunda versão), que terminou em janeiro do ano seguinte.
- 1922 - (?) - Entrega ao editor Schettino os originais de *Feiras e mafuás*.
- *maio* - Na revista *O Mundo Literário*, publica o primeiro capítulo do romance inédito: *Clara dos Anjos* - "O Carteiro".
 - *1º de novembro* - Falece, no Rio de Janeiro, à Rua Major Mascarenhas, nº 26, às 17 horas (gripe torácica e colapso cardíaco).
 - *3 de novembro* - Falece, no Rio de Janeiro, o pai do escritor.

ANEXO 03

“LE PHILOSOPHE LISANT”

Pintura de Jean-Baptiste-Siméon Chardin

Fonte: www.google.com.br



Le Philosophe lisant (1734
Jean-Baptiste-Siméon Chardin¹

¹ **Jean-Baptiste-Siméon Chardin** (Paris, 1699 - Paris, 1779) foi um dos mais célebres pintores do barroco francês. Em 1724 tornou-se membro da Academia de São Lucas e, quatro anos mais tarde, foi aceite na Academia de Paris. Tornou-se então célebre pelas suas naturezas-mortas, representações de frutos e animais. Embora não fosse um pintor de cenas históricas, anos mais tarde, formou parte do Conselho e, em 1755, tornou-se tesoureiro da Academia. Faleceu, quase cego, em 1779, na cidade de Paris. Fonte: www.pt.wikipedia.org, em 27/02/2007.

ANEXO 04

**Nota de *Diário Íntimo*, de 1908
&
Conto “Missa do Galo”, de Machado de
Assis**

Fonte: 1) BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Op. cit., p.1275-1278.

2) ASSIS, Machado et alii. “Missa do Galo”. In: *Obras Primas do Conto Brasileiro*. São Paulo: Martins, s/d.

Sobre o humorismo. Pôr tudo na história do riso de Schopenhauer.

O sentimento do doente nas outras crises. Brigas etc. Falta tudo.

Mulher bonita é que não falta nesta vida; o que falta é a mulher de que a gente goste.

1908

5 de janeiro

O ano que passou foi bom para mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti-me no alfabeto; em 1897, matriculei-me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco, no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei uma opinião aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens escritores. Falou da nossa literatura sem sinceridade, cerebral e artificial. Sempre achei a condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade. O jacto interior que a determina é irresistível e o poder de comunicação que transmite à palavra morta é de vivificar. Agora mesmo acabo de ler o Carlyle, *Hero Worship*, no herói profeta, Maomé, que ele diz ser um sincero, acrescentando: "*I should say sincerity, a deep, great, genuine sincerity is the first characteristic of all men in any way heroic*". O Veríssimo disse coisa semelhante, dizendo-nos que a glória dos segundos românticos, do Castro Alves, do Fagundes, do Laurindo, do Casimiro, era imperecível, tinha-se incorporado à sorte da nação, porque eles tinham sido sobretudo sinceros. Concordei, porque me acredito sincero. Sê-lo-ei? Às vezes, penso ser; noutras vezes, não. Eu me amo muito; pelo amor em que me tenho, com certeza amarei os outros.

A *Floreal* vai mal.

No dia 2, fui à casa do M. A. Ele vive amancebado com uma rapariga portuguesa, de vinte e quatro anos; por aí. Tenho ido lá várias vezes, sempre cheio de suspeitas que me queiram armar alguma cilada. É besta e infantil tal

suposição. Eu não compreendo a ligação dos dois. Ele quase não dorme lá, passa dias sem lá ir; sob os pretextos mais infantis, passa as noites fora. Corre que tem outra amante; suspeito que tem um sócio na mulher. Eu julgo que ele não dorme em casa, para deixar o outro dormir; entretanto, pelas conversas dos dois, há noites em que dorme. Ela não o ama; ela o quer para descansar da vida fatigante, aborrecida, trabalhosa, de mulher pública. Moram numa casa de duzentos mil-réis de aluguel, têm um trem de vida de trezentos; não saem juntos; se se encontram na rua, não se falam. É enigmático. Porque se mantêm juntos, que soma de interesses representa tal ligação? A mulher é pouco para o homem que é; e o homem etc. etc.

Fui lá, dizia, entrei para a sala de jantar, sentei-me e ela veio ao meu encontro:

— ... não está.

Tinha ido a um jantar, disse-me ela. Tinha esquecido o *rendez-vous* etc. etc.

Em começo, tive uma alegria de devasso — quem sabe? — que passou depressa e felizmente. Ela sentou-se na minha frente, fumei desesperadamente e conversei. Nunca estive tão bem. Tenho vinte e seis anos e, até hoje, ainda não me encontrei com uma mulher de qualquer espécie de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós; mesmo quando a cerveja, a infame cerveja, me embriaga e me faz procurar fêmeas, é um encontro instantâneo, rápido, de que saio perfeitamente aborrecido e com a bebedeira diminuída pelo abatimento.

A Cecília, tal é o seu nome, é pequena, dá-me pelo peito; é pálida, com aquela palidez *mate* das prostitutas um tanto diminuída; simples de inteligência, não tem quatro idéias sobre o mundo, aceita o seu estado, acha-o natural, não deita arrependimentos, tem vontade de empregar as elegâncias que aprendeu com as francesas dos grandes bordéis em que andou (Valéry, Richard, etc., etc.). Para mim, apesar da sua maneira de apertar a mão com as pontas dos dedos, ela me fica sendo sempre uma cachopa dos arredores do Porto, meiga, simples, ignorante e um tanto obstruída de inteligência, que um vendaval de miséria trouxe para esta África disfarçada, diminuindo em sua mãe o sentimento de família, aproveitada essa diminuição pela concupiscência dos patrícios que lhe atiraram à grande prostituição, acenando-lhe com a riqueza e a fortuna, que ela não alcançou; talvez porque fosse fundamentalmente boa. Eu a tenho observado muito e, com grande medo da minha inexperiência, eu a quero boa, doce, sem arrependimento, mas a desejar um casamento que a nobilite e eleve. Quando saio de sua casa, depois de sua ingenuidade, depois de sentir que a prostituição lhe roçou de leve, posso dizer com M. de Vogué, a respeito da *Casa dos Mortos*, de Dostoievski: fico contente em ver que a nossa humanidade é melhor. Sinto por ela que há um cristal de pureza inalterável como núcleo eterno da pessoa humana, e

que raramente ele se desagrege, mesmo sob o império das mais baixas degradações por que possamos passar.

Essa rapariga, que viu bordéis, ladrões, estelionatários, rufiões e jogadores; que se meteu em orgias, que certamente se atirou a desvios da sexualidade; aparece-me cândida, ingenua e até piedosa. Estou a ver daqui os seus cabelos castanhos, os seus olhos de um azul desmaiado, e não sei por que me lembram Maria Madalena. Há não sei que separação entre o seu passado e presente e a sua alma verdadeira, que tenho um delicioso bem-estar em vê-la. É como se ela me trouxesse "uma redoma de alabastro cheia de bálsamo". Nessa tarde, eu, com vinte e seis anos, e ela, com vinte e quatro, ainda muito lembrada da vida antiga, conversamos, das seis e meia às dez horas, inocentemente, e creio que saí com os pés ungidos de nardo, mal enxugados pelos seus lindos cabelos. Eu a olhava com o meu olhar pardo, em que há o tigre e a gazela, de quando em quando, e ela, sempre, constantemente, me envolvia com o seu olhar azul, macio e sereno, que lhe iluminava o sorriso de afeto, eterno e constante, espécie de riso da natureza fecunda, e amorável por uma manhã límpida e suave de maio, quando as flores desabrocham para frutos futuros.

Nunca mais hei de me esquecer desta sua frase:

— Senhor Barreto, M.!. não está. O senhor janta e depois vai se embora, não é?

Esse "depois vai se embora" foi dito com tal singeleza, com tal espontaneidade, como se pronunciasse uma donzela ou uma senhora casada. E quantas destas seriam capazes de dizer isso com tanta candura?!!

Por que razão o destino tê-la-ia prostituído e atravessado no caminho da minha vida?

No jantar, nunca foi tão cordial a nossa palestra.

— Não, faça cerimônia, senhor Barreto. Gosta de feijão?

— Muito, e a senhora?

— Muito também.

— Admira...

— Os portugueses gostam...

— O feijão tem uma coisa — disse eu — é feio...

— Mas é gostoso — acrescentou ela alegre — e como muita gente feia, mas gostosa.

Depois do jantar, conversamos longamente; não vi como a conversa começou e resvalou para coisas de jogo, de mulheres.

Ela bebeu mais que de hábito, e houve um instante que ela me disse, ao tomar um copo de vinho, cheia daquela espontaneidade que dominou a entrevista toda:

— Eu não posso viver sem gostar de alguém.

É de tarde, chove, embora assim olho a janela, para ver se dou no céu com um pouco daqueles seus olhos de azul límpido, com aquele seu sorriso

de florescimento da natureza... É feia a tarde, névoa cerrada, moinha de carvão no ar...

Como a prostituição me parece sagrada; se não fora ela, esta minha mocidade, órfã de amor, de carinho de mulher, não teria recebido esse raio louro de um sorriso e de um olhar, para me recordar esse misterioso amor que se sofre, quando se o tem, e se padece, quando se não o tem.

Abro o *Cântico dos Cânticos*, leio um versículo a esmo:

“Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda: ouviu-se na nossa terra a voz da rola...”

Chove... Vou para a cadeira de balanço. Vou fumar e sonhar...

24 de janeiro

A esquadra americana, forte de quinze navios grandes e não sei quantas torpedeiras e *destroyers*, já saiu. Trazia uma tripulação de dezesseis mil homens, que, aos dois mil e três mil, encheram a cidade diariamente. Era tripulação variada. Trazia gente de diversas nacionalidades: franceses, portugueses, italianos, turcos, alemães; trazia negros e mulatos, alguns destes bem postos e fortes. Tomei um “pifão” uma noite e andei experimentando o meu inglês com alguns. Foi um fiasco. Observei fisionomias. Algumas lindas; nunca vi nas mais lindas mulheres brancas daqui o tom doce de uma fisionomia de marinheiro que me caiu sob os olhos. Entre nós, as fisionomias são mais secas, contraídas, cheias de fogo, mas não tem a limpidez dessas fisionomias saxônicas, que a gente vê nas reproduções dos quadros dos pré-rafaelistas. Há alguma coisa de primitivo nelas, de um primitivo sem selvageria, um sentimento do além, do desconhecido, visto por anjos delicados. Os selvagens são sempre graves; nós somos sempre graves, quando não, uns abandonados às contrações sagradas do “purismo”.

Mesmo a Cecília e as portuguesas que conheço não têm esse ar de arcanjo que o marinheiro me fez ver. Por falar nela, voltei lá na penúltima quinta-feira. Não trouxe nenhuma convicção. A conversa foi falsa. M... estava lá, com toda a sua burrice e falta de poesia.

Quarta-feira última, chegando à secretaria, deram-me um convite para assistir à saída da esquadra de bordo de um navio do Lloyd. Fui, depois de hesitar muito.

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei.

É triste não ser branco.



NUNCA pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era do escrivão Meneses, que fôra casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. As dez horas da noite tôda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez ouvindo dizer a Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; êle não respondia, vestia-se, saía, e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amôres com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe a "santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos.

No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era

mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar, pode ser até que não soubesse amar...

→ Naquela noite de Natal foi o *escrivão* ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver “a missa do galo na Côte”. A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala de frente, vestido e pronto. Dalí passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o *escrivão*, eu levaria a outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo êsse tempo? — perguntou a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, os “Três Mosqueteiros”, velha tradução, creio, do “Jornal do Comércio”. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo negro de D’Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas. Mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visita à de jantar; levantei a cabeça: logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? — perguntou ela.

— Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não despertada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! quall! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; parecia não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse

para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas a hora já há de estar próxima — disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme. E esperar sózinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos “Mosqueteiros”.

— Justamenté: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a “Moreninha”?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvi-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada, ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre êles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o quê, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fêz sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que ba-

lanço no andar, como quem lhe custava levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas idéias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Côrte, e não queria perdê-la.

— É a mesma missa da roça; tôdas as missas se parecem.

— Acredito, mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Côrte é mais bonita que na roça; São João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros e menos magros do que se poderia supor. A vista não era nova para mim, pôsto também não fôsse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à bôca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando dêles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, sêco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, reprimia-me:

— Mais baixo. Mamãe pode acordar.

Então saía daquela posição, que me enchia de gôsto tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recôrdo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O quê? — perguntou ela, inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe; acordando custume a dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não — atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sôbre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Um das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me

recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos — disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois, francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista dêles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que fôr, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Pensó que cheguei a abrir a bôca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça a minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeios, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando pensou no passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saía da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala — disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie do sono magnético, ou que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua o silêncio era completo.

— Chegamos a ficar por algum tempo — não posso dizer quanto — inteiramente calados. O rumor único e escasso era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dêle, mas não achei modo. Conceição

parecia estar devaneando. Súbitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do Galo! Missa do Galo!"

— Aí está o companheiro — disse ela levantando-se. — Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo e êle é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? — perguntei.

— Naturalmente.

— Missa dô Galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor adentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos.

Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a, como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que se casara com o escrevente juramentado do marido.

(PÁGINAS RECOLHIDAS)